

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

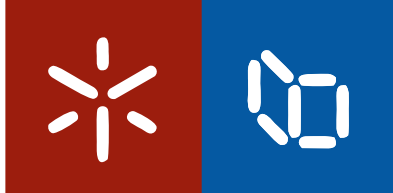
Marc Anthony da Silva Rodrigues

**Contextos de Uso para o Texto Literário:
Subsídios para um Mapeamento-Literário
da Cidade de Braga**

Marc Anthony da Silva Rodrigues **Contextos de Uso para o Texto Literário: Subsídios para um Mapeamento-Literário da Cidade de Braga**

UMinho | 2020

janeiro de 2020



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Marc Anthony da Silva Rodrigues

**Contextos de Uso para o Texto Literário:
Subsídios para um Mapeamento-Literário
da Cidade de Braga**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Português Língua Não Materna
(PLNM) – Português Língua Estrangeira (PLE)
E Língua Segunda (PL2)

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Micaela Ramon

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Doutora Micaela Ramon pela orientação, pelo encorajamento e por todas as oportunidades ao longo deste caminho.

Agradeço também à Doutora Sílvia Araújo, do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, pela ajuda nas etapas iniciais (e cruciais) da conceção do mapa; ao Doutor Miguel Bandeira, vereador da Câmara Municipal de Braga responsável, entre outros, pelo Património e Urbanismo, pela ajuda com questões de toponímia e geolocalização dos excertos; e ao Dr. Eduardo Jorge Madureira Lopes, diretor editorial da coleção “Braga, Cidade Bimilenar”, por responder às minhas dúvidas sobre o *corpus*.

Meu muito obrigado aos meus pais, António e Libânia, à minha irmã, Joana, e ao meu cunhado, Rui, por todo o apoio, ensinamentos, carinho e amizade, sem os quais a realização desta dissertação não teria sido possível. À minha tia Paula, ao meu tio Domingos, à minha prima Inês e ao meu primo Daniel: obrigado por sempre me receberem como um filho e irmão.

Ao Félix, por ser o melhor gato do mundo.

Por fim, à minha namorada Dafne, a pessoa que sempre acreditou em mim, que me ensinou a acreditar também, e que tantas vezes foi o meu fio de Ariadne quando tudo parecia labiríntico: esta vitória também é tua, e um obrigado é pouco para exprimir toda a minha gratidão.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Contextos de Uso para o Texto Literário: Subsídios para um Mapeamento-Literário da Cidade de Braga

Resumo

A literatura é uma forma de viagem. Graças a ela, é possível conhecer paisagens, pessoas e perspetivas sem sair do lugar. Mas há quem se inspire nessa deslocação metafórica e decida procurar no mundo real o rasto dos lugares associados às obras e aos seus autores. A esses viajantes dá-se o nome de “turistas literários”. O turismo literário é uma prática que tem crescido em popularidade, e cada vez mais cidades do mundo oferecem atividades do género de forma a preservar e a divulgar a sua literatura e património. Braga, cidade bimilenar e terra natal de vários autores, tem enorme potencial para o turismo literário. Tendo em conta isso, propusemos criar de um mapa literário de Braga, o *BragaLit*, para ilustrar o potencial do turismo literário para a preservação e divulgação não só do património material e imaterial da cidade, mas também da língua portuguesa.

Esta dissertação está estruturada em duas partes. A primeira enquadra e contextualiza o conceito heterogéneo de turismo literário numa perspetiva histórica e literária e dá exemplos concretos desta. Na segunda parte, descrevemos, passo a passo, todo o processo de criação do mapa literário, desde a recolha dos excertos à construção do mapa com a ferramenta *uMap*. Por fim, a criação do mapa literário possibilitou visualizar o legado literário de Braga e a sua associação aos lugares da cidade e demonstrou que já existe uma base sólida para explorar o turismo literário na cidade.

Palavras-chave: literatura, mapa literário, mapeamento digital, turismo cultural, turismo literário.

Contexts of Use for the Literary Text: Contributions to a Literary Mapping of the City of Braga

Abstract

Literature is a form of travel: it enables us to get to know places, people and perspectives, all without having to leave home. This metaphorical dislocation, however, often inspires readers to search in the real world for the trace of the places associated with the works and their authors. We call those travelers “literary tourists”. Literary tourism is a practice that has grown in popularity over the years, and more and more cities all over the world offer this type of activity in hopes of preserving and promoting their literature and heritage. Braga, a two-thousand-year city and homeland to many authors, has great potential for literary tourism. With that in mind, we have undertaken to create a literary map of Braga, *BragaLit*, to illustrate the potential of literary tourism in sponsoring the city’s material and immaterial heritage, but also celebrating the Portuguese language.

This thesis is divided into two parts. The first frames and contextualizes the heterogeneous concept of literary tourism from a historical and literary perspective and gives concrete examples of the practice. In the second part, we describe, step by step, the whole creation process of our literary map, from collecting the excerpts to building it using the *uMap* tool. Finally, our literary map enables us to visualize the literary legacy of Braga and its association to the places in the city and proves that there is already a solid basis to explore literary tourism in Braga.

Keywords: cultural tourism, digital mapping, literary map, literary tourism, literature.

Índice

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	IX
LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES.....	X
INTRODUÇÃO.....	1
PARTE 1 – PARA UMA CARACTERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE “TURISMO “E “LITERATURA”	3
1 Literatura e turismo.....	4
1.1 Introdução	4
1.2 Relações entre literatura e turismo	4
1.2.1 Literatura de turismo	6
1.2.2 Literatura de viagens	7
1.3 Turismo literário.....	9
1.4 Conclusão.....	10
2 Turismo literário.....	11
2.1 Introdução	11
2.2 O que é o turismo literário?	11
2.3 Origens do turismo literário	12
2.4 Tipos de turismo literário.....	14
2.5 Experiências de turismo literário.....	17
2.5.1 Casas-museu.....	17
2.5.2 Festivais literários	20
2.5.3 Hotéis literários e hotéis-biblioteca	23
2.5.4 <i>Tours</i> literários.....	25
2.5.5 Mapas e guias literários	25
2.6 A realidade do turismo literário em Braga.....	28
2.7 Contribuição do turismo literário para o prestígio da língua	29
2.8 Conclusão.....	31

PARTE 2 – ELABORAÇÃO DE UM MAPA LITERÁRIO DE BRAGA.....	34
1 Escolha da plataforma.....	35
2 Escolha das ferramentas.....	36
3 Seleção do <i>corpus</i>	38
4 Recolha e anotação dos excertos literários.....	40
5 Criação do mapa literário.....	41
6 Uso do mapa (interface do utilizador).....	47
7 Aspetos a melhorar.....	52
CONCLUSÃO.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	56
Obras do “corpus”.....	56
Bibliografia crítica.....	56
Relatórios oficiais de atividades.....	59
Sites <i>web</i> e jornais <i>online</i>	60
ANEXOS.....	66
Anexo I - Acesso ao mapa.....	67
Anexo II – Excertos do “Corpus”.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

API	Application Programming Interface
ASET	Association of Scientific Experts in Tourism
BD	Base de Dados
BLCS	Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva
CBC	Canadian Broadcasting Corporation
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CSV	Comma-Separated Values
DRCA	Direção Regional de Cultura a Norte
FBA	Fundação Bracara Augusta
Flip	Festa Literária Internacional de Paraty
FOLIO	Festival Literário Internacional de Óbidos
GPS	Global Positioning System
ISBN	International Standard Book Number
MNS	Museu Nogueira da Silva
MS	Microsoft
OSM	OpenStreetMap
UTF-8	8-bit Unicode Transformation Format
WGS84	World Geodetic System 1984

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 2.1 Hotel Literary Man, em Óbidos.....	24
Figura 2.2 Captura de tela do Literary Map of NWC.....	27
Figura 2.3 Literary London Map.....	27
Figura 5.1 Exemplo da área delimitada no mapa.....	42
Figura 5.2 Alteração do ícone.....	43
Figura 5.3 Passos de importação de camadas.....	44
Figura 5.4 Listagem das camadas importadas.....	44
Figura 5.5: Marcadores não agregados.....	45
Figura 5.6: Marcadores agregados.....	45
Figura 5.7 Pop-up com excerto no mapa.....	46
Figura 6.1 Barra de ferramentas do mapa.....	48
Figura 6.2 Menu de acesso à biobibliografia do autor.....	50
Figura 6.3 Biobibliografia de Maria Ondina Braga presente na página do BragaLit.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Obras e autores do corpus.....	38
--	----

INTRODUÇÃO

Haworth, norte de Inglaterra, por volta de 1850. É com um ar de impaciência que Arthur Bell Nicholls escuda o Reverendo Patrick Brontë, já octogenário, procurando protegê-lo das garras da turba aglomerada ao longo do caminho entre a igreja e o presbitério onde a família vive. Desde a morte da sua esposa Charlotte, filha de Patrick, é Arthur quem auxilia e acompanha o Reverendo no dia-a-dia, em que cenas como essa se vêm tornando cada vez mais frequentes. Arthur sabe que não é orientação espiritual que a multidão ávida procura – o que ela quer é tocar na capa do chefe, e único membro sobrevivente, do célebre clã literário Brontë (Lemon, 1996).

Arthur, Patrick e as irmãs Brontë já se foram há muito, mas a afluência de turistas a *Haworth* nunca diminuiu. Pelo contrário: em 1999, quase 150 anos depois da morte de Charlotte, o berço das irmãs Brontë era o segundo sítio literário mais visitado do mundo, sendo apenas superado por *Stratford-upon-Avon*, terra natal de Shakespeare (Orme, 1999). Na esperança de vislumbrar a inspiração por trás das paisagens descritas e das histórias contadas em *Jane Eyre* ou *Wuthering Heights*, milhares de turistas, autênticos peregrinos, visitam todos os anos o Yorkshire e a antiga casa da família Brontë, hoje o *Brontë Parsonage Museum*, mantido pela *Brontë Society*. Se o legado literário da família Brontë é hoje indissociável daquela localidade, é porque ajudou a forjar a sua identidade tanto quanto se inspirou nela – nas palavras de Virginia Woolf, "Haworth expresses the Brontës; the Brontës express Haworth; they fit like a snail to its shell (Lemon, 1996, pp. 124–125)."

O caso das irmãs Brontë não é único nem invulgar. De fato, verifica-se que o turismo literário – nome que se dá à prática de visitar lugares associados a obras literárias ou aos seus autores (Quinteiro & Baleiro, 2017) – tem vindo a crescer a uma grande velocidade. Para saciar o interesse dos turistas, há casas-museu como o *Brontë Parsonage Museum* (a Goethehaus, em Frankfurt, e a Casa José Saramago, em Lanzarote, são outros exemplos), mas também festivais literários (como a Festa Literária Internacional de Paraty, no Brasil, ou o Festival Literário Internacional de Óbidos) e mapas e itinerários literários (para seguir os passos da personagem

Anne, de *Anne of Green Gables*, pela Prince Edward Island, no Canadá, ou para descobrir a Inglaterra de Jane Austen, por exemplo).

Nesta dissertação, procuraremos entender a ligação entre turismo e literatura, com ênfase no turismo literário, ramo em constante expansão, mas sem esquecer outras das suas manifestações, como a literatura de turismo e a literatura de viagem. Proporemos também a criação de um mapa literário da cidade de Braga. De fato, cidades como Lisboa, Sintra, Porto e mais marcadamente Óbidos têm vindo a apostar no turismo literário, seja através da ação das câmaras municipais ou de agências de turismo privadas (Cavaleiro, 2013). Braga, apesar de beneficiar de iniciativas de entidades como a Fundação Bracara Augusta (FBA), o Museu Nogueira da Silva (MNS) e a Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva (BLCS), que têm tido um papel importante na promoção de momentos relacionados com a literatura na agenda cultural da cidade, não se pode ter como uma cidade com iniciativas sólidas no âmbito do turismo literário. E é essa lacuna que pretendemos preencher, pelo menos em parte, com a criação do nosso mapa literário, construído a partir de relatos de diferentes escritores sobre a cidade de Braga, reunidos pela FBA, na coleção intitulada “Braga, cidade bimilenar”.

O nosso trabalho organiza-se da seguinte maneira: a primeira parte apresenta o enquadramento teórico, onde vamos, através da revisão da bibliografia existente, refletir sobre os conceitos de literatura de turismo, de literatura de viagens e de turismo literário e suas manifestações. A segunda parte dá conta do processo de criação do nosso mapa literário de Braga, descrevendo as suas características e sugerindo alguns contextos de aplicação real. Espera-se, com isso, não só abrir caminho para a divulgação da prática do turismo literário em Braga, mas também contribuir para a promoção e a valorização da literatura e da cultura bracarense através do conhecimento da cultura e da língua portuguesas, graças ao texto literário.

PARTE 1 – PARA UMA CARACTERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE “TURISMO “E
“LITERATURA”

1 Literatura e turismo

1.1 Introdução

Nas secções abaixo, iremos debruçar-nos sobre a relação entre a literatura e o turismo. A partir de uma definição do conceito de turismo e da compreensão da forma como este se manifesta, iremos traçar os pontos comuns que podem ser estabelecidos com a literatura. Posteriormente, serão apresentadas algumas manifestações das articulações entre ambos, de forma a ilustrar essa relação.

1.2 Relações entre literatura e turismo

Segundo Quinteiro & Baleiro, a “ausência de um campo teórico bem definido” faz com que o conceito de turismo derive “do entrecruzar dos estudos realizados em múltiplas áreas científicas”¹ e, por consequência, não encontre consenso (2017, p. 14). Uma definição popular, adotada pelas autoras, é a da World Tourism Organization (2008, p. 1), reproduzida abaixo:

Tourism is a social, cultural and economic phenomenon which entails the movement of people to countries or places outside their usual environment for personal or business/professional purposes. These people are called visitors (which may be either *tourists* or *excursionists*; residents or non-residents) and tourism has to do with their activities, some of which imply *tourism expenditure*.

No entanto, a inclusão de viagens profissionais na esfera do turismo não é unânime: o professor e historiador N. Jayapalan, do Government Arts College de Karur, na Índia, seguindo a definição da Association of Scientific Experts in Tourism (ASET), estipula que um dos traços caracterizadores do turismo é o facto de este não estar associado a nenhuma atividade que envolva rendimentos para quem o pratica (2001). Da mesma maneira, J. Christopher Halloway e Neil Taylor definem o turismo como uma atividade feita no tempo livre, e não durante o trabalho ou outras atividades obrigatórias (2006). De todas as maneiras, é necessário ter em conta o facto de que um turista pode alterar o seu perfil durante uma viagem ou estadia. De facto, um viajante em negócios pode buscar novas experiências culturais e de lazer. Por exemplo, um

¹ O historiador N. Jayapalan já tinha feito uma declaração similar em 2001: “[the] complex nature of tourism phenomenon implies that various academic disciplines are involved in its study (2001, p. 1).”

estudo do Booking.com chegou à conclusão de que 50% dos viajantes inquiridos vêem a viagem de negócios como uma oportunidade de conhecer novas culturas e 46% como uma oportunidade de conhecer novas cidades. Quando questionados se viam uma viagem de trabalho como uma oportunidade de realizar férias, 20% responderam que sim – o que prova que o tipo de atividade realizada numa viagem de negócios não é restrita ao trabalho (Booking.com, 2016). Da mesma maneira, um viajante em férias pode ter um blogue sobre viagens a partir do qual retira um rendimento, contrariando a definição da ASET. No fim das contas, qualquer que seja o motivo principal da deslocação, interessa saber que as noções de lazer e de escapismo estão intimamente associadas ao conceito de turismo, e que é neste ponto que se estabelece a ligação entre turismo e literatura.

Turismo e literatura “are both leisure activities pursued for pleasure, distinguishing themselves from work, even though reading and travelling are also work activities in everyday life” (Mansfield, 2015, p. 19). A necessidade que o ser humano sente de escapar ao quotidiano faz com que ele procure distrações (Quinteiro & Baleiro, 2017) e, para esse efeito, tanto o turismo como a literatura proporcionam uma sensação de evasão. Nas palavras de Magadán Díaz & Rivas García,

la literatura es una forma de hacer turismo, un viaje objetivo por los sitios reales y un viaje sugerido por la especial mirada y el ritmo del escritor. Leer es viajar con la imaginación (2012, p. 9).

Mas essa viagem não é só metafórica – uma obra literária também pode inspirar uma deslocação de facto, graças ao que Díaz & García descrevem como “necesidad o curiosidade de querer comprobar el parecido entre la realidad y la descripción plasmada en las obras” (2012, p. 9). Assim, a literatura assume um papel de reagente sobre o lugar, revelando um atrativo turístico até mesmo nas zonas mais triviais. Pocock explica que

[i]maginative literature contributes to environmental knowing, being an important ingredient in our anticipation of, and encounter with, places. Writings, both by and about particular authors, may give rise to class of “valuable” landscape – that is, one which is valued because of associational qualities and not in the first instance from intrinsic beauty (Pocock, 1987, p. 135).

A esses textos literários que têm a capacidade de promover o turismo, Quinteiro & Baleiro dão o nome de literatura de turismo. De acordo com as autoras, esses textos acrescentam valor turístico a lugares, promovem a reflexão sobre o turismo e retratam práticas do mesmo (Quinteiro & Baleiro, 2017). Nas secções seguintes, iremos explorar a noção de literatura de turismo e o conceito aparentado de literatura de viagens. Também faremos uma breve introdução ao turismo literário, que é assunto principal desta dissertação, o qual trataremos com mais pormenor no capítulo 2 desta primeira parte.

1.2.1 Literatura de turismo

Quinteiro & Baleiro, seguindo Harold Hendrix, explicam que a literatura de turismo é um subgénero literário “virtual” cuja existência “depende, em absoluto, da receção e da exegese que [dela] é feita” (2017, p. 24). A literatura de turismo seria, portanto, uma categoria potencial: pode englobar um conjunto de textos pertencentes aos géneros literários mais variados (romance, memórias, poesia, ...) desde que estes “[encerrem] em si mesmos potencialidades que [permitam] uma dada receção dos textos a partir do prisma dos estudos em literatura e turismo” (2017, p. 24). Uma dessas potencialidades é o facto de poderem instigar o leitor a empreender uma viagem turística com o objetivo de estender a experiência de viagem para lá daquela proporcionada pelo livro – em outras palavras, a literatura de turismo promove o turismo (2017, p. 24). Por essa razão, os textos de literatura de turismo também impulsionam o estudo sobre a atividade turística em geral e sobre o turismo literário em particular (2017, p. 24).

Um ótimo exemplo de literatura de turismo é *O Código Da Vinci*, de Dan Brown. Esse bestseller mundial (mais de 80 milhões de cópias vendidas) contribuiu significativamente (e em grande parte por si só) para o *boom* turístico que atingiu a Capela de Rosslyn, na Escócia (Venticinque, 2016). Mais tarde, em 2007, o número de visitantes aumentou ainda mais por causa da adaptação cinematográfica de 2006. Graças a esse interesse renovado, a Capela de Rosslyn recebeu um financiamento de 4.9 milhões de libras, valor que contribuiu para a sua restauração («Rosslyn Chapel Timeline», sem data). Mas a Capela de Rosslyn não foi a única: lugares como a Igreja de São Sulpício, em Paris, ou a Capela Chigi, em Roma, também beneficiaram do “Dan Brown effect”, que é como a indústria do turismo qualifica o impacto

causado pelos livros do autor americano nos lugares em que decide ambientar as suas histórias (Harrod, 2016).

Outro exemplo interessante é o livro *Lisboa - O que o turista deve ver*, de Fernando Pessoa. Trata-se, mais especificamente, de um caso singular no mundo dos guias turísticos. Em geral, estes são de carácter meramente informativo e carecem de literariedade. No entanto, a obra de Fernando Pessoa, “não obstante o elevado pendor informativo, tem um ritmo dinâmico que modela a paisagem patrimonial de Lisboa de acordo com a visão do seu autor” (Quinteiro & Baleiro, 2017, p. 26), aliando literatura e turismo. Além disso, a figura de Fernando Pessoa também é um grande atrativo para o turismo literário da cidade de Lisboa. Por seu lado, o livro *Viagem ao Tejo com Pessoa na bagagem*, de Egid Gstättnner, tem uma ligação especial com *Lisboa - O que o turista deve ver*. O autor austríaco passeia pela cidade de Lisboa, como um turista que observa, descreve, questiona e opina sobre o que vê na capital portuguesa. Trata-se de um livro de literatura de viagem que mistura o real e o imaginário, nomeadamente através das hipotéticas conversas entre Fernando Pessoa e o escritor italiano Italo Svevo, que acabam por se tornar os “guias” do narrador. A obra, já enriquecida pelos seus intertextos, adentra o rol do turismo literário graças às descrições de Lisboa (sua gastronomia e arquitetura) e do lisboeta – em suma, tudo o que o turista deve ver.

1.2.2 Literatura de viagens

É difícil definir o conceito de literatura de viagens e destriçar com rigor o que faz e o que não faz parte deste género (Borm, 2017) ou subgénero (Cristóvão, 1999) literário. Segundo Jonathan Raban (citado em Thompson, 2011, p. 11),

travel writing is a notoriously raffish open house where different genres are likely to end up in the same bed. It accommodates the private diary, the essay, the short story, the prose poem, the rough note and polished table talk with indiscriminate hospitality.

Thompson (2011, p. 11) debruça-se sobre a questão da heterogeneidade na literatura de viagens e explica que “[if] all travel involves an encounter between self and other that is brought about by movement through space”, então “all travel writing is at some level a record or product of this encounter, and of the negotiation between similarity and difference that it entailed.” Nessa mesma veia, Fernando Cristóvão afirma que a literatura de viagens é o fruto do casamento de

várias áreas, como a literatura, a história e principalmente a antropologia, porque “[narra] acontecimentos diversos relativos à viagem” (Cristóvão, 2010, p. 9).

Uma forma de tentar traçar uma fronteira mais estável para o género é contemplar a sua temática principal: a viagem. De acordo com Cristóvão (1999, p. 15), a literatura de viagens pode-se definir como “um conjunto de textos que à viagem foram buscar temas, motivos e formas que, na sua globalidade, se identificam como um conjunto autónomo, distinto de outros conjuntos textuais.” Thompson (2011, p. 10) vai mais longe, afirmando que a escrita pode “offer a narration of the events that occurred during the writer’s travels” mas também “[offer] an account not of the actual travelling but of just the new perspectives or the new information acquired through travel.” Finalmente, Quinteiro & Baleiro (2017, p. 21) propõem que a literatura de viagens “[assenta] em narrativas cuja característica fundamental é a descrição de uma viagem (real ou imaginária).” Contudo, vale ressaltar que a inclusão da viagem imaginária na literatura de viagens não é unânime: este é o caso de Mary Campbell, que define o livro de viagens como “a kind of witness” que é “generically aimed at the truth” (1991, pp. 1–2). No entanto, é preciso notar que, na prática, tal distinção é por vezes difícil de fazer.

A discussão em torno da problemática relativa à distinção entre facto e ficção na literatura em geral e na literatura de viagens é um assunto complexo, e não é o objetivo deste trabalho prolongarmo-nos a refletir sobre ele. Não obstante, dada a necessidade de delinear aquilo que consideramos ser literatura de viagens neste trabalho, decidimos adotar uma categorização mais restritiva. Definimos, portanto, a literatura de viagens como a narrativa de uma viagem (supostamente) real que pode ou não conter elementos ficcionais, descrevendo com verossimilhança a experiência de viagem do autor.

Neste género, o livro *As Viagens*, de Marco Polo, é tido como um exemplo canónico. Esta obra apresenta um relato sóbrio e detalhado dos lugares, povos e culturas que Marco Polo visitou nas suas viagens comerciais. Apesar da sua veracidade ser até aos dias de hoje alvo de discussão no seio académico, *As Viagens* não deixa de ser uma obra influente no contexto da literatura de viagem e um relato fascinante do Médio Oriente e da Ásia Central durante a segunda metade do século XIII, bem assim como dos contactos entre Oriente e Ocidente.

Por fim, a obra *Diários de Motocicleta*, de Ernesto Che Guevara, também serve de bom exemplo do género. Trata-se do relato de uma viagem de mota feita pelo então jovem médico, com o seu amigo Alberto Granado, pela América Latina. Ele fornece uma descrição rica da realidade social da época e das dificuldades da viagem física e psicológica, que atesta a consciencialização política e social daquele se viria a tornar um dos nomes principais da revolução cubana. *Diários de Motocicleta* também são o testemunho de um intercâmbio cultural e social que incentiva o leitor a seguir os passos de Che pela América Latina. Pode-se dizer que, nesse caso, existe uma sobreposição entre os géneros literatura de viagens e literatura de turismo. Isso é expectável: de facto, ‘literatura de viagens’ “is a very loose generic label and has always embraced a bewilderingly diverse range of material” (Thompson, 2011, p. 11). É ainda Thompson (2011, p. 11) quem explica que

[s]imultaneously, and partly as a result of this intrinsic heterogeneity, travel writing has always maintained a complex and confusing relationship with any number of closely related (indeed, often overlapping) genres.

No entanto, para Hendrix, não se deve incluir toda a literatura de viagens na literatura de turismo. Para ele,

[...] such connection exists only in a few particular cases, where on the one hand authorship can be explicitly linked to tourist practices, and where on the other hand the literary representation of space adds to its value as a tourist attraction (Hendrix, 2014, p. 22).

Em outras palavras, os textos de literatura de turismo apresentam referências explícitas a práticas turísticas e encerram representações do espaço que adquirem o valor de atrações turísticas, quando percecionadas desse ângulo (Hendrix, 2014, p. 23).

1.3 Turismo literário

Uma outra manifestação da relação entre o turismo e a literatura é o turismo literário. A existência de um conjunto de obras literárias com uma forte ligação com o local e a viagem, que incentivam o leitor a tornar-se turista, deram origem a este tipo de turismo que tem vindo a crescer por todo o mundo. Esta é uma manifestação muito clara da relação entre literatura e o

turismo e o principal tema desta dissertação, ao qual dedicamos o próximo capítulo de forma a aprofundar melhor este conceito.

1.4 Conclusão

Neste capítulo, vimos que a ligação entre turismo e literatura é forte e duradoura e pode-se explicar pelo facto de que ambos os atos – o de viajar e o de ler – implicam uma deslocação (literal e metafórica, respetivamente) e culminam na expansão da mundividência do indivíduo que os pratica. Também vimos que essa ligação se pode manifestar através da literatura de turismo e da literatura de viagem, e também através do turismo literário. Este último fenómeno será objeto de uma análise aprofundada no capítulo seguinte.

2 Turismo literário

2.1 Introdução

Neste capítulo, tentaremos compreender o conceito de turismo literário a partir das definições propostas por diferentes especialistas, assim como explorar as origens do turismo literário e as evoluções tecnológicas e sociais que permitiram o seu desenvolvimento.

2.2 O que é o turismo literário?

Sílvia Quinteiro e Rita Baleiro, na esteira de Shelagh J. Squire (1996) e de Nicola J. Watson (2009), definem turismo literário como “um tipo de turismo associado aos lugares que ficaram celebrizados pelas descrições literárias ou pelas suas ligações às personagens dos textos literários” mas que consiste também “na prática de visitar lugares associados a escritores e aos seus textos” (2017, p. 36).

De uma forma mais geral, o turismo literário é tido como uma modalidade do turismo cultural (Mintel 2011; Magadán Díaz & Rivas García, 2012, p. 10) ou patrimonial (Herbert, 2001; Squire, 1996). Por sua vez, a distinção entre turismo cultural e patrimonial nem sempre é clara – de fato, essas duas formas de turismo tendem a sobrepor-se parcialmente. Anne Hoppen (2011, p. 12), baseando-se na definição do National Trust for Historic Preservation (EUA), explica que

[t]he main difference, however, is that heritage tourism is more “place-based” in that it creates a “sense of place rooted in the local landscape, architecture, people, artefacts, traditions and stories that make a particular place unique”, while cultural tourism is broadly concerned with the same types of experiences as heritage tourism, but at the same time less concerned with place.

Dado o caráter um tanto vago da definição acima, parece-nos interessante propor que a afiliação do turismo literário a uma ou outra categoria depende da perspetiva de análise que se pretende adotar. Assim, poderíamos considerar que o turismo literário se enquadra no turismo patrimonial se queremos estudar a sua contribuição para a construção desse “sentido de lugar” – em outras palavras, se o nosso objetivo é entender o impacto desse fenómeno na construção

da tapeçaria que constitui o património cultural de um lugar. Por outro lado, se o foco da nossa análise é a relação entre literatura e turismo, e mais especificamente o convite à viagem feito pela literatura, poderíamos considerar que o turismo literário é uma manifestação do turismo cultural.

Além disso, Robinson & Andersen associam o turismo literário ao turismo criativo (2003), noção de que Quinteiro & Baleiro discordam parcialmente. De facto, as autoras explicam que o turismo criativo, pelo seu carácter experiencial, requer a participação ativa do turista². Sendo assim, apenas algumas atividades do turismo literário (por exemplo, a participação em *workshops* de escrita ou sessões de declamação) podem ser vistas como turismo criativo (Quinteiro & Baleiro, 2017). Por fim, Graham Busby e Julia Klug colocam o turismo literário dentro do *media-related tourism*, isto é, turismo que envolve lugares celebrados pela sua associação aos diferentes tipos de meios de comunicação social, como livros e autores, filmes e programas de televisão (2001). A variedade dessas propostas, que enfatizam diferentes aspetos do turismo literário, deixa entrever a complexidade do fenómeno.

2.3 Origens do turismo literário

Há quem defenda que as primeiras manifestações de turismo literário datam da Idade Média. Este é o caso de Charlie Mansfield, que refere o costume da encenação de *mistérios* em cidades como Paris e Londres e a peregrinação para contemplar livros relíquia (Mansfield, 2015). Mas a verdade é que, já na Roma antiga, turistas faziam visitas a Troia, guiadas pelos versos da *Ilíada* de Homero (Feifer, 1985). Outro destino cultural popular na época era Nápoles – antiga colónia grega, a cidade “provided an ideal journey into the golden past” (Feifer, 1985, p. 15), e não só graças ao seu ginásio e ao seu anfiteatro:

There, the tourist lived à la grecque: speaking Greek and dressing in a Greek-casual mode of household tunic and chlamys (long shawl) instead of the usual toga. At villa house-parties, the poetry dinner (recitations of verse between courses) was particularly appropriate (Feifer, 1985, p. 15).

² As autoras basearam-se na definição de turismo criativo de Richards & Raymond (2000, p.19): “Tourism which offers visitors the opportunity to develop their creative potential through active participation in courses and learning experiences which are characteristic of the holiday destination where they are undertaken”.

E para além de abrigar uma “próspera” comunidade literária (Feifer, 1985, p. 15), Nápoles também era a cidade de Virgílio. H. D’Arms (2003) conta que, mais de um século depois da morte do autor da *Eneida*, os poetas Estácio e Sílio Itálico foram prestar-lhe homenagem na sua última morada, supostamente à procura de inspiração além-túmulo (Vessey, 2010). E não foram os únicos: grandes nomes da literatura, como Petrarca e Bocaccio, também o fizeram na Idade Média (Trapp, 1984).

A prática do turismo literário também está associada ao *Grand Tour*, a tradicional viagem pela Europa empreendida por jovens abastados “em busca da arte, da cultura e das raízes da civilização ocidental”, praticada entre os séculos XVII e XIX (Gross, 2008). É durante a sua *Grand Tour*, em 1699, que o poeta e ensaísta inglês Joseph Addison tem a ideia de criar um “new kind of guidebook” baseado nas obras de Horácio, Virgílio “and the other great poets of Latin antiquity”, “describing the landscapes and temples of their verses, seeing Italy as they had” (Feifer, 1985, p. 98).

Por último, os avanços sociais (de que se destacam as férias remuneradas) e tecnológicos (por exemplo, a invenção do transporte ferroviário e a navegação a vapor), propulsionados pela revolução industrial, facilitaram o acesso ao lazer (antes apanágio da elite), tornando-o disponível para as demais classes sociais (Feifer, 1985, p. 166).

Hoje em dia, o turismo literário vê-se impulsionado também pelo cinema e pela televisão, aquilo a que Busby & Klug chamam de *movie-induced tourism* (2001). De facto, adaptações cinematográficas ou televisivas de obras literárias levam milhares de turistas a visitar atrações e locais associados com o turismo literário. Um excelente exemplo é do turismo em Prince Edward Island (P.E.I.) associado à obra da autora L. M. Montgomery, principalmente a *Anne of Green Gables*, o seu livro mais popular. *Anne of Green Gables* tornou-se um sucesso instantâneo aquando da sua publicação, em 1908, mas desde 1919 vem tendo adaptações audiovisuais periódicas que lhe renovam o interesse (Hermann, 2019), principalmente fora dos países anglófonos. É o que aconteceu no Japão com o surgimento da série animada de TV *Akage no An* (“Red-haired Anne”, em inglês), cuja enorme popularidade explica a devoção dos turistas japoneses que ainda hoje se deslocam em massa à idílica Prince Edward Island onde viveu a protagonista (Dawes, 2017). Além disso, em 2017, a série *Anne with an E*, produzida e

distribuída globalmente pela Netflix, apresentou a história da ruivinha órfã a toda uma nova geração de fãs, mais de um século depois da sua publicação original; no mesmo ano, P.E.I. voltou a bater recordes de turismo (pela quarta vez consecutiva) graças, em parte, às novas oportunidades criadas pela série (Tourism PEI, 2018).

2.4 Tipos de turismo literário

Dentro da prática de turismo literário, podemos observar dois tipos mais comuns. O primeiro é um tipo de turismo que tem o seu foco em locais relacionados com a vida de um determinado autor. O leitor pode querer visitar a casa onde o escritor viveu, o local onde escreveu uma obra importante ou até mesmo a sua campa para lhe prestar homenagem (Watson, 2009, p. 33). O segundo é um tipo de turismo que tem principalmente o foco em locais mencionados na obra literária. Esta pode popularizar locais através do seu enredo e das suas personagens. Magadán Díaz & Rivas García (2012, p. 9) explicam que

A través de la lectura uno se fabrica el turista literario sus lugares fetiche a la medida de su imaginación. Los recuerdos de las lecturas, como los recuerdos de las mejores imágenes, vertebran el eje emocional de cualquiera y eso deja huella sentimental y cultural.

Nesse caso, o turista literário procura inserir o local imaginado num lugar real, visitando paisagens, ruas, habitações e outros tipos de locais que estejam relacionados ou que se assemelhem aos descritos nas suas obras preferidas, com o objetivo de ampliar a sua experiência de leitura (Herbert, D.T, 1996, p. 77; Magadán Díaz & Rivas García, 2012, p. 9).

Exemplos do primeiro tipo, ao qual Mike Robinson & Hans Christian Andersen (2003) dão o nome de *personality-based tourism*, são casas-museu, edifícios relacionados com o escritor e onde é possível ver objetos associados ao mesmo (Herbert, D.T, 1996, p. 77): por exemplo, a Casa Fernando Pessoa (em Lisboa), a Casa de Camilo Castelo Branco (em Seide, Famalicão), ou ainda o Brontë Parsonage Museum (em West Yorkshire, Inglaterra); placas comemorativas invocando marcos na vida ou a morte do escritor, de que são exemplo as dedicadas a Ramalho Ortigão (na Foz do Douro) e a Umberto Eco (na Sydney Writers Walk, na Austrália); e ainda estátuas homenageando escritores locais ou com alguma ligação ao sítio: as de Fernando Pessoa e Luís de Camões (em Lisboa), a de Franz Kafka (em Praga) ou a de Mark Twain (em

Utah, nos Estados Unidos). Também se integra nessa modalidade a visita a cemitérios ou panteões, à qual Nicola J. Watson dá o nome de necro-turismo (2006, p. 33). No Mosteiro dos Jerónimos, por exemplo, é possível visitar as campas de Camões, de Fernando Pessoa e de Alexandre Herculano; no Panteão Nacional, as de Sophia de Mello Breyner Andresen ou de Almeida Garret; e no Westminster Hall and Burying Ground, em Baltimore, nos Estados Unidos, a campa de Edgar Allan Poe³ é a principal atração.

Contudo, é necessário referir que o turismo baseado em personalidades não é uma prática exclusiva do turismo literário. Outras personalidades de fora do mundo literário, como atores, políticos, desportistas, entre outros, são objeto do mesmo tipo de turismo. Por isso, Robinson & Andersen afirmam que é o turismo baseado na obra literária, e não em personalidades, que é mais emblemático e característico do turismo literário (Robinson & Andersen, 2003).

Um exemplo do segundo tipo, o *tourism based on creative art* (Robinson & Andersen, 2003, p. xiv), são os festivais literários. Nestes festivais, o turista literário pode interagir com o escritor, colocar questões sobre a sua obra e pedir autógrafos. Ao mesmo tempo, os festivais literários permitem ao autor promover o seu trabalho (Mintel, 2011; Robinson & Andersen, 2003).

Apesar destes festivais também terem algum foco no autor, homenageando muitas vezes nomes célebres da escrita, é de notar que, geralmente, o seu objetivo é celebrar a literatura como arte. Festivais literários são comuns no mundo inteiro, desde o Edinburgh International Book Festival, no coração da capital escocesa, ao Festival Literário Internacional de Óbidos, na vila portuguesa homónima. Outro exemplo são os parques temáticos baseados em textos literários, mais frequentemente textos infantis, havendo também parques destinados a um público adulto (Quinteiro & Baleiro, 2017). Estes parques podem ser uma recriação temática de uma obra ou do universo literário de determinado autor, com recriações cénicas e reconstruções

³ Um caso peculiar envolvendo a campa de Egar Allan Poe é o do "Poe Toaster": um visitante mascarado que, durante cerca 60 anos, nas primeiras horas do aniversário do escritor (19 de Janeiro), visitou a sua campa em Baltimore para fazer um brinde com Cognac, deixar três rosas e por vezes bilhetes escritos. Pensa-se que essa homenagem anónima aconteceu pela primeira vez 1949 (centenário da morte de Poe), sendo que a última aparição do "Poe Toaster" foi em 2009 (no 200º aniversário do autor). O mistério em volta da identidade do autor (ou autores) das homenagens, contribuiu para a criação de uma mitologia envolvendo a campa, sendo que mesmo hoje, sem o "Poe Toaster" original, uma cerimónia pública é realizada no aniversário do autor onde a homenagem continua a ser feita. (Eschner, 2017)

de cenários, cujo objetivo é criar no turista um sentimento de viagem pelo mundo imaginário. Este é o caso de Dickens World, em Kent, na Inglaterra, ou o Tolstoy Experience, em Moscovo (Irvine, 2007; Swift, 2007).

Turistas também acorrem a livrarias e bibliotecas em busca da representação física da literatura: o livro. Manfield (2015, p. 31) explica que “visiting the book as an artefact” é uma prática que data, pelo menos, da Idade Média, motivada pelo “drive to draw closer to the author or the act of composition”. Normalmente, o turista literário procura pequenas livrarias independentes, que chamam a atenção pelas suas publicações de qualidade, e alfarrabistas, com a sua oferta de livros raros e antigos (Hoppen, 2011). Exemplos marcantes são a Livraria Lello, no Porto, e a Shakespeare & Company, em Paris, fundada em 1951 por George Whitman⁴. Por fim, tanto as livrarias como as bibliotecas proporcionam muitas vezes uma experiência arquitetónica e histórica além da experiência literária.

Vale ressaltar que os dois tipos de turismo literário mencionados acima (*personality-based* e *creative-based*) não são categorias perfeitamente estanques. De fato, dizer que uma prática se encaixa mais num tipo de turismo literário não impede que também apresente algumas características da outra. A própria natureza simbiótica da relação autor – obra não permite uma separação total entre os dois tipos de turismo literário.

Uma outra forma de turismo que partilha uma ligação muito próxima com o turismo literário é o turismo promovido por filmes e séries, através do cinema e da televisão (Busby & Klug, 2001). Ambos são formas de comunicação que incentivam, através da representação de lugares e personagens, a viagem turística com o objetivo de expandir a experiência do espectador e de juntar o real ao imaginado (Busby & Klug, 2001). Além disso, como afirma Pocuk (2014), muitas obras têm beneficiado de uma grande difusão através da televisão e do cinema. Este é o caso de Harry Potter, de J.K. Rowling, triunfo de livraria e de bilheteira. Com efeito, os livros atingiram, em 2018, a marca de 500 milhões de exemplares vendidos, em 80

⁴ Uma outra livraria famosa com o mesmo nome existiu em Paris entre 1919 e 1941, fundada por Sylvia Beach e encerrada durante a Segunda Guerra Mundial. Esta livraria era o ponto de encontro de grandes nomes da literatura, como Ezra Pound, Ernest Hemingway, Djuna Barnes, James Joyce, entre outros. A livraria que atualmente existe abriu inicialmente com o nome “Le Mistral”, tornando-se posteriormente Shakespeare & Company em homenagem à livraria original. A primeira, apesar de ser um local histórico e um ponto de interesse literário, não pode ser considerada um exemplo de turismo de livrarias porque está encerrada.

línguas (*500 million Harry Potter books sold worldwide, 2018*), fazendo da série a mais vendida da história da literatura; por seu lado, os filmes arrecadaram, até 2018, cerca de 8.5 bilhões de dólares mundialmente, segundo a página de estatísticas *Statista* (2018). Estes números tornam o universo Harry Potter na terceira franquia cinematográfica mais rentável de sempre, ficando atrás apenas do universo Marvel e Star Wars. Portanto, é difícil dizer qual dos dois média tem mais peso no panorama turístico em volta de Harry Potter.

2.5 Experiências de turismo literário

Neste apartado, iremos detalhar, com exemplos, algumas das experiências de turismo literário mais comuns. A multiplicidade temática da literatura, que é tão variada quanto o mundo em que se inspira, faz com que possa haver um cruzamento entre o turismo literário e outros tipos de turismo, como atestam práticas como a experiência gastronômica Queirosiana ou o turismo rural presente nos Caminhos de Jacinto, associados à obra de Eça de Queiroz, A Cidade e as Serras. Por essa razão, o turismo literário tem a capacidade de agir como elo de ligação entre a história, a cultura e o património de um lugar.

De forma a observar o impacto económico, cultural e social do turismo literário, apresentaremos algumas estatísticas quanto a números de visitantes. O objetivo deste trabalho não é realizar um estudo de mercado, mas tais dados servem para ilustrar não só o crescimento do turismo literário, mas também a forma como este pode influenciar o espaço que o rodeia.

2.5.1 Casas-museu

Neste ponto, vamos abordar o conceito de casas-museu, já mencionado na secção 2.3, explorando alguns exemplos com mais detalhe. No âmbito deste trabalho, concentramo-nos em casas-museu dedicadas a escritores, nomeadamente os lugares onde viveram e onde escreveram a sua obra. Muitas casas-museu transcendem a esfera museológica, propondo desde tertúlias a jantares e caminhadas literárias e fornecendo uma experiência completa de turismo literário, atraindo cada vez mais turistas.

O Reino Unido é lar de um grande número de casas-museu de escritores ilustres. Dublin tem a Oscar Wilde's House, dedicada a Oscar Wilde, e em Dublin, o James Joyce Center⁵, dedicado a James Joyce, juntamente com o James Joyce Tower and Museum; Shakespeare tem o Shakespeare Birthplace Trust, em Stratford-upon-Avon (sua vila natal), e o Shakespeare's Globe, em Londres; William Wordsworth tem o Dove Cottage, em Lake District, no condado da Cumbria, e a família Brontë tem o Brontë Parsonage Museum, em Haworth, West Yorkshire.

O Brontë Parsonage Museum é a casa onde a família Brontë viveu entre 1820 e 1861 (*Bronte Parsonage Museum—Haworth*, sem data). Transformada em museu em 1928 (*About us: Welcome to the Brontë Society*, sem data) e gerida pela Brontë Society, é lá que foram escritas obras como *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, *Wuthering Heights* (1847), de Emily Brontë, e *The Tenant of Wildfell Hall* (1848), de Anne Brontë. Hoje em dia, principalmente graças à família Brontë, o turismo é a principal atividade económica de Haworth (Historic England, sem data). Segundo a Brontë Society, foram registadas 88.000 visitas no ano de 2017 (8.000 a mais do que no ano de 2016), resultando num aumento de 20% nas receitas geradas pela entrada de público (*Museum celebrates increase in visitor numbers*, sem data).

No Canadá, na Ilha do Príncipe Eduardo, a casa-museu Green Gables Heritage Place celebra o legado da obra de Lucy Maud Montgomery, *Anne of Green Gables*. O próprio edifício foi construído à imagem da Green Gables fictícia, entrelaçando o real e o imaginário. Ali, os visitantes podem conhecer as personagens do livro, principalmente Anne; participar em piqueniques que refletem o estilo de vida vitoriano descrito na obra; seguir itinerários pautados por locais que evocam icónicas cenas literárias; além de fazer visitas guiadas à casa (*Things to do—Green Gables Heritage Place*, 2018). O impacto de *Anne of Green Gables* na ilha é notável, trazendo milhares de turistas anualmente. Em 2010, uma notícia do jornal digital *Independent*, colcova Anne como responsável por um terço dos 370 milhões de dólares provenientes do turismo, indústria que na data era a terceira maior indústria⁶, a seguir à agricultura e à pesca (AFP, 2011). Mais recentemente, em 2017, com a estreia da série televisiva *Anne With an E*,

⁵ James Joyce nunca viveu na 35 North Great George's Street, onde se situa o James Joyce Center. No entanto, o autor tem uma conexão com o edifício através do Prof. Denis J. Maginni, que lá tinha uma academia de dança. Maginni aparece de forma recorrente na obra *Ulysses*.

⁶ Segundo o site *The Employment Journey on PEI (Tourism: Set your sights on PEI's tourism sector*, sem data), o turismo em 2018 ocupou o segundo lugar nas maiores indústrias da ilha.

fruto de uma parceria entre a CBC e a Netflix, o mundo literário de Anne teve um novo impulso. No caso da Green Gables Heritage Place, nesse ano houve um aumento de 35% de visitantes (Yarr, 2018).

Portugal também tem várias casas-museu espalhadas por todo o seu território. Uma das mais conhecidas é a Casa Fernando Pessoa, onde o autor viveu os seus últimos quinze anos de vida. A instituição, que se dedica a divulgar o seu património literário, tem duas bibliotecas: a biblioteca da casa, acessível a todos, que contém quase a totalidade de obras escritas sobre o autor, e a biblioteca privada de Fernando Pessoa. Também é possível visitar o antigo quarto do escritor e contemplar objetos pessoais, documentos, entre outros haveres e criações do poeta (*O Museu*, 2019). No ano de 2017, a Casa Fernando Pessoa registou 32.681 visitantes (um aumento de 2.87% em relação ao ano anterior), dentre os quais 13.158 eram turistas estrangeiros (10% a mais do que no ano anterior). A popularidade da Casa Fernando Pessoa ganha ainda mais expressão se considerarmos que o número de visitantes em 2014 era de 26.731 – o que significa que houve um aumento de 22% (ou 5.950 visitantes) em apenas quatro anos (EGEAC, 2016, 2018).

Outra casa-museu importante em Portugal, esta a norte, em Seide, Vila Nova de Famalicão, é a Casa de Camilo. Construída em 1830, a casa foi habitada pelo escritor português Camilo Castelo Branco e por Ana Plácido, sua amada, de 1863 até a data da morte do escritor, em 1890. Ali Camilo escreveu a maior parte da sua obra e ali se suicidou por não suportar a cegueira e paralisia causadas pela neurosífilis (*Apresentação*, 2007). Na casa, pode-se visitar o quarto do escritor, que ainda preserva o mobiliário original. Também se pode fazer uma visita guiada à casa, visitar exposições temporárias relativas à obra camiliana, assistir a leituras encenadas, participar em discussões sobre a obra do autor (através da Comunidade de Leitores “Noites de Insónia”), entre outras experiências. A Casa de Camilo ainda conta com um Centro de Estudos Camilianos, cuja biblioteca integra o acervo pessoal do autor e a sua vasta correspondência com nomes influentes da época. Em 2017, a Casa de Camilo e o Centro de Estudos Camilianos registaram uma afluência de 21.414 visitantes (Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2018), um aumento de 53% em relação ao ano anterior, em que registaram 13.968 visitas (Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2017) – uma verdadeira façanha.

Por fim, vale mencionar o Museu da Casa de Tormes, parte da Fundação Eça de Queiroz, que tem como missão a divulgação nacional e internacional da vida e da obra do escritor. Ali, misturam-se os dois principais aspetos do turismo literário: o *personality-based* e o *creative-based*. Por um lado, a antiga Quinta da Vila Nova (onde Eça nunca viveu, mas que era a sua única propriedade em Portugal) serviu de inspiração para a criação da casa de Tormes, descrita no romance *A Cidade e as Serras* e, por sua vez, o romance motivou a mudança de nome do local real.

No Museu da Casa de Tormes, encontram-se os pertences do autor, desde documentos pessoais a mobiliário (como a mesa onde escrevia em pé), passando por prendas que recebeu de amigos, livros, e outros objetos de um valioso espólio que deixou na sua casa de Paris e que mais tarde foi trasladado pela Fundação Eça de Queiroz para a Casa de Tormes. A atividade da Fundação é variada e pensada para envolver o visitante na vida e obra de Eça: ela organiza visitas guiadas, exposições (entre as quais exposições itinerantes, enviadas para escolas), conferências sobre o autor e a sua obra, tanto em Portugal como no estrangeiro e, com grande destaque, o Jantar Queirosiano: uma experiência gastronómica que, entre outras opções, contém o arroz de favas e a canja de galinha que são descritos na obra *A Cidade e a Serra*. E, pelo que indica o seu relatório de contas relativo a 2018, todo esse investimento da Fundação tem valido a pena: com efeito, o número de turistas a visitar a Casa nesse ano alcançou os 5.063, um aumento de 11% em relação a 2017 (Fundação Eça de Queiroz, 2019).

2.5.2 Festivais literários

Os festivais literários são uma subcategoria dos festivais culturais (Hoppen, 2011) cujo propósito é a celebração da cultura literária⁷ e onde os vários intervenientes do mundo literário (leitores, autores, editoras, críticos, etc.) interagem (Weber, 2018). Um festival literário normalmente acontece num momento de alguma significância literária (Weber, 2018), por exemplo, o aniversário de um autor.

⁷ Hoje em dia, os festivais literários não se restringem à literatura, sendo cada vez mais espaços para a criação de pontes entre as várias artes. Cinema, música, artes plásticas são presenças comuns, não deixando a literatura de ter um papel central e, muitas vezes, de ligação entre as várias artes.

Como veremos abaixo, o festival literário desempenha um papel importante nas localidades em que acontece. Por um lado, contribui para a valorização do nome dessas localidades nos meios de comunicação social, originando picos de turismo e contribuindo para a criação de empregos. Por outro lado, também contribui para efeitos menos palpáveis, mas significativos, como a valorização da literatura local e do património material e imaterial, assim como para a criação de uma identidade literária local.

Portugal já conta com quase vinte anos de festivais literários. O primeiro deles foi o *Correntes d'Escritas*, na Póvoa de Varzim, criado em 2000 por ocasião do centenário de Eça de Queiroz. O *Correntes*, que já foi condecorado com um voto de louvor da Assembleia da República (*Assembleia da República atribui Voto de Louvor ao Correntes d'Escritas*, 2019), atrai todos os anos grandes nomes da literatura lusófona e estrangeira para os seus ateliês, palestras e conferências, organiza a entrega de prémios literários nas categorias de prosa e poesia, e ainda promove uma feira do livro. Em 2019, a 20ª edição teve 140 escritores participantes de 20 países e 40 livros lançados em primeira edição (Cipriano, 2019). Pode-se dizer que o sucesso do festival pioneiro abriu caminho para as mais de duas dezenas de festivais literários em território nacional.

Um deles é o FOLIO (Festival Literário Internacional de Óbidos). O FOLIO nasceu da vontade de afirmar o *status* literário de Óbidos aquando da nomeação da vila como uma das “cidades da literatura”, pela UNESCO, em 2015 (*Creative Cities Network: Óbidos*, sem data). Em pouco tempo, o FOLIO (que se inspira na Festa Literária Internacional de Paraty, no Brasil (Lucas, 2015), com o qual firmou uma parceria em 2018⁹) tornou-se uma referência no panorama literário e cultural, tanto a nível nacional como internacional, um dos pontos principais da oferta turística de Óbidos. Trata-se também do festival literário mais rentável a nível nacional: com efeito, a edição de 2016 contabilizou um retorno superior a 12 milhões de euros para um orçamento de 390 mil euros – 35% a menos do orçamento da primeira edição, realizada em 2015 (Almeida, 2017). A popularidade do festival também se mede pelo seu impacto em outros setores, como a hotelaria: a um dia do início da edição de 2016, certos hotéis apresentavam

⁹ A colaboração com o FLIP culminará na abertura de uma casa do projeto Óbidos Vila Literária em Paraty, concebida como ponto de partilha e criação literária entre Portugal e Brasil (MadreMedia & Lusa, 2018).

uma taxa de ocupação de 88% – um impacto positivo, segundo as afirmações do então Presidente da Câmara Municipal de Óbidos (Cipriano, 2016). Hoje, Óbidos – que não gozava de nenhuma ligação particular com alguma obra ou autor específicos – é um dos grandes centros para a literatura no país e uma montra para a língua portuguesa, estatuto que alcançou através das suas várias iniciativas de sucesso.

Vale também mencionar os festivais portugueses *Escritaria* (em Penafiel), *Literatura em Viagem* e *Festa da Poesia* (ambos em Matosinhos). Estima-se, por exemplo, que o retorno mediático gerado pelas menções ao *Escritaria* nos meios de comunicação, para Penafiel, gire em torno de 1.5 milhões de euros, “um valor 30 vezes superior aos 50 mil euros diretos investidos pela edilidade” (Almeida, 2017). Da mesma forma, os 5% do orçamento de Matosinhos para a cultura destinados à organização do *Literatura em Viagem* e da *Festa da Poesia* (cerca de 100 mil euros de um total de 2 milhões do orçamento da cultura) são pouco, se comparados ao retorno mediático gerado. O *Literatura em Viagem* e a *Festa da Poesia* já foram até citados no New York Times (Almeida, 2017).

Os exemplos acima mostram que festivais literários podem ser financeiramente sustentáveis e também poderosos cartões de visita. E embora Braga ainda não disponha de nenhum festival literário, talvez a sua *Feira do Livro*, que se realiza todos os anos na cidade, possa servir de ponto de partida para alguma iniciativa do género. Vale ressaltar que Braga já tem um apelo literário natural, associado, por exemplo, a escritores originários da cidade, como Maria Ondina Braga, Altino do Tojal e João Penha.

O Reino Unido é o palco de vários festivais literários, como o *Cheltenham Literature Festival*, na Inglaterra (o mais antigo festival do mundo, fundado em 1949 (*About The Literature Festival*, sem data)) e o renomado *Hay Festival of Literature & Arts*, em Hay-on-Wye, no País de Gales. O *Hay Festival*, que tem lugar anualmente desde 1988, é a principal atração cultural de Hay-on-Wye e um dos protagonistas económicos da pequena cidade de 1.869 habitantes que já era conhecida pelas suas livrarias especializadas e de segunda mão. A sua vasta programação e o seu grande leque de convidados ilustres fazem do *Hay Festival* um templo de debate de questões literárias e culturais que atrai turistas do mundo inteiro. De acordo com Charlotte Eyre (2018), num artigo da página *The Bookseller*, o festival contribuiu com cerca de 70 milhões de

libras (cerca de 81 milhões de euros) para a economia local entre 2016 e 2018. O sucesso é tamanho que o *Hay Festival* decidiu exportar a sua fórmula, começando pela Colômbia, em 2006. E até 2017, o Festival já contava com 120 edições em 20 países diferentes (*30 Years of the Hay Festival*, sem data).

Nos Estados Unidos, destaca-se o *PEN America World Voices Festival*. Organizado pela *PEN America*, que luta pela liberdade de expressão nos Estados Unidos e no mundo, o seu objetivo é ampliar caminhos para o diálogo entre os Estados Unidos e o mundo através da literatura. Desde a sua primeira edição, em 2005 (já estão na 15ª), o *PEN America World Voices Festival* “[has] presented more than 1,800 writers and artists from 118 countries speaking 56 languages in venues across New York City in a weeklong series of literary events with a human rights focus (*About Us*, 2016).”

Na América do Sul, a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), no estado do Rio de Janeiro, já é uma instituição. Desde 2003, o Festival oferece uma programação variada, cujo principal objetivo é prestigiar a língua portuguesa e a literatura brasileira (*A Flip*, sem data). Além da sua relevância cultural (por exemplo, o Festival serviu de inspiração para o FOLIO, em Óbidos), o Flip tem um papel importantíssimo na economia de Paraty. Segundo o relatório da edição de 2018, o Festival bateu o recorde de visitantes, com mais de 26 mil entradas. O projeto representa um impacto na economia de Paraty de cerca de 40 milhões de reais (aproximadamente 9 milhões de euros), o que demonstra a sua sustentabilidade. Por último, o Festival também atingiu a meta de 300 milhões de reais (aproximadamente 71 milhões de euros) em valorização nos meios de comunicação.

2.5.3 Hotéis literários e hotéis-biblioteca

Vimos na secção anterior que o sucesso dos festivais literários pode impulsionar a indústria hoteleira. Numa ótica semelhante, os conceitos de hotel literário e de hotel-biblioteca têm-se tornado cada vez mais populares. É comum a utilização do termo “hotel literário” para categorizar estes dois tipos de hotéis, o que é compreensível pela ligação que os dois têm à literatura. No entanto, essa ligação é abordada de maneiras diferentes. Enquanto os hotéis-literários se focam num autor e na sua obra, criando espaços que exploram a sua vida e os seus

mundos literários, os hotéis-biblioteca são simplesmente o resultado da convergência entre um hotel e uma biblioteca, onde os livros são os protagonistas (Quinteiro & Baleiro, 2017, p. 42).

Um exemplo do primeiro tipo é o hotel *Le Swann*, em Paris. Fazendo parte da *Société des Hôtels Littéraires*⁹, é um hotel que oferece uma experiência literária através do escritor francês Marcel Proust. Construído em 1898, por altura da Exposição Universal, já na época de Proust, o *Swann* era o ponto de encontro de bastantes escritores da época, entre eles o poeta húngaro Endre Ady (1877-1919) ou o escritor francês Guillaume Apollinaire (1880-1918). Hoje em dia, o hotel é o lugar de predileção dos que desejam explorar a vida, a obra e a época de Proust. Cada um dos seus seis pisos, ricamente decorados com pinturas de artistas prediletos de Proust, é dedicado a um lugar descrito nas obras do autor, e cada quarto tem nas paredes pinturas inspiradas em descrições de personagens (*The literary hotel dedicated to Marcel Proust in Paris*, 2019).

Um exemplo do segundo tipo é o hotel *The Literary Man*, na vila de Óbidos, aqui mesmo em Portugal. O *Literary Man*, fundado em 2015, é a nova encarnação de um hotel que já ali existia desde a década de 1970 (*The Literary Man*, em comunicação pessoal). O *Literary Man* destaca-se pela forte presença do livro como objeto físico: conta com mais de 65 mil unidades, que lhe dão um ar de biblioteca informal (Nelson, 2017). Além disso, o hotel promove apresentações de livros, palestras e tertúlias, contribuindo para a expansão do panorama literário de Óbidos, mesmo não fazendo parte do projeto “Óbidos Cidade Literária” (*The Literary Man*, em comunicação pessoal).



Figura 2.1 Hotel Literary Man, em Óbidos (Fonte: Fotografia de Stephanie Holmes, retirada de https://www.nzherald.co.nz/travel/news/article.cfm?c_id=7&objectid=12262308)

⁹ A *Société des Hôtels Littéraires* é uma sociedade hoteleira que se dedica à criação de hotéis relacionados a escritores ilustres. Além de Marcel Proust, os escritores Gustave Flaubert (Rouen); Marcel Aymé, Arthur Rimbaud (Paris) e Alexandre Vialatte (Clemont-Ferrand) também se encontram representados por hotéis criados pela sociedade.

2.5.4 *Tours* literários

Uma das experiências de turismo literário mais comuns são as *tours* ou passeios literários. Esses passeios consistem na ligação entre vários pontos de interesse sobre um ou vários autores, uma obra ou uma personagem. Existem duas formas de *tours* literárias que se distinguem pela maneira como são abordadas pelo turista. A primeira é a *tour* com guia, que consiste em recorrer a uma agência para aceder a uma experiência planeada e com o auxílio de um guia contratado para ir de ponto em ponto e fornecer informações sobre os locais visitados durante o percurso. Este tipo de *tour* pode conferir menos liberdade ao turista, que deve seguir um roteiro previamente definido por outrem. A segunda é a *tour* independente, em que o turista não recorre diretamente a qualquer tipo de agência para planear a sua experiência. Ele pode fazer uso de materiais como mapas ou guias escritos para planear o seu próprio itinerário ou adaptar a seu gosto um itinerário já existente (Quinteiro & Baleiro, 2017). Dublin, por exemplo, é conhecida pelos seus vários pontos de interesse literários, havendo várias agências que organizam percursos guiados. Um exemplo é a *Dublin Literary Pub Crawl*, uma *tour* que explora a história literária da cidade através da visita de vários *pubs* históricos. Outro exemplo é a *Literary Walking Tour Dublin*, que explora vários pontos de interesse relacionados com autores como James Joyce (1882-1941), Jonathan Swift (1667-1745) ou Bram Stoker (1847-1912) e as suas obras. Estes percursos podem ser feitos também de forma independente, havendo bastante material, tanto em formato físico, como digital para auxiliar o turista.

Mas essa autonomia tem um preço: de facto, o turista que desconhece a geografia, a cultura ou as leis do território que pretende explorar não pode contar com a ajuda qualificada e especializada de uma agência de viagens. Para otimizar a experiência do turista independente, e principalmente do turista literário independente, a implementação de sinalética em locais de interesse e sobretudo a difusão de mapas ou guias literários são essenciais.

2.5.5 Mapas e guias literários

Como vimos na secção 2.2, o turismo literário está associado a lugares que conjugam em si uma temática literária. A importância do espaço para o turismo literário, como assinalam Quinteiro & Baleiro, é central: de facto, este é “o elemento tangível ao qual o leitor-turista procura aceder quando deseja um encontro com as personagens, a obra ou, até mesmo, com o

autor” (2017, p. 51). Deste modo, mapas, guias, ou atlas literários são uma ferramenta valiosa pois auxiliam à compreensão da ligação entre o espaço e a literatura, tornando a conexão visível (Moretti, 1999).

Pode-se dizer ainda que é possível abordar a relação entre literatura e espaço a partir de duas perspectivas diferentes: a primeira é a da análise do lugar na literatura, e esta debruça-se principalmente sobre o lugar ficcional. A segunda é o da literatura no lugar. Aqui, o tipo de lugar é o real ou histórico (Moretti, 1999).

Assim, mapas e guias literários também se enquadram num ou noutro ângulo. Por um lado, há aqueles que conduzem o leitor a uma interpretação do local pelo prisma da obra literária, onde o lugar literário se sobrepõe ao real. Exemplos disso são *Lisboa em Pessoa*, de João Correia e Filho, *Viajar com... Maria Ondina Braga*, de Isabel Cristina Mateus, ou *The London of Sherlock Holmes*, de Thomas Bruce Wheeler. Os dois primeiros consistem em guias literários, enquanto o segundo apresenta a Londres de Sherlock Holmes através de um mapa digital. Por outro lado, há aqueles que representam a presença da literatura no lugar. Neste caso, o roteiro digital da página *web Escritores a Norte*, que faz a compilação das casas-museu de escritores na região norte de Portugal, é um bom exemplo.

Fica claro que a cartografia literária tem um grande potencial turístico além do impacto que já tem no mundo da investigação. O projeto LIT ESCAPE.PT (Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental) é a prova disso: idealizado e desenvolvido por uma parceria entre o Instituto de Estudos de Literatura e Tradição e o Instituto de História Contemporânea, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e o *Nova Lincs* e a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, o LIT ESCAPE, une as áreas da literatura, da história e da geografia e dedica-se a recolher e analisar excertos descrevendo paisagens geográficas que entram num mapa digital e interativo que permite a pesquisa por obra, autor, tema e concelho. Nisso, o LIT ESCAPE também é um ótimo exemplo das possibilidades que as Humanidades Digitais podem oferecer na criação de mapas, guias e atlas literários.

Um outro exemplo que merece ser referido é o *Literary Map of NYC*. Este projeto consiste num conjunto de mais de 400 passagens literárias, cartografadas digitalmente na cidade de Nova York. Autores como Paul Auster, Truman Capot ou F. Scott Fitzgerald, enchem o espaço geográfico da cidade com passagens literárias que permitem ao utilizador do mapa perspetivar a cidade através da literatura.

Mapas e guias que até então eram físicos e estáticos tornaram-se digitais e interativos e o aparecimento de serviços como o *Google Maps*, o *Google Earth* ou o *OpenStreetMap* revolucionaram a maneira como criamos e utilizamos mapas. O turista, que antes necessitava de se deslocar a um ponto para adquirir um mapa ou um guia físico, podendo apenas transportar um número limitado destes, tem agora acesso, de uma forma rápida e

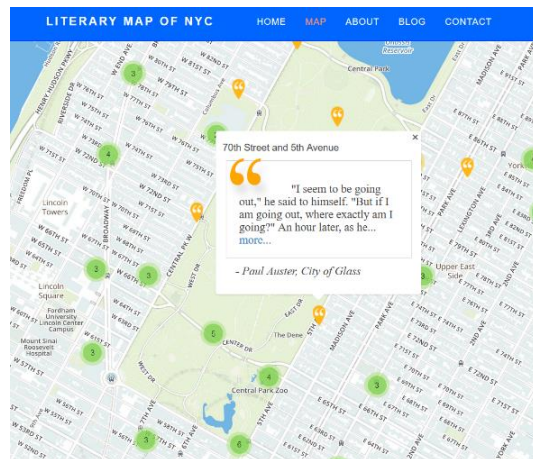


Figura 2.2 Captura de tela do *Literary Map of NYC* (Fonte: <https://literarymap.nyc/map/>)

ergonômica, a um conjunto muito mais vasto de conteúdos. Além disso, com a adição de imagens de satélite detalhadas, a fotografia panorâmica, e a tecnologia de realidade virtual, é possível, nos dias de hoje, visitar cidades inteiras sem sair de casa. A possibilidade de fazer chegar a experiência de conhecer novos lugares a quem não tem a oportunidade de viajar mostra que o mapeamento digital, além de ser uma ferramenta pedagógica de grande potencial,



Figura 2.3 *Literary London Map* (Fonte: <https://literarylondonartprints.co.uk/Literary-London-Map>)

também é uma ferramenta indispensável para o turista moderno.

Ainda assim, são vários os mapas estáticos que retratam a relação existente entre a literatura e locais por todo o mundo. De fato, apesar das possibilidades que o mapa digital oferece, continuam a ser criados mapas estáticos. Hoje em dia, estes têm um objetivo mais estético, sendo, muitas vezes, criados

como objetos de decoração¹⁰. Um bom exemplo disso é o mapa *Literary London*, uma parceria entre o artista gráfico Dex e a desenhista de interiores Anna Burles. Como podemos ver na Figura 2.3, o mapa consiste numa representação da cidade de Londres através da aglomeração de personagens literárias associadas à cidade.

2.6 A realidade do turismo literário em Braga

Braga tem registado um crescimento turístico significativo nos últimos anos (Braga TV, 2018). A cidade também tem apostado fortemente na cultura e no setor criativo: foram mais de 4 milhões de euros investidos em 2016 (*Quem somos?*, sem data). Inúmeras iniciativas resultaram ou beneficiaram desse comprometimento do município, entre elas a Braga Romana (que desde 2003 recupera e recria as tradições da Bracara Augusta romana), a Noite Branca (onde, desde 2012, a música, museus e animações de rua são cabeça de cartaz), o São João de Braga (expoente da preservação do património imaterial da cidade que mescla tradição e modernidade com maestria) e a Semana Santa (um dos máximos expoentes turísticos de Braga (*Resenha histórica—Cidade dos Arcebispos e Roma Portuguesa*, sem data), a qual tem um papel de grande importância na vida religiosa da cidade, sendo também ela um momento importante de preservação do património material e imaterial, destacando vários locais religiosos).

Já no caso do turismo literário, o cenário é diferente. Apesar de ser a cidade natal de autores de renome da literatura portuguesa como Maria Ondina Braga (1932-2003), Altino do Tojal (1939-2018), Sebastião Alba (1940-2000), João Penha (1838-1919) ou Tomás de Figueiredo (1902-1970), não são suficientes as ações no sentido de immortalizar e destacar os seus legados: existem, por exemplo, os bustos de Maria Ondina Braga e de João Penha, a Rua Tomaz de Figueiredo, e o Espaço Maria Ondina Braga, no Museu Nogueira da Silva, onde há uma exposição permanente do espólio da autora. Mais notáveis, talvez, sejam as iniciativas da FBA e da Direção Regional Cultura Norte (DGCA) para a divulgação desses e de outros escritores ligados a Braga. A FBA edita obras de diversos autores bracarenses ou que escreveram sobre a cidade e o seu povo, em diversas épocas, na coleção Braga Cidade Bimilenar, que já conta com 50 títulos e inclui nomes como Camilo Castelo Branco, Miguel de Unamuno, Maria Ondina Braga

¹⁰ Note-se que apesar dessa vertente mais estética, este tipo de mapa não deixa de permitir a análise entre a literatura e o lugar.

e Ramalho Ortigão. A DGCA, por sua vez, vem publicando diversos roteiros literários de escritores cuja vida e obra têm uma relação com o norte de Portugal, na coleção *Viajar com... os Caminhos da Literatura*, sendo que um dos fascículos, da autoria de Isabel Cristina Mateus, é dedicado a Maria Ondina Braga.

Todavia, para além destas, são escassas as tentativas de promover a literatura bracarense em geral. Entre as iniciativas existentes, destacam-se a Feira do Livro, que propõe apresentações de livros, tertúlias, momentos musicais, exposições, além da própria feira de livros, e o projeto *Poesia ao Centro*, da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, que organiza recitais, a exibição de documentários, peças de teatro ou animação de rua durante o mês de março, em que se celebra o Dia Mundial da Poesia (21). Por fim, no que diz respeito a livrarias, a *Centésima Página* oferece um espaço de lazer que realiza exposições, apresentações de livros, debates, concertos, animações infantis e ateliers (*Quem Somos*, 2019).

Portanto, não se pode dizer que Braga seja conhecida pela sua literatura ou pelos seus autores, ou que haja propriamente turismo literário na cidade, apesar de dispor de motivação literária suficiente para tal. Em contrapartida, e como vimos na secção 2.5.2, Óbidos, considerada Cidade da Literatura pela Unesco em 2015, construiu a sua ligação com a literatura praticamente do nada, através de diversas iniciativas como a transformação de uma igreja em livraria e a imposição do FOLIO como um marco literário em Portugal. Talvez se possa considerar uma expansão gradual da Feira do Livro de Braga, com programas mais ambiciosos, para que se torne um festival literário à imagem do FOLIO, que comprovou a tendência para o sucesso desse tipo de eventos tanto para a promoção literária quanto para a promoção turística. Uma outra forma de fortalecer a identidade literária de Braga e de pavimentar o caminho para o turismo literário na cidade seria inserir atividades ligadas à literatura nas festividades já existentes, como o São João e a Semana Santa, referenciados nas obras de autores como Maria Ondina Braga, Camilo Castelo Branco e Antero de Figueiredo, por exemplo.

2.7 Contribuição do turismo literário para o prestígio da língua

Até este ponto do nosso trabalho, falamos do potencial do turismo literário e de como este contribui para a valorização do património e da literatura. Procurámos mostrar também como os

mapas e os guias literários têm potencial turístico, de investigação e pedagógico. Agora veremos como este projeto pode contribuir para o prestígio da língua portuguesa.

A viagem tendo por objetivo aprender novas línguas, não é um conceito recente¹¹; no entanto, este tem vindo a ganhar cada vez mais força. O caso do espanhol é um bom exemplo. Segundo o Instituto Cervantes, em 2018, mais de 21 milhões de alunos estudaram o espanhol como língua estrangeira (2019). Ainda, segundo o jornal *El País* (Peiro, 2015), mais de 858.000 turistas visitaram a Espanha por motivos académicos, estimando-se que grande parte deles motivados pela língua. Essa procura deu origem a um novo tipo de turismo, o turismo idiomático. Este tipo de turismo define-se como um subgénero de turismo cultural (Barrios, 2001) cujo principal motivo é o de o turista aprender uma nova língua. Tirando partido de um ambiente de imersão linguística, o turista procura viver como um local, participar em atividades que o envolvam com a língua-alvo (Navarro Macías, 2014). O turista idiomático procura, portanto, participar em atividades que envolvam a língua-alvo e é nesse aspeto que o turismo literário mostra um grande potencial. Por um lado, o turista entra em contacto com a língua através da obra literária. Por outro, esta também lhe permite aceder à cultura e à história dos locais a que faz referência. Além disso, o turismo literário pode ser visto como uma forma de atrair visitantes estrangeiros para a aprendizagem da língua portuguesa.

A aplicação de um mapa literário num programa turístico pode-se mostrar uma ferramenta de grande apoio para a aprendizagem de uma língua, além de a divulgar ao viajante estrangeiro. Neste aspeto, se olharmos para o Programa do XIII Governo Constitucional (Governo de Portugal, 2015), no capítulo referente à estratégia para consolidar a língua portuguesa no mundo, constam os seguintes pontos:

- “Identificar, estudar e interpretar o património comum material e imaterial, designadamente sítios, monumentos, arquitetura militar, civil e religiosa e respetivos valores artísticos integrados” (2015, p. 254);

¹¹ Já na Grand Tour (séculos XVII e XVIII), um dos objetivos do viajante consistia em aprender ou aperfeiçoar uma língua (Gross, 2008)

- “Fomentar o traçado de itinerários turístico-culturais, com percursos locais, nacionais e internacionais, tendentes à definição de uma Rota do Património Comum da CPLP” (2015, p. 254);
- “Favorecer os conteúdos em língua portuguesa na internet” (2015, p. 255).

Não tendo este projeto de forma clara procurado explorar o património comum da CPLP, não deixa de se enquadrar na sua missão divulgar a língua portuguesa. Se analisarmos o mapa literário deste projeto segundo estes pontos, podemos ver que este, pela associação da literatura a um local histórico-geográfico, fomenta a interpretação do património através do prisma literário. Da mesma forma, por ser um mapa digital e ter sido construído através da recolha e transcrição de excertos de obras literárias, este contribui para a existência de conteúdo em língua portuguesa na *internet*. Além disso, podemos ver que a existência de um mapa literário pode ser uma forma de expor pontos comuns relativos ao património de uma comunidade.

Visto isto, fica claro que um mapa literário pode contribuir para o aumento do prestígio de uma língua, nomeadamente do português.

2.8 Conclusão

Ao longo deste capítulo, procuramos pôr em evidência a complexidade do conceito de turismo literário. Os especialistas na matéria abordam a questão a partir de prismas diferentes e procuram definir um fenómeno que, devido à sua interdisciplinaridade, ainda não tem uma definição unívoca. Se, por um lado, é consensual que este é um tipo de turismo associado a lugares celebrizados pela literatura, pelos seus autores, obras e personagens, por outro, a aceitação deste tipo de turismo como uma categoria autónoma é mais debatida. Autores como Díaz & García definem o turismo literário como um nicho do turismo cultural. Outros, como Herbert e Squire, colocam-no no nicho do turismo patrimonial, enquanto Robinson & Andersen, afirmam que este pode também ser associado ao turismo criativo. Quanto a nós, acreditamos que é difícil restringir o turismo literário a um só tipo de turismo. Tendo em conta isso, e seguindo Quinteiro e Baleiro, pensamos que o turismo literário possa ser um nicho do turismo cultural, patrimonial e criativo, dependendo da atividade e da motivação do turista.

Na realidade, a própria diversidade temática da literatura faz com que o turismo literário seja um tipo de turismo cuja prática não se limita apenas a uma categoria. De facto, um texto literário retrata diferentes aspetos da experiência humana: o assombro diante de uma paisagem ou o saborear de um prato típico de uma região, por exemplo. Daí provém, talvez, o seu poder de evocar imagens na mente do leitor e de o fazer embarcar numa viagem metafórica que, por sua vez, pode inspirar um deslocamento real – que é uma das ideias centrais por trás do conceito de literatura de turismo, como procuramos demonstrar na secção 1.2.1.

Como vimos, experiências de turismo literário estão cada vez mais difundidas e, em alguns casos, como o da família Brönte, em Haworth, ou como o do Festival Literário de Hay-on-Wye, são o ponto de principal interesse de uma localidade. Essas experiências incluem estadias em hotéis literários (com o *Le Swan*, em Paris), visitas a casas-museu (como a Casa de Tormes, em Santa Cruz do Douro) e festivais literários (com o Flip, em Paraty), assim como *tours* pelos lugares associados a autores ou às suas obras (como passear por Dublin seguindo os passos de James Joyce e da sua obra). Também falamos do impacto de ferramentas de apoio ao turismo, como mapas e guias, no turismo literário: de facto, estas demonstram a influência da literatura no lugar e vice-versa, sendo também, por vezes, uma expressão da arte literária em si, como vimos nos exemplos da secção 2.5.5. Vimos projetos como o *Litescape.pt* e o potencial turístico e pedagógico que o mapeamento digital em prol da literatura pode ter.

Em seguida, na secção 2.6, abordamos a situação do turismo literário na cidade de Braga. Vimos que, apesar de existirem algumas iniciativas associadas à literatura, não há um plano cultural delineado especificamente para o propósito turístico-literário na cidade. O trabalho de entidades como a FBA e a BLCS, juntamente com os pelouros do turismo e da cultura da Câmara Municipal, mostra que existem estruturas institucionais capazes de criar um plano sólido com vista a estruturar o turismo literário bracarense. Isso é particularmente relevante num contexto em que a cidade está a preparar um plano ambicioso de dez anos para a cultura, o Braga Cultural 2020-2030.

Por fim, vimos que o turismo literário também é um potencial impulsionador do prestígio da língua portuguesa. Na Espanha, o turismo idiomático (viajar para aprender línguas) é uma tendência crescente. Nesta linha, atividades de turismo literário podem ser ideais para atrair o

turista para a língua, demonstrando a sua vertente pedagógica. Como vimos, o Programa do XIII Governo Constitucional da República Portuguesa tem vários pontos referentes à divulgação da língua portuguesa e do seu património que coincidem com o objetivo deste trabalho, o que demonstra a sua pertinência.

Na segunda parte deste trabalho, iremos apresentar o processo de criação do nosso mapa literário, referindo cada decisão tomada para a escolha das ferramentas utilizadas e descrevendo em detalhe as funcionalidades do mapa.

PARTE 2 – ELABORAÇÃO DE UM MAPA LITERÁRIO DE BRAGA

O objetivo principal deste projeto foi a criação de um mapa literário da cidade de Braga. Como referido na secção 2.5.5, os mapas literários tornam visível a conexão entre um espaço histórico-geográfico e a literatura, e podem conduzir o leitor a uma interpretação do lugar através do prisma da obra literária. Cumulativamente, o mapa literário também assume as missões de divulgação da língua e da literatura e da valorização do património, tanto material como imaterial. Além disso, a criação de um mapa literário digital é relativamente simples, não sendo necessários muitos recursos para criar uma plataforma apelativa e interessante, devendo-se isso à quantidade de ferramentas e tutoriais disponíveis. Por fim, o processo de criação do nosso mapa literário da cidade de Braga demonstrou que existe material literário mais do que suficiente para a construção de uma identidade literária da cidade e para a consolidação da sua reputação neste âmbito. Na realidade, este projeto usou apenas parte de uma coleção mais vasta: as 50 obras que constituem a coleção Braga Cidade Bimilear, da FBA.

Esta parte do presente trabalho está dividida em 7 apartados. Os primeiros três são relativos às escolhas que fizemos, focando, respetivamente, a plataforma, as ferramentas e o *corpus*. No primeiro apartado iremos explicar o porquê de criarmos um mapa digital. No segundo, iremos falar do *uMap* e indicar as razões da sua escolha para a criação do nosso mapa. E, por fim, no terceiro capítulo vamos-nos debruçar sobre a escolha do *corpus* a partir do qual fizemos a recolha dos excertos que seleccionámos para o mapa.

De seguida, nos apartados 4 e 5, será explicado como procedemos à recolha dos excertos e à criação do mapa, respetivamente. Seguindo para o apartado 6, será explicado o funcionamento do mapa e das ferramentas de que este dispõe. Por fim, no apartado 6, iremos apresentar possíveis melhorias de forma a otimizar o mapa para um uso turístico real.

1 Escolha da plataforma

Diversos trabalhos literários mencionam a cidade de Braga, os seus recantos e a sua história. Foi com o objetivo de divulgar essas obras de uma forma simples e intuitiva e de dar mais expressividade ao turismo literário na cidade que optamos pela criação de um mapa literário.

Como vimos na secção 2.5, existem vários tipos de experiências de turismo literário. A opção pela criação de um mapa literário justifica-se principalmente pelo seu potencial dinamizador: trata-se de uma ferramenta comum à prática do turismo (com a qual tem uma ligação quase intrínseca) que pode incorporar diversas informações úteis, literárias, mas não só, ao mesmo tempo que retrata a cidade e os seus locais de destaque. Além disso, o nosso mapa literário é completamente digital, o que comporta diversas vantagens: o grande número de excertos que recolhemos puderam ser mapeados de forma legível e organizada (os mapas estáticos que vimos anteriormente limitavam-se a indicar o nome da obra no mapa), e podem ser atualizados a qualquer momento.

Outra vantagem do mapa digital é que este não necessita de muitos recursos para ser criado. Na realidade, um mapa digital pode ser criado e atualizado por uma pessoa apenas e com custos reduzidos ou inexistentes, como prova o *Literary Map of NYC*, que foi criado e é atualizado por Kentaro Okuda, que recolheu mais de 400 excertos de 80 obras literárias num projeto em contínuo desenvolvimento.

Por último, novos excertos podem ser adicionados facilmente ao mapa, até pelos próprios utilizadores. Por exemplo, o *Litescape.pt* disponibiliza ao utilizador uma ficha de leitura que este pode preencher e enviar para o projeto para ser adicionado no mapa.

2 Escolha das ferramentas

Várias plataformas *online* permitem a criação de mapas interativos. A mais conhecida é, provavelmente, a *MyMaps*. Trata-se de uma extensão do *Google Maps* que permite a criação de mapas personalizados, seja para planejar um itinerário ou geolocalizar pontos de interesse. O *MyMaps* é uma plataforma de fácil utilização na sua versão mais básica, permitindo a importação de dados e a organização deles por camadas. Outra grande vantagem que apresenta é, sem dúvida, a sua portabilidade: pode ser facilmente acessado a partir de qualquer dispositivo (computador, *tablet*, *smartphone*...) que suporte a aplicação *Google Maps* ou que possibilite o acesso à *internet* através de um navegador. No entanto, o nível básico de edição do *MyMaps* é restrito no que diz respeito à quantidade de dados que se pode inserir e ao nível de personalização que é possível atingir. Para ultrapassar essas barreiras e aceder a novas possibilidades de edição, é necessário adquirir uma chave API (*Application Programming Interface*), a qual permite o acesso a um conjunto de ferramentas da *Google*, inclusive o *Google Maps*, imprescindíveis para a criação de aplicações derivadas desses mesmos serviços (Dilmi, 2013). Contudo, a utilização de uma chave API torna o processo de criação do mapa mais complexo, o que exige um conhecimento de programação mais avançado. Deste modo, procurarmos alternativas mais acessíveis que nos permitissem a criação de um mapa altamente personalizável.

Uma delas é o *OpenStreetMaps* (OSM), que existe desde 2004. O OSM é uma alternativa também gratuita ao serviço *Google Maps* mas que, ao contrário deste, é um *software* de código aberto que conta com uma comunidade de colaboradores voluntários que está sempre a atualizar os dados (adicionando mapas detalhados de locais remotos ou isolados, por exemplo) e a acrescentar novas funcionalidades (*OpenStreetMap*, sem data). E se o OSM pode pecar pela escassez de metadados e de informações complementares (tais como informação detalhada sobre locais ou horários de autocarro e percursos, por exemplo) e pela falta de garantia sobre o rigor das informações carregadas pelos utilizadores, o grande número de colaboradores (mais um bilhão, de acordo com Wood (2018)) faz com que os dados estejam em revisão constante. De todas as maneiras, a geolocalização no OSM demonstrou ser precisa e os metadados

existentes revelaram-se suficientes para os objetivos pretendidos neste trabalho, por isso optamos pelo OSM.

Ao contrário do *Google Maps*, o OSM não dispõe de um editor incorporado para a personalização de mapas pessoais. Existem, no entanto, várias ferramentas externas que nos permitem fazê-lo. Depois de testarmos várias (*MapBox*, *MapHub* e *Mapme*) escolhemos a *uMap*, que usa camadas do OSM (isto é, mapas com informações geográficas diferentes e que podemos seleccionar) e nos permite editá-las com os dados pretendidos. A ferramenta permite criar vários pontos no mapa que podem ser preenchidos, por exemplo, com dados CSV (*comma-separated values*) importados, destacar porções do mapa usando polígonos, realçar caminhos através da criação de linhas entre pontos e organizar o mapa por camadas (separar a informação do mapa por secções personalizáveis). Também permite personalizar a maioria das suas funcionalidades como adicionar filtros de pesquisa, limitar o mapa a uma zona geográfica específica, entre outras opções.

3 Seleção do *corpus*

Para a construção do nosso mapa literário, recolhemos excertos de obras literárias que mencionavam lugares da cidade de Braga. Onze obras de dez autores constituem o nosso *corpus*:

Obra	Autor
<i>Afluência extraordinária a Braga</i>	Alexandre Herculano (1810–1877)
<i>A Great Attraction</i>	Ramalho Ortigão (1836-1915)
<i>O Braguês</i> seguido de <i>A Procissão dos fogaréus</i>	Antero de Figueiredo (1866-1953)
<i>As aventuras de quatro homens que foram a Braga</i>	Camilo Castelo Branco (1825-1890)
<i>Braga crescera muito</i>	Altino Tojal (1939-2018)
<i>Entrei em Braga algo desconfiado</i>	Manuel Teixeira-Gomes (1860-1941)
<i>Lua deitada no feno</i>	José Manuel Mendes (1948-)
<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	Luiz Pacheco (1925-2008)
<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	Luiz Forjaz Trigueiros (1915-2000)
<i>Quando o claustro é sem ninguém</i>	Maria Ondina Braga (1938-2003)

Tabela 1: Obras e autores do *corpus*

Trata-se de obras editadas em 2000, pela FBA, para a coleção *Braga: Cidade Bimilenar*¹², que reúne textos de autores conceituados da língua portuguesa que nasceram ou viveram em Braga ou que em algum momento da sua vida passaram por cá, deixando o seu registo escrito sobre a cidade e as vivências que aí tiveram. Por si só, a coleção já traz um contributo importante a nível cultural; mas também abre portas para explorar o turismo literário. E é precisamente isso que procuramos demonstrar com a criação do nosso mapa literário, que é

¹² Todas as obras fazem parte do primeiro volume da coleção, com exceção de *O Braguês* seguido de *A Procissão dos fogaréus*, de Antero de Figueiredo, e de *Entrei em Braga algo desconfiado*, de Manuel-Teixeira-Gomes, que fazem parte do segundo volume. Esses títulos do segundo volume vieram substituir as duas obras do primeiro volume que tivemos de excluir: *Regulamento interno do asylo das orphãs e infância desvalida de Braga* (sem autor), que não é um texto literário, e *Quantos detalhes graciosos*, de Cristóvão Dias (1931-2014), que é um trabalho de fotografia.

uma espécie de aplicação mais concreta e o prolongamento digital do trabalho incansável de recolha, revisão e edição feito pela FBA.

As obras pertencem a géneros variados, como literatura de viagens, memórias e crónicas¹³, e mencionam principalmente lugares no centro da cidade, mas também há referências a localidades em zonas mais afastadas, como o Bom Jesus do Monte, o Sameiro, a Falperra ou Esporões. Obras como *Quando o claustro é sem ninguém* e *Lua deitada no feno* trazem-nos uma descrição nostálgica da cidade de Braga, das pessoas e dos locais, e a primeira descreve uma cidade submissa e austera, regradada pela religião e pelas suas tradições. Essa imagem é reforçada pelas descrições de Antero de Figueiredo em *O Braguês* e em *A Procissão dos fogaréus*, e duramente criticada em *A great attraction*, em que Ramalho Ortigão denuncia a hipocrisia que se vislumbra sob o manto de aparências da cidade. Camilo Castelo Branco também sabe ser crítico e relata, muitas vezes em tom de ironia, as suas aventuras pela cidade de Braga, desde a sinuosa subida ao Bom Jesus do Monte até uma Avenida Central “cheia de gente pouco civilizada” e de “charlatães”.

¹³ Isto prova o carácter heterógeno da literatura de turismo, assim como vimos no na secção 1.2.1.

4 Recolha e anotação dos excertos literários

Deste conjunto obras, foram recolhidos 152 excertos referentes a 72 locais, dos quais se destacam o Bom Jesus do Monte, com 20 menções, a Sé de Braga, com 11 menções, e a Avenida Central, com 10 menções. Desses 152 excertos, 14 foram descartados porque se referiam a lugares que tiveram os seus nomes alterados ou que já não existem¹⁴, o que dificultava ou impossibilitava o seu processo de geolocalização. No total, foram colocados no mapa 138 excertos referentes a 69 locais, sendo que os 14 excertos e 3 locais descartados continuam apenas na base de dados.

Os excertos foram consignados numa base de dados normalizada criada no *MS Access*, construída para garantir a integridade dos dados, facilitar a sua consulta e eventual expansão. O *Access* é um gestor de base de dados da *Microsoft*, caracterizado pela sua interface intuitiva que permite a criação fácil e rápida de tabelas (que refletem a estrutura da BD e armazenam os dados), formulários (que facilitam a introdução dos dados), consultas (que permitem extrair informações da BD de acordo com os critérios desejados) e relatórios (que permitem a visualização e a sumarização dos dados, nomeadamente para impressão ou exportação)¹⁵.

As informações sobre cada excerto foram preenchidas num formulário constituído nomeadamente pelos campos 1) excerto (incluindo a transcrição completa do contexto, a fim de permitir a compreensão autónoma do excerto), 2) obra (relacionado com o campo “autor”, de outra tabela) e 3) “local” (relacionado com o campo “coordenadas” de outra tabela). Em seguida, esses dados foram compilados num relatório que exportamos para o *MS Excel*. Esta foi uma etapa necessária para a conversão do ficheiro de dados para CSV, formato exigido pela ferramenta de criação de mapas que escolhemos.

¹⁴ Ao longo do tempo, Braga sofreu mudanças notáveis: a criação de avenidas eliminou muitas ruas e secundarizou outras, e questões políticas, como o 25 de Abril de 1974, fizeram com que nomes de ruas fossem alterados. Rastrear a toponímia de Braga de modo a registar no mapa a evolução e a história dos locais é uma ideia interessante que, no entanto, ultrapassa o âmbito inicial deste trabalho. Note-se, todavia, que a nossa base de dados permite facilmente esse tipo de expansão.

¹⁵ O *MS Access* é mais indicado para a criação e gestão de bases de dados mais simples, de pequenas dimensões e sem grande complexidade relacional, como a nossa. Contudo, a sua interoperabilidade permite facilmente a expansão e a transposição dos dados para ferramentas mais recomendadas para bases de dados mais complexas (como os programas *My Sql* ou *Sql Server* (Technopedia, sem data)).

5 Criação do mapa literário

A criação do mapa pode-se dividir em três partes: a configuração geral do mapa, a importação dos dados e a configuração das camadas.

Neste ponto, a base de dados já foi criada e povoada com os excertos literários, que foram anotados de acordo com os campos mencionados na secção 4. Em seguida, esses dados foram transferidos para a plataforma de criação do mapa. A plataforma *uMap* suporta vários formatos de ficheiro para a importação de dados; o formato escolhido para este projeto foi o CSV (*Comma-Separated Value*). Através de consultas no *MS Access*, extraímos as informações referentes aos excertos de cada obra que, em seguida, foram exportadas em formato CSV (UTF-8¹⁶, limitado por vírgulas).

O *uMap* funciona através da criação de camadas, isto é, possibilita a organização dos marcadores do mapa em categorias que, neste caso, representam as diferentes obras. A cada camada podemos associar um ícone para o marcador (que irá aparecer no mapa) e uma cor que ajudará a distinguir as diferentes camadas, tornando mais fácil distinguir as obras no mapa. Dentro de cada camada foram armazenadas as informações pretendidas e a essas informações deu-se o nome de “elemento”. Cada elemento tem como campos obrigatórios ‘lat’ (latitude) e ‘long’ (longitude) que contêm as coordenadas dos locais no sistema de referência espacial WGS84¹⁷.

A primeira etapa da criação do mapa consistiu na definição das suas configurações gerais, pois estas afetam as suas funcionalidade e aparência. Os primeiros campos são relativos ao nome do mapa e a sua descrição. O nome escolhido para o mapa foi BragaLit.

De seguida, passamos a definir os limites do mapa. Neste caso, trata-se da cidade de Braga. Para isso, foi necessário procurar a zona pretendida e, posteriormente, na aba ‘Extremos dos Limites’, escolher a opção ‘Usar extremos atuais’. Além de definir a área geográfica padrão

¹⁶ Este passo é importante para assegurar que o texto escrito em língua portuguesa (com acentos, cedilha, til, entre outros) seja sempre legível. De facto, segundo a *W3Techs*, o tipo de codificação binária UTF-8 é usado por mais de 90% das páginas *web* (2019)

¹⁷ Aconselha-se a recolha das coordenadas por via de uma única fonte de forma a evitar incoerências. Neste projeto foi utilizado o *Google Maps* pois este tem uma ferramenta de pesquisa de lugares mais completa do que o *OSM* (o *Google Maps* é capaz de encontrar lugares pelo nome com mais precisão). Isto não afetou a colocação dos marcadores no mapa pois as coordenadas do *Google Maps* (2019) são compatíveis com as camadas do *OSM*. Não obstante, aconselha-se sempre uma revisão dos marcadores para garantir que apontam para o local certo.

que o mapa vai representar sempre que for carregado, esta opção também bloqueia o movimento fora dessa mesma área.

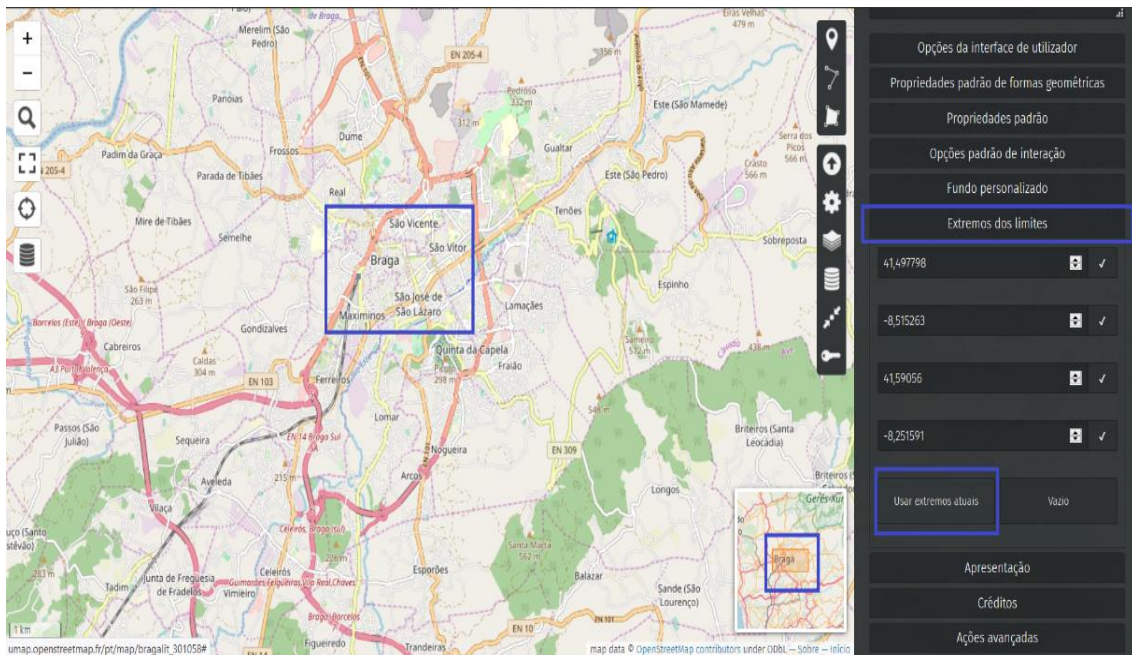


Figura 5.1 Exemplo da área delimitada no mapa

O passo seguinte foi definir as opções de interface do utilizador através da aba homónima. Nesta aba é-nos permitido escolher o que o utilizador vê e as ferramentas que pode usar. Na sua maioria, estas opções são facultativas e servem para ativar ou desativar certas funcionalidades da barra de ferramentas na zona superior esquerda do mapa. Para uma utilização mais simples, decidimos desativar a maioria delas, deixando apenas as seguintes: controlo de *zoom*; controlo de pesquisa de localização; controlo de ecrã total; controlo de localização atual; e por fim, controlo de camadas de dados. Estas ferramentas foram escolhidas porque estão mais direcionadas para o utilizador. Outras, como por exemplo, a ferramenta que permite alterar a camada geográfica¹⁸, estão mais destinadas à alteração das características do mapa. A colocação destas, apesar de serem ferramentas úteis, pode também afetar a integridade do mapa.

¹⁸ Esta opção permite alterar as informações geográficas apresentadas pelo mapa. Por exemplo, a escolha entre um mapa com informações de toponímia mais ou menos detalhadas.

Em seguida, definimos as propriedades padrão das formas geométricas, isto é, os ícones que representam os marcadores do mapa. Para isso, seleccionámos a opção 'Alterar símbolo' e escolhemos uma das várias opções que nos é apresentada. Sendo este um mapa literário, o ícone escolhido foi um livro tal como ilustra a Figura 5.2. A opção relativa à cor do marcador foi-nos apresentada nesta secção. No entanto, tendo em conta que definimos a distinção de camadas por cor, a propriedade 'cor' só foi definida posteriormente, nas propriedades individuais de camada para que cada autor tivesse uma cor designada.

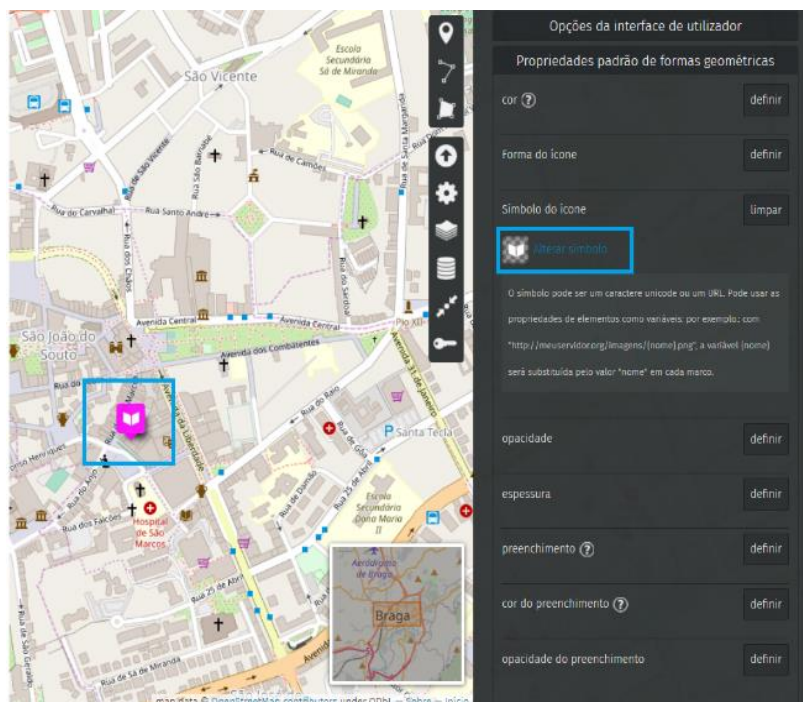


Figura 5.2 Alteração do ícone

Terminada a configuração geral básica, passamos para a segunda etapa: a importação do ficheiro de dados CSV extraído da nossa base de dados. Para isso, foi utilizada a ferramenta de importação do *uMap*.

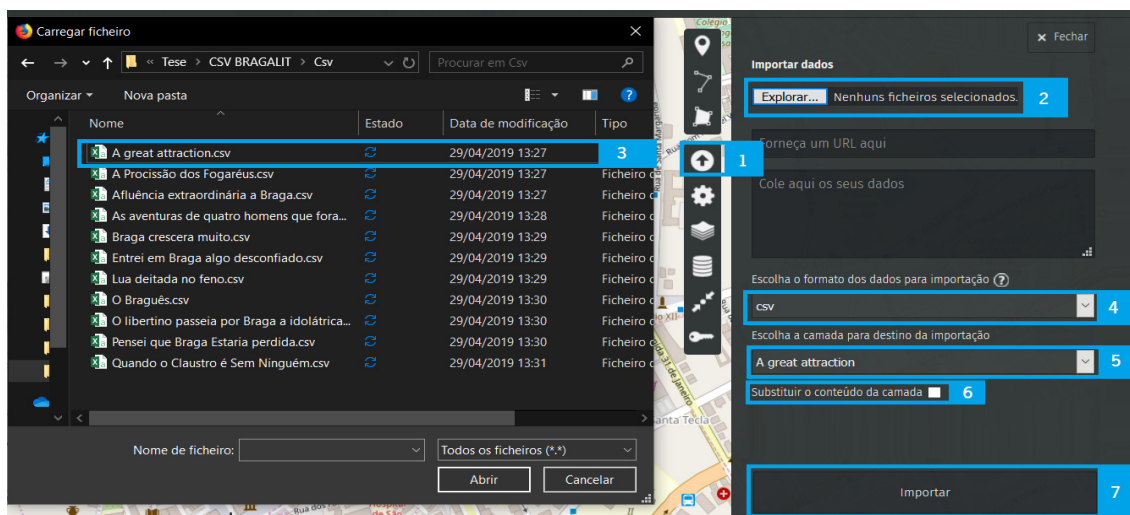


Figura 5.3 Passos de importação de camadas

A decisão em exportar os dados separados por obra, em que cada obra equivalia a um ficheiro em CSV, permitiu que cada importação criasse uma nova camada com os dados relativos à mesma (contanto que se seleccione a opção 'importar nova camada' na ferramenta de importação¹⁹). Na Figura 5.3 podemos ver os passos de importação ordenados de 1 a 7²⁰. Depois de importarmos todos os dados, ficamos com onze camadas distintas.

O próximo passo passou por proceder à configuração das camadas. Neste passo, além de seleccionar a cor que diferenciará as obras no mapa, é essencial seleccionar em 'Tipo de camada' a opção 'Agregado'. Esta função evita que os marcadores fiquem sobrepostos no mapa, agregando num primeiro momento todos os marcadores que estavam demasiado próximos num único marcador numerado, permitindo com

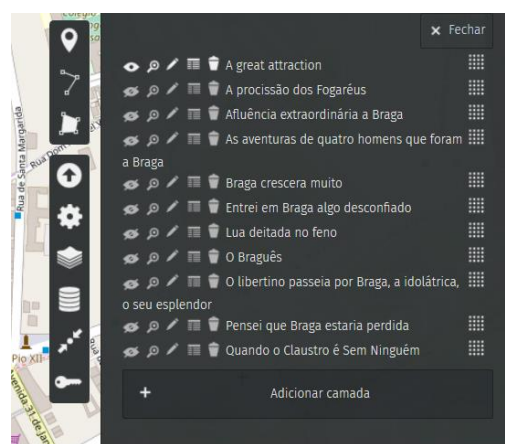


Figura 5.4 Listagem das camadas importadas

¹⁹ Caso a opção 'importar nova camada' não esteja seleccionada, a importação vai adicionar os novos dados às camadas que já foram importadas anteriormente. No caso de se pretender atualizar alguma camada, podemos seleccionar a camada pretendida e validar a opção 'Substituir conteúdo da camada' para evitar repetições de dados. Deste modo, todo o conteúdo irá ser substituído por um mais recente, não afetando nenhuma outra configuração.

²⁰ Note-se que o passo número 5 tem importância apenas no caso de ser necessário atualizar uma camada, podendo seleccionar esta quando se adiciona conteúdo novo ou alterado. No entanto, é necessário garantir que, ao adicionar uma camada nova, não esteja seleccionada uma camada já existente. Caso isso aconteça, o conteúdo da nova camada irá ser aglomerado com o conteúdo da camada existente. No caso do passo número 6 estar seleccionado, o conteúdo da camada nova irá substituir o da camada já existente.

um clique que todos os marcadores agregados apareçam. Tendo em conta o número de marcadores no mapa, esta é uma função essencial para uma visualização otimizada. Este passo foi repetido em todas as camadas e necessita ser feito sempre que se adicionar uma camada nova.

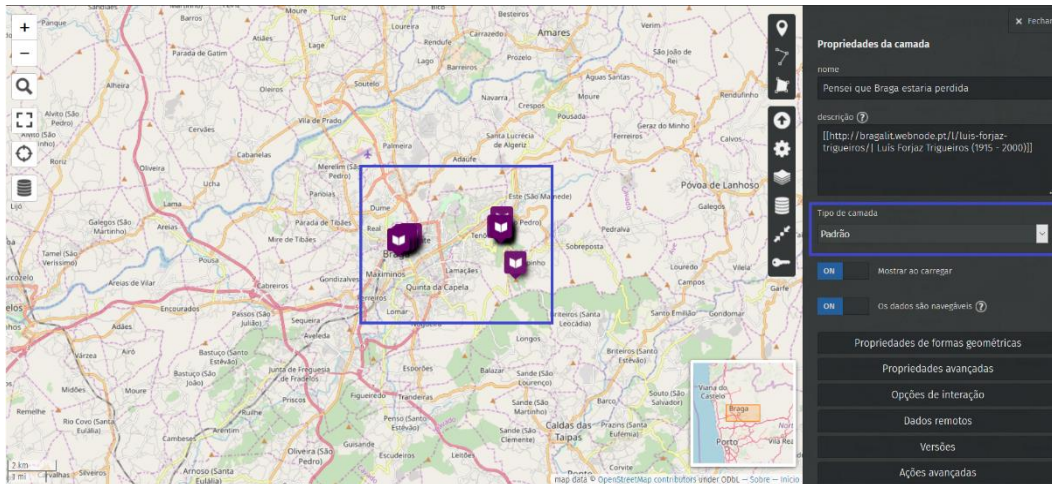


Figura 5.5 Marcadores não agregados

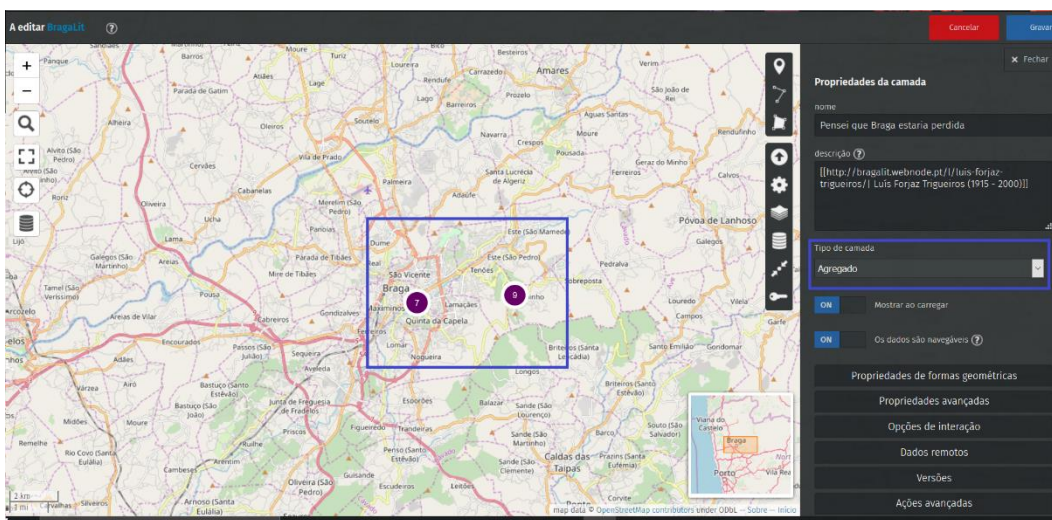


Figura 5.6: Marcadores agregados

Ainda na ferramenta de configuração de camadas, o campo descrição foi preenchido com o seguinte código: `[[http://BragaLit.webnode.pt/l/ramalho-ortigao/]Ramalho Ortigão (1836-1915)]`. O código criou uma hiperligação no nome do autor, direcionando o utilizador para uma página referente à sua biografia, página esta que foi criada previamente.

Depois de todas as camadas criadas e configuradas, seguimos para as últimas etapas da criação do mapa. Neste momento, todos os dados foram carregados, porém, apesar de os marcadores já se encontrarem todos distribuídos, os dados ainda não são visíveis. Para tal foi necessário configurar o *layout* da informação: em outras palavras, a forma como os excertos e a informação anexa irão aparecer ao clicar nos marcadores.

Nas configurações gerais do mapa, na aba 'opções padrão de interação', duas opções principais são oferecidas. A opção predefinida consiste em apresentar a informação num *pop-up* que aparece sobre o marcador; a outra opção, num painel lateral. Para este mapa, optamos pelo painel lateral, pois este funciona melhor no caso de se usar um dispositivo móvel (telemóvel ou *tablet*).

Em seguida, na opção 'estilo de conteúdo de *pop-up*' escolhemos o estilo 'padrão'. Este estilo dá-nos total liberdade para programar o nosso *layout* através de códigos de formatação. Para atingir o resultado da Figura 5.7 foi utilizado o seguinte código:

```
# {LocalNome}
{{{LocalFoto}}}
{ExcertoNome}
---
**Autor:** {ObraAutor}
**Obra:** {ObraBiblio}
**ISBN:** {ObraISBN}
**Página:** {ExcertoPg}
---
**Sobre o local:** {LocalTipo}
```

O código supra define a ordem em que os dados aparecem na barra lateral. O símbolo cardinal (#) indica que o nome do local é o cabeçalho, a tripla chaveta ({{{}}}) indica que 'LocalFoto' representa uma hiperligação para uma fotografia e que esta deve ser carregada no *layout*; o tracejado (---) indica uma separação no *layout* e, por fim, o duplo asterisco (**) indica que o texto deve ser apresentado em negrito.

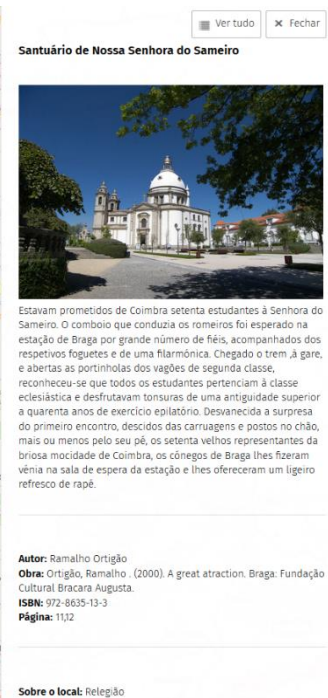


Figura 5.7 Pop-up com excerto na mapa

Neste ponto o mapa está concluído e formatado. O passo seguinte foi a colocação do mapa na página *Web* que foi previamente criada. Note-se que este passo é dispensável, pois o mapa pode ser utilizado na sua totalidade através de uma hiperligação. O *uMap* permite que o mapa seja acedido na perspetiva de utilizador, não sendo necessária a criação de um domínio para que este seja utilizado. No entanto, para obtermos uma apresentação mais cuidada, decidimos criar uma página *web*. Além disso, a página *web* serve de depósito para as informações anexas ao mapa, como informação de uso, informações biobibliográficas sobre os autores e outros dados pertinentes. A escolha da ferramenta para a criação da página recaiu sobre o *Webnode*, um sistema *online* de criação de páginas *web*. Contudo, a quantidade de possibilidades semelhantes disponíveis torna fácil encontrar uma outra ferramenta que atinja os mesmos resultados. No caso deste projeto, o único requisito obrigatório era permitir embutir o mapa na página *Web*.

6 Uso do mapa (interface do utilizador)

O objetivo deste mapa é apresentar uma ferramenta que possibilite a visualização de literatura associada a locais da cidade de Braga. Este mapa é, principalmente, uma demonstração do grande potencial pedagógico, turístico, e de valorização literária e da língua que uma ferramenta do género pode ter. No entanto, é necessário referir que, apesar de ser um mapa funcional, este apresenta também algumas limitações. Uma delas é a utilização em dispositivos móveis que, apesar de possível, não oferece uma experiência totalmente satisfatória. O facto de a plataforma *uMap* não ter uma aplicação para dispositivos móveis, obriga à sua utilização através do navegador. Isto afeta principalmente a visualização dos excertos, pois não é possível ver o conteúdo em ecrã total. No entanto, é perfeitamente possível visualizar estes e usufruir da experiência de navegação sem grandes dificuldades.

Visto isto, seguiremos para a descrição das funcionalidades do mapa e descreveremos como este pode ser utilizado.



Figura 6.1 Barra de ferramentas do mapa

Para facilitar a utilização do mapa, é essencial entender a barra de ferramentas que se encontra no lado superior esquerdo do mesmo. A barra é formada por seis botões, tal como podemos ver na Figura 6.1. Os botões número 1 e 2 têm a função de *zoom*, servindo para aumentar ou diminuir a aproximação do mapa. Note-se que estes botões podem ser obsoletos no caso de o dispositivo usado permitir o controlo de *zoom* através de um periférico tal como o rato ou o próprio ecrã, no caso de um dispositivo móvel. O botão número 3, simbolizado pela lupa, permite fazer a pesquisa de locais através do preenchimento de uma caixa de texto. Os

resultados aparecem numa aba lateral. Esta ferramenta não tem ligação com os dados do mapa: de fato, ela faz a pesquisa por locais, tenham eles um excerto associado ou não²¹, sendo uma ferramenta útil no âmbito da navegação geográfica. Em seguida, os botões 4 e 5 servem para colocar o mapa em modo ecrã total e para procurar a localização atual do utilizador²², respetivamente. Por fim e mais importante, o botão número seis permite aceder ao menu de controlo de camadas onde é possível escolher as obras a visualizar de uma forma rápida. Além disso, a opção ‘Explorar dados’ permite aceder à caixa de pesquisa de excertos.

Desde que o utilizador esteja familiarizado com a barra de ferramentas e as suas funcionalidades, pode navegar com facilidade pelo mapa. Ao abri-lo, por definição, uma aba é apresentada no lado direito (quando no computador)²³ ou no fundo do ecrã (quando num dispositivo móvel). A aba tem um papel importante na orientação do utilizador e pode ser acedida a qualquer momento através do botão ‘Ver tudo’ e seguidamente do botão ‘Sobre’²⁴. Essa aba apresenta o conjunto das obras, cada uma representada por uma determinada cor que identifica no mapa os seus marcadores. A partir dessa aba é possível seleccionar e desseleccionar as obras que aparecem no mapa. É aconselhado ao utilizador que pretenda seguir uma obra em particular que desseleccione as restantes, de forma a usufruir de uma navegação mais agradável no mapa. Continuando na mesma aba, podemos ver que cada obra é seguida do nome do autor em forma de hiperligação, como é possível ver na Figura 6.2. Clicando nesta, abrir-se-á uma página com uma breve biografia e uma lista de outras obras do autor, como ilustrado na Figura 6.3.

²¹ Para o efeito de encontrar locais com associação a excertos existe uma outra função no mapa que será apresentada posteriormente.

²² Esta função funciona através do GPS sendo por isso necessário dar autorização para o mapa aceder à localização do dispositivo.

²³ Ver Figura 6.2

²⁴ Alternativamente, a aba pode ser acedida através da barra de ferramentas do lado superior esquerdo, usando o botão 6 (Figura 6.1) e posteriormente a opção ‘Explorar dados’.



Figura 6.2 Menu de acesso à biobibliografia do autor

Maria Ondina Braga (1932-2003)

07-04-2019



Busto de Maria Ondina Braga, do escultor Jorge Lillissier, na Avenida Central

Maria Ondina Braga, autora braguesa, nasce em 1932. Desde cedo faz inúmeras viagens tendo estudado em Paris e Londres. Após passagem pela África e Itália, vive vários anos em Macau onde foi professora. Esta vivência no Oriente é, aliás, marcante na sua obra. Morreu em Braga a 14 de Março de 2003. Foi premiada com o prémio Ricardo Malheiro pela obra *Amor e Morte* (1970) e com o prémio Eça de Queiroz pelo romance *Nocturno em Macau* (1991).

A obra escolhida para este projeto, intitulada *Quando o Claustro é Sem Ninguém*, é parte da coleção Braga. Cidade Bimilenar e foi retirada da obra *Estúdios de Sal* (1969).

Algumas obras:

Eu Vim para Ver a Terra (1965) - Crónicas; *A Chama Fica ao Lado* (1968) - Contos; *Estúdios de Sal* (1969) - Romance; *Amor e Morte* (1970) - Contos; *Do Resto de Junho* (1973) - Novelas; *A Revolta das Palmeiras* (1975) - Contos; *A Personagem* (1978) - Romance; *Mulheres Escitadas* (1980); *Estação Maria* (1980) - Contos; *O Homem da Ilha e Outros Contos* (1982); *A Rosa de Jericó* (1982); *A Casa Suspensa* (1983); *Lua de Sangue* (1986); *Memoórias e mais diálogos* (1988); *Nocturno em Macau* (1991) - Romance; *Passagem do Cabo* (1994); *A Filha do Juramento* (1995); *Vidas Vencidas* (1998); *Angústia em Beagim, 2ª ed.*, Lisboa, Babel (1998); *Passagem do Cabo, Lisboa, Caminho*, (1994)

Figura 6.3 Biobibliografia de Maria Ondina Braga presente na página do BragaLit

Outra forma de navegar no mapa é através da filtragem, usando a opção ‘Explorar dados’, que pode ser acedida através do botão número 6 da barra de ferramentas (Figura 6.1). Aqui, é possível preencher uma caixa de texto que faz uma filtragem aos marcadores, apresentando apenas os desejados. Como explicado anteriormente no apartado 5, a filtragem dos dados pode ser feita por local, autor, obra e tipo de local, possibilitando assim uma navegação mais personalizada. Esta é uma ferramenta ideal para quem procura uma experiência mais focada num autor específico, por exemplo, ou num tipo de local (religioso, cultural, etc.).

A exploração livre também é uma opção, isto é, o utilizador pode passear pela cidade e explorar o mapa à medida que vai encontrando os marcadores. No entanto, uma das limitações do mapa é a ausência de navegação por GPS. De fato, ao contrário de ferramentas com *Google MyMaps*, o *uMap* não possui a função de criar um trajeto dando indicações do caminho a seguir, sendo neste sentido um mapa mais tradicional. Contudo, a ferramenta número 5 (Figura 6.1) é útil para auxiliar a navegação, pois esta centra o mapa na localização atual do utilizador. Isto

possibilita que, uma vez junto de um local de interesse, o utilizador possa verificar se existe um excerto associado.

Uma vez explicado como este mapa pode ser utilizado, no próximo apartado iremos tecer algumas considerações sobre como este projeto pode ser melhorado no futuro.

7 Aspetos a melhorar

O BragaLit já é um mapa operacional. No entanto, novas funcionalidades podem ser acrescentadas a fim de otimizar a experiência do turista num contexto de utilização real. Além disso, a *uMap* é uma plataforma aberta que permite a fácil inserção de código de programação personalizado.

Tendo em conta que a prática do turismo implica mobilidade, uma das principais melhorias seria a adaptação do mapa para dispositivos móveis. Algumas sugestões são a leitura no modo ecrã inteiro e a expansão da atual função de localização por GPS para indicar, além da posição atual do utilizador, o seu destino final, possibilitando a criação de trajetos entre um ponto e outro.

Um outro aspeto a acrescentar diz respeito à inserção de mais informação disponível no mapa. Neste momento, já é possível aceder a dados relacionados com o excerto (como o autor, a obra, ISBN, etc.), mas ainda há espaço para adicionar informações extraliterárias, como curiosidades históricas, glossários de expressões típicas ou referências pertinentes retiradas da agenda cultural da cidade, poupando ao turista a tarefa de ter de as procurar noutra plataforma e proporcionando assim uma experiência mais completa. Além disso, a adição de vídeos, imagens panorâmicas e uma quantidade maior de fotografias dos locais permitiria não só a utilização do mapa num contexto real de turismo, mas também transformaria o mapa numa ferramenta de turismo virtual, com possíveis aplicações pedagógicas. Numa visão ideal do BragaLit, este, sem perder o seu propósito de mapa literário, poderia assumir o papel de mapa cultural, permitindo difundir a literatura da cidade através da sua ligação com a história e património.

Também seria interessante traduzir o mapa para outras línguas. Braga foi eleita como o segundo melhor destino europeu em 2019, numa votação realizada pela organização European Best Destinations (2019), o que demonstra a afluência de turistas estrangeiros à cidade. E por que não narrar os excertos e disponibilizá-los em formato áudio, melhorando a acessibilidade do mapa? Por fim, também se pode pensar na expansão dos filtros de seleção dos excertos (época,

género literário ou tema, por exemplo), aumentando exponencialmente as possibilidades de criação de itinerários personalizados.

Note-se, no entanto, que todas essas sugestões pressupõem também o aumento do número de excertos e a criação de critérios de recolha e de anotação mais detalhados e embasados numa perspetiva multidisciplinar. Só na coleção Braga Cidade Bimilenar, que o BragaLit procurou divulgar e promover, há mais 40 obras prontas para serem inseridas no mapa. Uma maneira de agilizar o processo de expansão (tanto geográfica, como do *corpus*) do mapa seria torná-lo colaborativo, disponibilizando, por exemplo, um formulário de leitura em que o utilizador pudesse sugerir obras ou excertos relacionados com lugares em particular.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, tratámos do fenómeno do turismo literário e procurámos defini-lo e contextualizá-lo à luz de uma abordagem multidisciplinar que sublinhou o seu carácter complexo. Por vezes considerado como um nicho do turismo cultural ou patrimonial, e, dependendo da atividade, do turismo criativo, o turismo literário é uma prática de turismo associada a lugares com significância literária. Vimos também que o turismo literário é uma prática antiga, com relatos que remontam à Roma antiga. De fato, ele decorre da curiosidade natural do leitor em procurar em lugares reais traços da vida e da obra dos seus autores favoritos, o que lhes confere um atrativo especial. Também é uma prática tão variada quanto as obras literárias em que se inspira, às quais chamamos literatura de turismo. Ademais, além de promover o turismo, a obra literária e o seu autor têm o poder de transformar a paisagem: uma obra como *Anne of Green Gables*, por exemplo, deu origem a casas-museu, a um parque temático e a tantas lojas de *souvenir* que é impossível deambular por Prince Edward Island, a ilha natal da personagem, sem se deparar com alguma referência à personagem. Por último, e assim como outros ramos do turismo, o turismo literário tem um impacto considerável noutras indústrias, como a hotelaria e a restauração. Isto quer dizer que o turismo literário tem impacto não só como agente de preservação do património, material e imaterial, mas também como agente socioeconómico.

Daí decorreu naturalmente que falássemos da exploração deste nicho de turismo em Braga. Braga é uma cidade que tem sabido crescer cultural e turisticamente, como demonstra a preenchida agenda cultural, com os seus pontos fortes na Braga Romana, no São João de Braga, na Noite Branca e na Semana Santa. Verificou-se, porém, que Braga ainda não tem um plano cultural delineado especificamente para o propósito turístico-literário.

Foi com o objetivo de ajudar a preencher um pouco desta lacuna que decidimos criar um mapa literário da cidade, o BragaLit. O BragaLit reúne e situa num mapa excertos retirados de obras literárias publicadas na coleção Braga Cidade Bimilenar, editada pela Fundação Bracara Augusta, que citam lugares de Braga.

Como explicámos no apartado 1, optámos pelo mapa, dentre todas as manifestações de turismo literário porque se trata de uma ferramenta tradicional associada ao turismo com a qual

o turista já está familiarizado, e cuja criação, pelo menos na sua versão digital, requer pouco investimento financeiro. Ainda, a capacidade que um mapa tem em ilustrar a literatura associada ao local ao qual faz referência, portanto evidenciando a ligação entre os dois faz com que este seja a ferramenta ideal para alimentar a noção de que existe literatura na cidade, o que, por sua vez, ajuda a assentar a identidade cultural de um lugar e o seu *status* de cidade literária. E o título de cidade literária não é coisa anódina – para Óbidos, que construiu essa reputação a partir do zero nos últimos 10 anos, tudo começou com a transformação de uma igreja em livraria.

Braga já dispõe de um acervo de autores e obras extenso, com grandes nomes como Maria Ondina Braga, Altino do Tojal e João Penha ligados à cidade. Além disso, existem entidades que fazem um excelente trabalho de promoção da literatura, como a FBA e a BLCS. Só falta um elo de ligação concreto entre o património literário e o turista, assim como um plano bem delineado que vise o crescimento literário da cidade, com o intuito de criar uma tradição literária mais forte ano após ano. Acreditamos, que com este projeto, foi possível ter uma imagem do potencial literário da cidade e que, com alguma dedicação e a colaboração entre entidades, o turismo literário possa ser uma realidade em Braga. Quanto ao BragaLit, a sua evolução continuará a ser o objetivo, com vista a colocá-lo num contexto turístico real.

BIBLIOGRAFIA

Obras do “corpus”:

Braga, M. O. (2000). *Quando o claustro é sem ninguém*. Braga: Fundação Cultural Bracara Augusta.

Castelo Branco, C. (2000). *As aventuras de quatro homens que foram a Braga*. Braga: Fundação Cultural Bracara Augusta.

Figueiredo, A. de. (2000). *O Braguês seguido de A procissão dos Fogaréus*. Braga: Fundação Cultural Bracara Augusta.

Gomes, M. T. (2000). *Entrei em Braga algo desconfiado*. Braga: Fundação Cultural Bracara Augusta.

Herculano, A. (2000). *Afluência extraordinária a Braga*. Braga: Fundação Cultural Bracara Augusta.

Medes, J. M. (2000). *Lua deitada no feno*. Braga: Fundação Cultural Bracara Augusta.

Ortigão, R. (2000). *A great attraction*. Braga: Fundação Cultural Bracara Augusta.

Pacheco, L. (2000). *O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor*. Braga: Fundação Cultural Bracara Augusta.

Tojal, A. (2000). *Braga crescera muito*. Braga: Fundação Cultural Bracara Augusta.

Trigueiros, L. F. (2000). *Pensei que Braga estaria perdida*. Braga: Fundação Cultural Bracara Augusta.

Bibliografia crítica:

Barrios, J. (2001). *El español como recurso turístico: El turismo idiomático*. II Congreso internacional de la Lengua Española, Valladolid.

Borm, J. (2017). Defining Travel: On the Travel Book, Travel Writing and Terminology. Em G. Hooper & T. Youngs (Eds.), *Perspectives on Travel Writing* (pp. 13–26). Aldershot: Routledge.

- Busby, G., & Klug, J. (2001). Movie-induced tourism: The challenge of measurement and other issues. *Journal of Vacation Marketing*, 7(4), 316–332.
- Campbell, M. B. (1991). *The Witness and the Other World: Exotic European Travel Writing, 400-1600*. New York: Cornell University Press.
- Cristóvão, F. (1999). Para uma teoria da Literatura de Viagens. Em F. Cristóvão (Ed.), *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens: Estudo e bibliografias*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Cristóvão, F. (2010). *Literatura de Viagens: Da tradicional à nova e à novíssima*. Coimbra: Edições Almedina, SA.
- Feifer, M. (1985). *Going places. The ways of the tourist from Imperial Rome to the present day*. London: MacMillan London Limited.
- H. D'Arms, J. (2003). *Romans on the Bay of Naples: And other essays on Roman Campania* (F. Zevi, Ed.). Bari: Edipuglia.
- Hendrix, H. (2014). Literature and Tourism: Explorations, Reflections, and Challenges. Em Lit &Tour. Ensaio sobre literatura e turismo (pp. 19–29). V.N. Famalicão: Edições Húmus
- Herbert, D.T. (1996). Artistic and literary places in France as tourist attractions. *Tourism Management*, 17(2), 77-85.
- Holloway, J. C., & Taylor, N. (2006). *The Business of Tourism* (7th ed., pp. 3-14). London: Pearson Education Edt.
- Hoppen, A. (2011). *Literary Places & Tourism—A study of visitors' motivations at the Daphne Du Maurier Festival of Arts & Literature (dissertação não publicada)* [Bournemouth University]. http://www.academia.edu/4138112/Literary_Places_and_Tourism_-_A_study_of_visitors_motivations_at_the_Daphne_Du_Maurier_Festival_of_Arts_and_Literature
- Jayapalan, N. (2001). *Introduction To Tourism*. (pp. 1-23). New Dehli: Atlantic Publishers & Dist.

- Lemon, C. (1996). *Early Visitors to Haworth: From Ellen Nussey to Virginia Woolf*. New York: Bronte Society.
- Magadán Díaz, M., & Rivas García, J. I. (2012). *Turismo literario*. Oviedo: Septem Ediciones, S.L.
- Mansfield, C. (2015). *Researching Literary Tourism*. Bideford: Shadows Books & Media.
<https://doi.org/10.13140/RG.2.1.4212.9441>
- Moretti, F. (1999). *Atlas of the European Novel, 1800-1900*. London & New York: Verso.
- Navarro Macías, V. M. (2014). *Turismo Idiomático: Estrategias y Tendencias del Mercado*. (Dissertação de Mestrado, Universidad de Cádiz). <https://mastereconomicas.uca.es/wp-content/uploads/2016/08/TFM-MBA-NAVARRO-MACIAS-VICTOR-MANUEL.pdf>
- Orme, D. (1999). *The Brontës*. London: Evans Brothers.
- Pocock, D. C. D. (1987). Haworth: The Experience of Literary Place. Em W. E. Mallory & P. Simpson-Housley (Eds.), *Geography and Literature: A Meeting of the Disciplines* (pp. 135–142). Syracuse University Press.
- Pocock, D. C. D. (2014). Introduction: Imaginative Literature and the Geographer. Em *Humanistic Geography and Literature: Essays on the Experience of Place* (pp. 9–18).
- Quinteiro, S., & Baleiro, R. (2017). *Estudos em Literatura e Turismo—Conceitos fundamentais* (1.ª ed.). Lisboa: Universidade de Lisboa.
https://www.academia.edu/35359967/Estudos_em_Literatura_e_Turismo_Conceitos_Fundamentais
- Richards, G., & Raymond, C. (2000). Creative Tourism. *ATLAS News*, 23, 16–20.
- Robinson, M., & Andersen, H. C. (Eds.). (2003). *Literature and tourism: Reading and writing tourism texts*. (pp. XIII–XVII) Cornwall: Thomson Learning.
- Squire, S. J. (1996). Literary Tourism and Sustainable Tourism: Promoting «Anne of Green Gables» em Prince Edward Island. *Journal of Sustainable Tourism*, 4(3), 119–134.
<https://doi.org/10.1080/09669589608667263>

- Thompson, C. (2011). *Travel Writing*. (pp. 9-30). New York: Routledge.
- Trapp, J. B. (1984). The Grave of Vergil. em *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 47, 1–31. <https://doi.org/10.2307/751436>
- Vessey, D. (2010). *Statius and the Thebaid*. (pp.1-5). Cambridge: Cambridge University Press.
- Watson, N. J. (2006). *The Literary Tourist: Readers and Places in Romantic and Victorian Britain* (1.ª ed.). Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Watson, N. J. (Ed.). (2009). *Literary Tourism and Nineteenth-Century Culture*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Weber, M. (2018). *Literary Festivals and Contemporary Book Culture*. (pp. 1-54) Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-71510-0>

Relatórios oficiais de atividade:

- Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (2017). *Relatório de Gestão 2016 e documentos de Prestação de Contas*. Vila Nova de Famalicão Camara Municipal.
<http://www.vilanovadefamalicao.org/relatorioecontas2016/cultura.htm>
- Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. (2018). *Relatório de Gestão 2017 e documentos de Prestação de Contas*. Vila Nova de Famalicão Camara Municipal.
<http://www.vilanovadefamalicao.org/relatorioecontas2017/cultura.htm>
- EGEAC. (2016). *Relatório e Contas 2015*. http://egeac.pt/v2/wp-content/uploads/2017/03/EGEAC_Relatorio_e_Contas_2015.pdf
- EGEAC. (2018). *Relatório e Contas 2017*. <http://www.egeac.pt/v2/wp-content/uploads/2018/05/2017.pdf>
- El Español: Una lengua viva. Informe 2018*. (2019). Instituto Cervantes.
https://cvc.cervantes.es/lengua/espanol_lengua_viva/pdf/espanol_lengua_viva_2018.pdf

Fundação Eça de Queiroz. (2019). *Relatório e contas de 2018* (p. 66). Fundação Eça de Queiroz.
<https://feq.pt/wp-content/uploads/2019/04/Relat%C3%B3rio-e-contas-2018.pdf>

Governo de Portugal. (2015). *Programa do XII Governo Constitucional 2015-2019*.
<https://www.portugal.gov.pt/ficheiros-geral/programa-do-governo-pdf.aspx>

Mintel. (2011). *Literary Tourism—International—September 2011—Market Research Report*.
Mintel International Group. <http://reports.mintel.com/display/550492/#>

Tourism PEI. (2018). *Economic Development and Tourism—Annual Report 2017-2018*.
https://www.princeedwardisland.ca/sites/default/files/publications/2017-2018_tourism_pei_annual_report_1.pdf

Sites *web* e jornais *online*:

30 Years of the Hay Festival. (sem data). BBC Arts. Obtido a 31 de Julho de 2019, de
<http://www.bbc.co.uk/timelines/zpswy4j>

500 million Harry Potter books sold worldwide. (2018, Janeiro 2). Pottermore. Obtido a 26 Junho de 2019, de <https://www.pottermore.com/news/500-million-harry-potter-books-have-now-been-sold-worldwide>

A Flip. (sem data). Flip. Obtido a 27 de Maio de 2019, de <http://arquivo.flip.org.br/a-flip/sobre>

About The Literature Festival. (sem data). Cheltenham Festivals. Obtido a 9 de Maio de 2019, de
<https://www.cheltenhamfestivals.com/literature/about-the-festival/about-the-festival/>

About Us. (2016, Setembro 20). PEN America. Obtido a 8 de Fevereiro de 2019, de
<https://pen.org/about-us/>

About us: Welcome to the Brontë Society. (sem data). The Brontë Society: Brontë Parsonage Museum. Obtido a 5 a Fevereiro de 2019, de <https://www.bronte.org.uk/about-us>

AFP. (2011, Agosto 15). «*Anne of Green Gables*» boosts Canadian island. The Independent. Obtido a 22 de Julho de 2019, de <http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/anne-of-green-gables-boosts-canadian-island-2338081.html>

Almeida, S. (2017, Junho 2). Volta a Portugal em festivais literários. *Jornal de Notícias*. Obtido a 2 de Novembro de 2018, de <https://www.jn.pt/artes/especial/interior/volta-a-portugal-em-festivais-literarios-8526834.html>

Apresentação. (2007). Casa de Camilo. Obtido a 4 de Fevereiro de 2019, de <http://www.camilocastelobranco.org/index2.php?co=7&tp=3&cop=0&LG=0&mop=22&it=paginas>

Assembleia da República atribui Voto de Louvor ao Correntes d'Escritas. (2019, Agosto 3). Póvoa de Varzim. Obtido a 15 de Junho de 2019, de <https://www.cm-pvarzim.pt/noticias/assembleia-da-republica-atribui-voto-de-louvor-ao-correntes-descritas>

Booking.com. (2016). Los viajeros de negocios combinan ocio y trabajo. Booking.com. Obtido a 25 de Abril de 2019, de <https://news.booking.com/los-viajeros-de-negocios-combinan-ocio-y-trabajo/>

Bronte Parsonage Museum—Haworth. (sem data). Haworth Village: Brontës. Obtido a 7 de Fevereiro de 2019, de <https://web.archive.org/web/20160416123023/http://www.haworth-village.org.uk/brontes/parsonage/parsonage.asp>

Cavaleiro, D. (2013, Março 28). *As rotas da escrita por percorrer*. Negócios. Obtido a 22 de Janeiro de 2019, de https://www.jornaldenegocios.pt/economia/cultura/detalhe/as_rotas_da_escrita_por_percorrer

Cipriano, R. (2016, Setembro 22). Há um comboio literário que vai até Óbidos e o Oeste agradece. Observador. Obtido a 13 de Fevereiro, de <https://observador.pt/2016/09/22/ha-um-comboio-literario-que-vai-ate-obidos-e-o-oeste-agradece/>

Cipriano, R. (2019). *Correntes d'Escritas celebra 20 anos com a maior edição de sempre*. Observador. Obtido a 9 de Maio de 2019, de <https://observador.pt/2019/01/31/correntes-descritas-celebra-20-anos-com-a-maior-edicao-de-sempr/>

- Creative Cities Network: Óbidos*. (sem data). Obtido a 31 de Janeiro de 2019, de <https://en.unesco.org/creative-cities/node/370>
- Dawes, T. (2017, Dezembro 6). *Why Anne Of Green Gables Is Big In Japan*. HuffPost. Obtido a 17 de Junho de 2019, de https://www.huffpost.com/entry/anne-of-green-gables-japan_b_4899252
- Dilmi, F. (2013, Março 18). *Understanding Google API* [Technology]. https://www.slideshare.net/delphiexile/understanding-google-ap-is?from_action=save
- Eschner, K. (2017, Janeiro 19). *Who Was the Poe Toaster? We Still Have No Idea*. Smithsonian. Obtido a 25 de Maio de 2019, de <https://www.smithsonianmag.com/smart-news/who-was-poe-toaster-we-still-have-no-idea-180961820/>
- Europe's Best Destinations. (2019). *Best places to travel in 2019*. Europe's Best Destinations. Obtido a 2 de Janeiro de 2020, de <http://www.europeanbestdestinations.com/european-best-destinations-2019/>
- Eyre, C. (2018, Setembro de). *Hay Festival reports £70m boost to local economy*. The Bookseller. Obtido a 6 de Novembro de 2018, de <https://www.thebookseller.com/news/hay-festival-boosts-local-economy-70m-864211>
- Feldman, S. (2018, Novembro 15). *Infographic: You're a Wizard at Making Money, Harry*. Statista Infographics. Obtido a 15 de Fevereiro de 2018, de <https://www.statista.com/chart/16114/harry-potter-franchise/>
- Gross, M. (2008, Setembro 5). *Lessons From the Frugal Grand Tour*. *Frugal Traveler Blog*. Obtido a 20 de Janeiro de 2019, de <https://frugaltraveler.blogs.nytimes.com/2008/09/05/lesons-from-the-frugal-grand-tour/>
- Harrod, H. (2016, Outubro 9). *The making of Inferno: Dan Brown and Tom Hanks take you to the gates of hell*. *The Telegraph*. Obtido a 30 de Setembro de 2019, de <https://www.telegraph.co.uk/films/2016/10/09/the-making-of-inferno-dan-brown-and-tom-hanks-take-you-to-the-ga/>

- Hermann, N. (2019, Maio 3). *The History of Anne of Green Gables. Anne of Green Gables*.
Obtido a 17 de Maio de 2019, de <https://www.anneofgreengables.com/blog/how-anne-of-green-gables-has-affected-us-through-the-years>
- Historic England. (sem data). *Haworth: Village of the Brontës*. Historic England. Obtido a 23 de Junho de 2019, de <https://historicengland.org.uk/images-books/publications/haworth-village-of-brontes/haworth-village-of-brontes/>
- Irvine, L. (2007, Abril 20). All the fun of the literary theme park. *The Guardian*. Obtido a 20 de Setembro de 2018, de <https://www.theguardian.com/books/booksblog/2007/apr/20/allthefunoftheliteraryth>
- Lucas, I. (2015, Julho 7). *Óbidos terá em Outubro um festival inspirado em Paraty*. PÚBLICO.
Obtido a 4 de Junho de 2019, de <https://www.publico.pt/2015/07/07/culturaipilon/noticia/obidos-tera-em-outubro-um-festival-inspirado-em-paraty-1701321>
- MadreMedia, & Lusa. (2018, de Outubro de). *Folio fecha com balanço positivo, mais público e parcerias internacionais*. SAPO 24. Obtido a 32 de Janeiro de 2019, de <https://24.sapo.pt/vida/artigos/folio-fecha-com-balanco-positivo-mais-publico-e-parcerias-internacionais>
- Museum celebrates increase in visitor numbers*. (sem data). The Brontë Society: Brontë Parsonage Museum. Obtido a 5 de Fevereiro de 2019, de <https://www.bronte.org.uk//whats-on/news/213/museum-celebrates-increase-in-visitor-numbers>
- Nelson, B. (2017, Outubro 30). Attention, Book Lovers: The World's Largest Literary Hotel Contains 65,000 Books. *Reader's Digest*. Obtido a 10 de Setembro de 2019, de <https://www.rd.com/advice/travel/worlds-largest-literary-hotel/>
- O Museu*. (2019). Casa Fernando Pessoa. Obtido a 21 de Janeiro de 2019, de <https://www.casafernandopessoa.pt/pt/cfp/museu>

- OpenStreetMap*. (sem data). OpenStreetMap. Obtido a 3 de Junho de 2019, de <https://www.openstreetmap.org/about>
- Peiro, P. (2015, Abril 24). El turismo idiomático del español crece en todo el mundo. *El País*. Obtido a 27 de Setembro de 2019, de https://elpais.com/cultura/2015/04/24/actualidad/1429890190_812984.html
- Quem Somos*. (2019). Livraria Centéssima Página. Obtido a 11 de Setembro de 2019, de <http://www.centesima.com/content.asp?startAt=3&categoryID=4>
- Quem somos?* (sem data). Braga Cultura 2030. Obtido a 1 de Agosto de 2019, de <https://www.bragacultura2030.pt/>
- Resenha histórica—Cidade dos Arcebispos e Roma Portuguesa*. (sem data). Sitio oficial da Semana Santa de Braga. Obtido a 11 de Setembro de 2019, de <https://semanasantabraga.com/turismo/resenha-historica/>
- Roslyn Chapel Timeline. (sem data). *The Official Roslyn Chapel Website*. Obtido a 19 de Setembro de 2019, de <https://www.rosslynchapel.com/about/rosslyn-chapel-timeline/>
- Swift, S. (2007, Abril 18). What the Dickens? *The Guardian*. Obtido a 20 de Setembro de 2018, de <https://www.theguardian.com/books/2007/apr/18/classics.travelnews>
- The literary hotel dedicated to Marcel Proust in Paris*. (2019). Le Swann Hôtel Littéraire. Obtido a 15 de Fevereiro de 2019, de <https://www.hotel-leswann.com/en/story-of-swann/the-literary-hotel/>
- Things to do—Green Gables Heritage Place*. (2018, Junho 5). Parks Canada. Obtido a 9 de Agosto de 2019, de <https://www.pc.gc.ca/en/lhn-nhs/pe/greengables/activ>
- Tourism: Set your sights on PEI's tourism sector*. (sem data). Prince Edward Island Employment Journey. Obtido a 22 de Julho de 2019, de <https://employmentjourney.com/industries/tourism/#>
- UNWTO. (2008). *Understanding Tourism: Basic Glossary*. UNWTO. Obtido a 13 de Janeiro de 2019, de <http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/docpdf/glossaryenrev.pdf>

Usage Survey of Character Encodings broken down by Ranking. (2019). W3 Techs: Web Technology Surveys.

https://w3techs.com/technologies/cross/character_encoding/ranking

Venticinque, D. (2016, Outubro 21). *O efeito Dan Brown.* Época. Obtido a 22 de Janeiro de 2019, de <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/10/o-efeito-dan-brown.html>

Wood, H. (2018, Março 18). 1 million map contributors! .*OpenStreetMap Blog.* Obtido a 7 de Setembro de 2019, de <https://blog.openstreetmap.org/2018/03/18/1-million-map-contributors/>

Yarr, K. (2018, Janeiro 4). 4 ways 2017 was the year of Anne of Green Gables. *CBC News.* Obtido a 22 de Junho de 2019, de <https://www.cbc.ca/news/canada/prince-edward-island/pei-year-of-anne-2017-1.4471619>

ANEXOS

Anexo I - Acesso ao mapa.

O acesso ao mapa pode ser feito de três formas:

1. Através do página *uMap* onde o mapa foi criado - https://umap.openstreetmap.fr/ru/map/bragalit_301058#12/41.5415/-8.3936
2. Através do site criado sobre o domínio *Webnode* onde se encontra o mapa e informações complementares - <https://bragalit.webnode.pt/>
3. Através do código QR:



Anexo II – Excertos do “Corpus”

Obra	Página	Local
<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	8-10	Bom Jesus do Monte
<p>Paz que não é a imagem habitual do silêncio cantado pelos poetas menores. (Que a poesia, se autêntica, não precisa de atmosfera, nasce onde pode, não é verdade?) Nem a emoldurante paz de vistas postais, mas sim a outra, a que não exclui, de onde em onde, o silvo distante de uma buzina de automóvel como a romper entre a folhagem, o chiar arrastado dos carros de bois, o latir dos cães e até no rádio do carro que parou há pouco, ali em baixo, a voz interferida do locutor a dar notícias do estrangeiro. Mas isto, sim, é a paz, uma paz ainda mais evidente quando elementos alheios a vêm quebrar. Depois, logo nos toma esta silente doçura a esgueirar-se pelos verdes campos chãos, nos penhascos musgosos lá do topo, nos casais que guarnecem os outeiros... Gosto de reencontrá-lo, assim, todos os anos, a este Bom Jesus, cujos encantos maiores talvez não sejam rigorosamente os que constam da sua terapêutica verde, a que só faltam as termas para ser termal. Deve ser este um dos raros cartazes turísticos do País que não apresenta qualquer elixir específico - alvará de roleta ou análise química autenticada. A água, decerto, é magnífica, pura, como tudo o que está junto à nascente [...] Assim, os que procuram, logo ao primeiro surto de Verão, as serenas frondes do Bom Jesus, não vêm ao engano, além delas, só encontrarão a fresca paz da montanha, mas que, essa, é autêntica e resistente como troncos das solenes carvalheiras junto à estrada.</p>		
<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	11	Estátua de São Longuinhos
<p>Com o seu escadório, as suas grosseiras imagens das Capelas (nada menos sugestivo do que o Centurião, lança em riste, escudo no braço, confirmando a Pilatos a morte de Jesus...), a fachada do templo exibindo fantasias de arquitecturas compósitas - dórica e jónica - o Bom Jesus é pulmão salubre e piedoso desta Braga intuitiva que sabe o valor de qualquer aristocracia verdadeira, seja ela a do sangue, do espírito ou do trabalho, e se revê com igual orgulho tanto nas gastas varandas dos solares antigos como nos seus pergaminhos turísticos ou nos produtos</p>		

que fabrica e exporta: «medalha de oiro na Exposição e tal...».		
<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	11	Bom Jesus do Monte
Com o seu escadório, as suas grosseiras imagens das Capelas (nada menos sugestivo do que o Centurião, lança em riste, escudo no braço, confirmando a Pilatos a morte de Jesus...), a fachada do templo exibindo fantasias de arquiteturas compósitas - dórica e jónica - o Bom Jesus é pulmão salubre e piedoso desta Braga intuitiva que sabe o valor de qualquer aristocracia verdadeira, seja ela a do sangue, do espírito ou do trabalho, e se revê com igual orgulho tanto nas gastas varandas dos solares antigos como nos seus pergaminhos turísticos ou nos produtos que fabrica e exporta: «medalha de oiro na Exposição e tal...».		
<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	16-18	Bom Jesus do Monte
Desço do Bom Jesus a Braga. Este passeio é sempre para mim uma distração, caminho tão variado, que renuncio, por ele, à comodidade do automóvel - demasiadamente veloz, na emergência, para o meu gosto. Estão agora muito certinhas e fáceis as estradas que levam à cidade. Aqui para o Norte, zona rica de granito, o paralelepípedo vive a sua hora de prestígio. Antes de serem aprisionados no sólido xadrez do pavimento, os rectângulos amontoam-se na estrada, esperando a sua vez. Mas há nos gestos dos operários, no cuidado com que os alinham e medem proporções ou alturas, um quase paternal carinho que entenece. O macadame antigo vai então desaparecendo e assim tem-se pelo menos a sensação grata de se construir para a eternidade, eternidade que desafia os temporais e os autocarros e que se ostenta, triunfante, no largo risco cinzento aberto na montanha. Desço a pé, de propósito, pela estrada, sem meter aos atalhos da mata, participando, eu próprio, na clara manhã, desta alegria do tempo. É quase o final do Verão, com os primeiros dias de Setembro a entornarem pelos vales a música dum sol que já não queima e a estrada responde-lhes, na promoção agoloada dos «paralelos» contentes. E como os artífices desse trabalho de braço e a paciência são quase sempre recrutados nas respetivas zonas, há certa consciência regional na monotonia duma tarefa física. O tempo é de regozijo, a estrada é de luxo e os que a fazem ultrapassam por isso o esforço bruto. Uma		

estrada assim tem seu quê de histórico.

Pensei que Braga estaria perdida

17, 18

Castelo do Bom Jesus

É quase o final do Verão, com os primeiros dias de Setembro a entornarem pelos vales a música dum sol que já não queima e a estrada responde-lhes, na promoção agolada dos «paralelos» contentes. E como os artifices desse trabalho de braço e a paciência são quase sempre recrutados nas respetivas zonas, há certa consciência regional na monotonia duma tarefa física. O tempo é de regozijo, a estrada é de luxo e os que a fazem ultrapassam por isso o esforço bruto. Uma estrada assim tem seu quê de histórico. Piso-a, também eu, na grata satisfação duma realidade pressentida ou descoberta. São poucas as casas marginais. Lá para cima ficaram os «Castelos», mais os seus torreões excêntricos. Desde os para-raios até aos canhões vigiando, tudo ali é cenário de revista do ano. O povo diz que o espetacular casarão dá-se ao luxo de ter uma vida misteriosa. Besta quase sempre confrangedora Arquitetura residencial do Bom Jesus do Monte os «Castelos» são a eloquente réplica do mau gosto do homem à divina criação da paisagem, das árvores, das serras. Só ela aqui vale a pena.

Pensei que Braga estaria perdida

23, 24

Sé de Braga

Respeito muito os parâmetros do Tesouro na Sé de Braga e se há museu em que o sentido dos objetos consiga vencer em mim a frieza que sempre me toma perante qualquer coleção é esse. Bastava-lhe, para ultrapassar a perigosa anarquia artística que é sempre um conjunto de espécies raras, a cruz ferrugenta, que parece ter sido, realmente, a da primeira missa do Brasil. Mais do que as suas custódias ricas, cálices ou capas bordadas, apesar do seu valor religioso e histórico, aquela cruz de ferro resume tudo quanto nos fez grandes: o esforço de levá-la até ao outro lado do mar e a certeza de que o gesto de fincá-la em nova terra desde logo, a esta, cristãmente a resgatou. Na capela do arcebispo D. Gonçalo Pereira sinto acordar a voz do sangue, tantas vezes mudo nos ásperos caminhos da vida. E o túmulo flandrino em cobre doirado, do infante D. Afonso, e a talha do coro que escapou à destruição reintegradora do nosso tempo, tudo são elementos que talvez não constituam para o visitante o primordial atractivo, na

<p>Sé, mas que, devo confessá-lo, em primeiro lugar me solicitam quando procuro a paz da sua nave.</p>		
<p><i>Pensei que Braga estaria perdida</i></p>	<p>25, 26</p>	<p>A Brasileira</p>
<p>Num certo dia de Agosto em que vi saracotear-se na Arcada dois casais estrangeiros – campistas de automóvel – de calções de praia e coloridos gorros de berloques, pensei que Braga estaria perdida. Afinal, enganei-me, o seu caráter vem de tão longe que a cidade resiste ao que o turismo tem forçosamente de indiscreto. E isto é de algum modo diploma. Não há olhares que firam nem modas que gastem. Entre as duas «Brasileiras» lado a lado, continua o mesmo diálogo provinciano do tempo da guerra e já ultrapassado, aliados contra germanófilos. Vive-se debruçado sobre a política, seja a dos corredores do Terreiro do Paço seja a de Paris ou Londres.</p>		
<p><i>Pensei que Braga estaria perdida</i></p>	<p>21, 22</p>	<p>Bom Jesus do Monte</p>
<p>No nosso agregado familiar do Bom Jesus, tão alheio aos excursionistas e veraneantes a Senhora Mariquinhas era uma presença viva. Há anos, porém, quando cheguei uma tarde ao Bom Jesus do Monte, vi sentado numa cadeira, ao ar livre, muito pálido, o filho mais novo da Senhora Mariquinhas. A mãe, ao lado, costurava. Disseram-me em casa, que o rapaz «estava fraco» e que para o outro lado da rua já tinham ido remédios, ovos, galinhas... Durante todo esse Verão a sombra da árvore e a do moço confundiram-se numa só, ali, ao pé de casa, a lembrarem-me como eram inúteis, afinal, os cuidados, os desânimos e as mesquinhas lutas desta vida. Morreu ao romper do Outono, quando o velho carvalho da estrada, já sem folhas, começou a negar-lhe a frágil terapêutica da sua sombra. Julguei que no Verão seguinte encontraria a Senhora Mariquinhas mais velha e mais triste. Enganei-me. Era ainda a mesma voz alegre que, cedo, me entrava pela casa dentro, quando carregava água da fonte e na delicada intuição do nosso povo, como se entre nós houvesse um púdico requinte de cidadãos educados, nem uma só vez se tocou no assunto triste.</p>		
<p><i>Pensei que Braga estaria</i></p>	<p>26, 27</p>	<p>Rua do Souto</p>

<i>perdida</i>		
<p>Na Rua do Souto, os lojistas conhecem toda a gente e não há folhetim de polícias e ladrões que lhe tire o seu carácter familiar: «leve tudo, paga quando quiser.» Inteira e alegre, Braga parece-se com aquelas mulheres bonitas às quais as outras não perdoam andarem de cabeça erguida e vingam-se chamando-lhe maçadoras. Talvez, que este bom provincianismo não faça da cidade um centro, propriamente dito, de recreios, salsifrés ou tráfegos mundanos de praia. Podem pôr-lhe altifalantes na Avenida, à noitinha, entornando sambas e baiões por onde os passeios – que as esplanadas dos cafés não perdem o seu ar tradicional e pachorrento, próprio dum velho burgo que só dificilmente se deixa contagiar.</p>		
<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	26, 27	Avenida Central
<p>Na Rua do Souto, os lojistas conhecem toda a gente e não há folhetim de polícias e ladrões que lhe tire o seu carácter familiar: «leve tudo, paga quando quiser.» Inteira e alegre, Braga parece-se com aquelas mulheres bonitas às quais as outras não perdoam andarem de cabeça erguida e vingam-se chamando-lhe maçadoras. Talvez, que este bom provincianismo não faça da cidade um centro, propriamente dito, de recreios, salsifrés ou tráfegos mundanos de praia. Podem pôr-lhe altifalantes na Avenida, à noitinha, entornando sambas e baiões por onde os passeios – que as esplanadas dos cafés não perdem o seu ar tradicional e pachorrento, próprio dum velho burgo que só dificilmente se deixa contagiar.</p>		
<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	28	Bom Jesus do Monte
<p>Nunca a encontrei [Braga] tão igual a si própria como certa manhã de Outono, ao acordar, num quarto grande de hotel. Um fino sol de Outubro lutava contra os reposteiros e ao abrir os olhos vi lá de em cima, no tecto, os retratos dos dignos bragueses que fizeram o Bom Jesus do Monte. Eram benfeitores embigodados, severos, que recebiam, naquele quarto do hotel modesto, o preito da cidade. Testemunhas das intimidades da alcova floriam-lhes, nos lábios, sorrisos de compreensão, decerto um tanto invejosa.</p>		
<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	33, 34	Bom Jesus do Monte

<i>perdida</i>		
<p>E ali, agora, no mirante do Bom Jesus do Monte, o desabafo meio casquinado de Unamuno, apontando Braga lá em baixo: «Hei-de voltar, hei-de voltar». Não voltaria, mas, então, num instante, me pareceu diferente a acidez daquele olhar fundo, que, desde Coimbra, parecia tudo querer fixar de novo. Haviam de explicar-me daí a pouco o que o passeio vinha representando para o filósofo, tão distante, já então, do viajante em férias que, trinta anos antes, assentara a sua tenda em Espinho e aos acasos da carruagem, porventura já mesmo de comboio ronceiro, dali irradiaria pelo Norte.</p>		
<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	37, 38	Sé de Braga
<p>A pureza do estilo da Sé como monumento romântico só há poucos anos beneficiou uma reintegração, feita escrupulosamente e que por isso não o prejudicou. Mas o seu plano cisterciense e as suas aduelas do portal revelam, ao que parece, influência borgonhesa ou simplesmente francesa, que não é para desprezar em monumento de tanta representação artística. Mas já os séculos posteriores lhe deixaram a sua marca, de tal forma que pouco resta hoje da primitiva expressão. Os artistas biscainhos aos quais o arcebispo D. Diogo de Sousa encomendou o acabamento do pórtico e a abside, na viragem do século XV para o XVI, aligeiraram de grinaldas renascentistas a dureza austera do romântico elementar e souberam dar vida à rigidez do granito.</p>		
<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	38-40	Casa e Capela dos Coimbras
<p>Na sua primeira estadia em Braga, Unamuno não se deteve nestes aspectos essenciais. Outros o solicitaram. Mas teria sido possível talvez, ampliar a sua visão da paisagem e da obra dos homens quando ali voltou: estou em crer que - exemplo de acaso, entre tantos - se nessa última jornada o filósofo espanhol tivesse podido estar, por exemplo, numa quinta feira à noite, misturado com o povo devoto, no S.Bentinho, se se tivesse deixado atardar pelos cafés, ouvindo conversas e comentários, tão alertados quase sempre umas e outros para a realidade das coisas; se tivesse reflectido sobre o engaste manuelino da Casa dos Coimbras e compreendido o</p>		

barroquismo peninsular de certas moradias - não diria de Braga ser incaracterística, cidade assim tão rica de vida histórica, histórica no que a palavra tem de vivido e é exactamente aquilo que só a História torna possível: a formação duma personalidade. Unumano, porém, era espanhol - e basco. Mas Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida também não terão ido ao encontro de Braga com aquele esforço de observação das peculiaridades sem o conhecimento das quais não pode julgar-se não só um país ou um povo, mas também uma região ou uma cidade com seu estilo próprio, seu carácter. Fialho, dir-se-ia que atravessou a Cidade dos Arcebispos levando colada ao espírito uma primeira visão feita de «ruas irregulares, intermináveis, baiúcas imundas com figuras confusas movendo-se numa luz pegajosa de candeias» e, é claro, a entristecê-la «a voz dos sinos, lenta, chamando às rezas, espargindo-se aos poucos num âmbito que parecia imenso e sem eco...». Para Ramalho, a sensação foi semelhante, e depois de encher os pulmões da fresca verdura minhota, logo ao chegar a Braga contendeu com a devoção à Senhora do Sameiro e pôs o seu belo estilo aberto ao serviço das reacções imediatas do cidadão de Lisboa.

<i>Pensei que Braga estaria perdida</i>	38-40	Santuário de Nossa Senhora
---	-------	----------------------------

Na sua primeira estadia em Braga, Unamuno não se deteve nestes aspectos essenciais. Outros o solicitaram. Mas teria sido possível talvez, ampliar a sua visão da paisagem e da obra dos homens quando ali voltou: estou em crer que - exemplo de acaso, entre tantos - se nessa última jornada o filósofo espanhol tivesse podido estar, por exemplo, numa quinta feira à noite, misturado com o povo devoto, no S.Bentinho, se se tivesse deixado atardar pelos cafés, ouvindo conversas e comentários, tão alertados quase sempre umas e outros para a realidade das coisas; se tivesse reflectido sobre o engaste manuelino da Casa dos Coimbras e compreendido o barroquismo peninsular de certas moradias - não diria de Braga ser incaracterística, cidade assim tão rica de vida histórica, histórica no que a palavra tem de vivido e é exactamente aquilo que só a História torna possível: a formação duma personalidade. Unumano, porém, era espanhol - e basco. Mas Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida também não terão ido ao encontro de Braga com aquele esforço de observação das peculiaridades sem o conhecimento das quais não pode julgar-se não só um país ou um povo, mas também uma região ou uma

cidade com seu estilo próprio, seu carácter. Fialho, dir-se-ia que atravessou a Cidade dos Arcebispos levando colada ao espírito uma primeira visão feita de «ruas irregulares, intermináveis, baiúcas imundas com figuras confusas movendo-se numa luz pegajosa de candeias» e, é claro, a entristecê-la «a voz dos sinos, lenta, chamando às rezas, espargindo-se aos poucos num âmbito que parecia imenso e sem eco...». Para Ramalho, a sensação foi semelhante, e depois de encher os pulmões da fresca verdura minhota, logo ao chegar a Braga contendeu com a devoção à Senhora do Sameiro e pôs o seu belo estilo aberto ao serviço das reacções imediatas do cidadão de Lisboa.

<i>Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	7, 8	Avenida Central
--	------	-----------------

Hoje quero só falar da infância, do fantasmagórico mundo da minha imaginação de menina. Nesse tempo eu acreditava que viviam anjos por trás das janelas sempre fechadas de uma casa fronteira à nossa. Era um prédio de azulejos azuis, um tanto de esguelha, com três andares. As tílias da Avenida só me deixavam ver o último. Aquelas janelas nunca se abriam. Acho que morava lá uma velha dama cujas pernas lhe não permitiam subir tão alto. Mas isso soube-o mais tarde. Então eu imaginava essa a casa dos anjos. Não sei dizer porquê. Havia cassa branca nos vidros. O peitoril e os caixilhos, também brancos. O jeito enviesado da fronteira, como de quem se queria esconder, e o mistério de um recolhimento assim, ajudavam-me a fantasia. E cheguei mesmo a perceber, por noites de Lua, níveas asas adejando através da casa.

<i>Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	9, 10	Banco de Portugal
--	-------	-------------------

Durante anos, supus que a chaminé pintada de vermelho do telhado do banco - cano curto, com chapelinho chato, dobrado nas pontas - não era senão um copo de geleia. A mãe tinha-os assim, em ponto pequeno, com chapelinho de papel e cor igual: geleia de marmelo! Meu irmão afirmava que era chaminé. Eu, porém, nunca vira sair dali nenhum fumo, antes surpreendida, muitas vezes, gatos farejando, sorrateiros, o copo do doce...

<i>Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	16, 17	Basílica dos Congregados
--	--------	--------------------------

Às vezes o tempo fazia virar as grimpas das torres para Viana. Pouco tardavam as cordas de chuva. Corria-se a fechar as janelas. A goma dos cortinados amolecia. Face colada à vidraça, nos olhos a melancolia das chuvas de Março, a gente perdia-se a imaginar grades de prata ligando o Céu à Terra. O domingo de Páscoa, no entanto, com o perfume das lestras e do alecrim, o estalejar dos foguetes, o tilintar das campainhas, era outra coisa, já. Marcava-o a aridez dos domingos na província. Não se saía à rua ao fim da missa porque se esperava o Senhor Abade. As horas caíam brancas, fastidiosas, do relógio dos Congregados. E toda a barulhenta alegria da Ressurreição, sucedendo-se depressa de mais ao sentido da véspera, tornava-se vagamente decepcionante.

<i>Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	18	Avenida de São Pedro de Maximinos
--	----	-----------------------------------

Era a Páscoa a ocasião de cumprimentos a parentes e amigos. Púnhamos fatos novos, sapatos de verniz a ranger a cada passo, um fio de ouro ao pescoço. Passávamos ruas pouco conhecidas até São Pedro de Maximinos, antiquíssimas ruas de pedra incertas, com tremoceiras às portas. O elétrico chocalhava pelos trilhos, e as pessoas cosiam-se com a parede no passeio estreito, enquanto os garotos, largando a bola corriam a pendurar-se das plataformas.

<i>Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	23- 25	Sé de Braga
--	--------	-------------

As pedras da Sé. Tentei um dia cantar a Senhora que dá de mamar ao Menino. Muito humana aquela Senhora, à sombra da catedral, de seio descoberto que o menino suga, como uma mãe verdadeira, mãe pobre parando no caminho a aleitar o filho. Jamais tive especial devoção à Virgem. Sempre ela me pareceu alheia à minha condição de mulher, à minha fatal descendência de Eva. Ela, a que nasceu diferente, a toda pura, a que nunca experimentou da guerra crua entre o espírito e a matéria. Mas à Senhora do Leite da Sé de Braga, como lhe quero! Braga tem assim nomes lindos de santos a dar poesia aos velhos lugares. É a Senhora do leite, a Senhora-a-Branca, a Senhora da Boa-Memória. Volta da Sé, os pobres. São Nicolau vale àquela gente nas dores de ouvidos e eles crêem que no altar, para lá da pedra, se ouve o mar. Santa Luzia com dois pares de olhos - a fé está nos da bandeja. Santa Catarina para os males da cabeça. Os

Santos Pretos. A Senhora-da-Boa-Memória: o altar pejado de cérebros de cera.		
<i>Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	25	Sé de Braga
Muito fresca a Sé nas tardes de Verão. A nave escura e imensa de silêncio. Faunos dourados, negros, seguram aos ombros o coro pesado de talha. E os canos do órgão são como áureos clarins à espera do Anjo do Dia do Juízo. Um mundo de antiquíssimos e nobres encantos, a Sé de Braga. As pedras murmuram, e as almas dos prelados mortos, às Trindades, quando o claustro é sem ninguém, veem adejar à boca dos túmulos. Também o Largo do Paço: castelos de água, limos e granito. Hei-de lembrar esse fontanário na outra vida, e assim as varandas discretas, sérias.		
<i>Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	25	Largo do Paço
Muito fresca a Sé nas tardes de Verão. A nave escura e imensa de silêncio. Faunos dourados, negros, seguram aos ombros o coro pesado de talha. E os canos do órgão são como áureos clarins à espera do Anjo do Dia do Juízo. Um mundo de antiquíssimos e nobres encantos, a Sé de Braga. As pedras murmuram, e as almas dos prelados mortos, às Trindades, quando o claustro é sem ninguém, vêem adejar à boca dos túmulos. Também o Largo do Paço: castelos de água, limos e granito. Hei-de lembrar esse fontanário na outra vida, e assim as varandas discretas, sérias.		
<i>Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	26	Bom Jesus do Monte
O Bom-Jesus. Pedra a delir em água. Desce-se o escadório. Cheira a algas, a linfa, a Génesis. De bocas, de olhos, de mãos de granito, nascem fontes límpidas e frias: um poema mineral! O Bom-Jesus traz Camilo: sombras, grutas, musgos, amores. A buganvília e as pombas trazem os romances franceses do século dezanove. Variáveis em cada terra, as pedras Amarelas, pretas, húmidas, aqui em Macau. Brancas em Braga, e no Verão, de ressequidas, lembram ossadas - uma cidade de ossos, um claro, largo, saudável cemitério.		

<i>Obra Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	29, 30	Arcada
<p>E teimo na minha terra: as ruas de Braga, cada esquina, cada pedra, quase. Um a um, vou transpondo os passeios estreitos das ruas velhas, tortas, a brancura das avenidas, as lojas, as igrejas, os largos. Ando por lá peregrinando. É noitinha, e os sinos a Trindades – tantos sinos, meu Deus! Os pardais esvoaçam, murmurantes, nas tílias do jardim. Ando por lá e ninguém dá conta. Que coisa boa! Escusado falar, dizer que estou bem, obrigada. De repente, um vibrar de campainha. Já estou na Arcada. Uma música familiar, impertinente. É o eléctrico. Como eu ia distraída a atravessar! Fazem-me saudades esses tinidos. Tão bom o eléctrico a desengonçar-se até ao Bom-Jesus. Os chalés brasileiros com estátuas de louça. O perfume da madressilva pela Primavera.</p>		
<i>Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	29,30	Bom Jesus do Monte
<p>E teimo na minha terra: as ruas de Braga, cada esquina, cada pedra, quase. Um a um, vou transpondo os passeios estreitos das ruas velhas, tortas, a brancura das avenidas, as lojas, as igrejas, os largos. Ando por lá peregrinando. É noitinha, e os sinos a Trindades – tantos sinos, meu Deus! Os pardais esvoaçam, murmurantes, nas tílias do jardim. Ando por lá e ninguém dá conta. Que coisa boa! Escusado falar, dizer que estou bem, obrigada. De repente, um vibrar de campainha. Já estou na Arcada. Uma música familiar, impertinente. É o eléctrico. Como eu ia distraída a atravessar! Fazem-me saudades esses tinidos. Tão bom o eléctrico a desengonçar-se até ao Bom-Jesus. Os chalés brasileiros com estátuas de louça. O perfume da madressilva pela Primavera.</p>		
<i>Quando o Claustro é Sem Ninguém</i>	31	Rua de São Gonçalo
<p>Também assim, mais tarde, em Worcester, na ladeira de Lansdowne Walk, a caminho de casa, ou, quando era criança, a subir a rua de São Gonçalo para a lição de piano. Há uma desgraça, um fatalismo próprio das ruas íngremes. Ao contrário, as ruas largas e planas, as avenidas, as estradas chãs, comunicam uma espécie de júbilo, uma esperança, uma sensação de eternidade.</p>		

Nos dias de menina, quando subia a rua de São Gonçalo para a lição de piano, as lájeas do passeio, quadradas, gastas, tinham sulcos de outrora. E eu imaginava-as iguais às ruas da Idade-Média - já nesse tempo lia Herculano e Garrett - acabando tais pedras por me trazerem à imaginação as bolachas que a mãe fazia para o chá trilhadinhas com um garfo

<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	9,10	Lugar de Assento (Esporões)
---	------	-----------------------------

A caminheta dos livros segue para Braga; primeira paragem, em Esporões ou Esporões, outra terra a que perdi o nome e depois Somar. Eis a grande revelação da jornada: Deolinda da Costa Rodrigues, 14 anos, no 3º ano do curso comercial, residente no lugar de Assento. Fico varado! Mas é a Lolita tal-e-qual do Nabokov, é a Super-Gêinha jamais esquecida. A Super-Super-Gêinha, que talvez me vá fazer esquecer de vez a outra. Baixa, encorpada, ancas cheias como se quer, barriga abaulada, leveza nos modos, gravidade e força de mulher no corpo, uma suave expectativa de adolescente. Que beleza! Que maravilha! Morena, olhos atentos, cabelo entrançado (seria? ou rabo-de-cavalo?). Adivinho e aspiro o perfume do seu sexo; leio-lhe nos olhos os gritos que ela daria de prazer se a possuísse agora, nesta luta de vida ou de morte contra o Mafarrico, a última, a grande vitória do Libertino. O espichar de corpo, o estrebuche no orgasmo, que beleza, que maravilha!

<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	12-14	Lugar de Assento (Esporões)
---	-------	-----------------------------

Pergunto a uns indígenas muito sujinhos, benza-os Deus, onde era o lugar de Assento, novitos, nunca ouviram falar (nem chego até a perceber se entenderam o que lhes disse). Sigo pela azinhaga. Está uma manhã puríssima e silenciosa. Casas velhas, palheiros de gente e gado, tons pela verdura de castanho, ruivo, sanguínea nas parreiras e árvores. Conversas que me chegam, abafadas pelos muros grossos das empenas, pela distância, pela sua própria peculiar intimidade, que se espalham no ar e congelam em cima de mim uma súbita tristeza, ou isolamento de angustiado: quem me dera ser um deles! ser um da casa! eles conhecerem-me!, mas não como agora, mas desde o princípio, um como eles, na pureza fresca e larga desta manhã dos arredores de Braga no Outono, com a vizinhança permanente da Deolinda e seu

cheiro de terra lavrada por semear... Medito, ocorre-me por um instante a diferença das classes e fossos vários que as separam, do qual o maior não será o económico sendo o mais decisivo como maquilhagem das pessoas (explico: sem um tostão na algibeira, eu era tão pobre como um deles ou mais pobre ainda, mas o que nos separaria para sempre era aquela estranheza feita dos nossos tempos diferentes e de como cada qual os tínhamos gasto, eles ali como plantas, húmus, eu sempre por casas e terras e gentes afinal a mim estranhas).[...] Regresso à caminheta e venho a saber depois que o lugar de Assento é estrada abaixo, para ao pé da igreja.

O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor

15

Gualtar

Voltamos todos para Braga. Apontei o nome da miúda e o resto. Almoçarada em Gualtar com o Forte e o King- Kong, o motorista, que paga tudo e está simpatiquíssimo comigo e com o Mundo. Frango com arroz, à minhota, uma delícia. Vinho verde, à minhota, uma delícia. Como bundaradas porque adoro arroz de cabidela e vinho verde e minhotas: «Deolinda da Costa Rodrigues, 14 anos, no lugar de Assento, cá me ficas, mas este arroz marcha à frente!». Bebo mais que um Arcebispo, com o Bom-Jesus em cenário. Deixo de pensar na Morte, essa magana. Estou um tanto pesado e alegrote. Voltamos a Braga. Cafés. Decido ficar. O Forte dá-me cinco escudos, que é quanto lhe resta. Um bom Libertino não precisa de dinheiro. Decido ficar e fazer uma tarde de luxúria mental em Braga, para esconjurar o cheiro a incenso e mofo de padre que empestam estas ruas.

O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor

15

Bom Jesus do Monte

Voltamos todos para Braga. Apontei o nome da miúda e o resto. Almoçarada em Gualtar com o Forte e o King- Kong, o motorista, que paga tudo e está simpatiquíssimo comigo e com o Mundo. Frango com arroz, à minhota, uma delícia. Vinho verde, à minhota, uma delícia. Como bundaradas porque adoro arroz de cabidela e vinho verde e minhotas: Deolinda da Costa Rodrigues, 14 anos, no lugar de Assento, cá me ficas, mas este arroz marcha à frente!;. Bebo mais que um Arcebispo, com o Bom-Jesus em cenário. Deixo de pensar na Morte, essa magana. Estou um tanto pesado e alegrote. Voltamos a Braga. Cafés. Decido ficar. O Forte dá-me cinco

<p>escudos, que é quanto lhe resta. Um bom Libertino não precisa de dinheiro. Decido ficar e fazer uma tarde de luxúria mental em Braga, para esconjurar o cheiro a incenso e mofo de padre que empestam estas ruas.</p>		
<p><i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i></p>	<p>15</p>	<p>Lugar de Assento (Esporões)</p>
<p>Voltamos todos para Braga. Apontei o nome da miúda e o resto. Almoçarada em Gualtar com o Forte e o King- Kong, o motorista, que paga tudo e está simpatiquíssimo comigo e com o Mundo. Frango com arroz, à minhota, uma delícia. Vinho verde, à minhota, uma delícia. Como bundaradas porque adoro arroz de cabidela e vinho verde e minhotas: Deolinda da Costa Rodrigues, 14 anos, no lugar de Assento, cá me ficas, mas este arroz marcha à frente! Bebo mais que um Arcebispo, com o Bom-Jesus em cenário. Deixo de pensar na Morte, essa magana. Estou um tanto pesado e alegrote. Voltamos a Braga. Cafés. Decido ficar. O Forte dá-me cinco escudos, que é quanto lhe resta. Um bom Libertino não precisa de dinheiro. Decido ficar e fazer uma tarde de luxúria mental em Braga, para esconjurar o cheiro a incenso e mofo de padre que empestam estas ruas.</p>		
<p><i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i></p>	<p>17</p>	<p>Lugar de Assento (Esporões)</p>
<p>Concluo que em Braga a política é uma trampa, uma trampa aflita em dias de sol deste, com raparigas na sua folga de domingo, o Vianense a jogar contra o Braga, logo excursões de Viana ali perto, com certeza...e a Deolinda perdida entre azinhagas e casas velhas, o lugar de Assento ao pé da igreja, a Deolinda ainda não esquecida mesmo depois do frango do almoço. Vou-me a ela!</p>		
<p><i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i></p>	<p>18,19</p>	<p>Estádio 1.º de Maio</p>
<p>Vou-as seguindo, de rabo alçado como um garanhão, e a gorduchona já me topou. Olha para trás, por vezes. Já comunicou parceira. A andar, a andar, chegamos a uma espécie de logradouro público, com certo ar antiquado e bancos largos de pedra, onde finda a linha dos eléctricos para o estádio (vejo o nome, Estádio 28 de Maio, oh a Política!, ah! ah!, isto só em</p>		

Braga). Mas agora o grupo das meninas complicou-se: entrou por ali uma velha gorda, e inútil, e naturalmente sabichona e danada por invejar o prazer dos outros como é próprio de velhas; com ela, e tão empatas como ela, duas estúpidas de duas garotitas, broncas e também inúteis para questões de sexo. Sento-me num banco e faço de grão-senhor, porque assim disfarço as calças rotas no rabo.

<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	24,25	Lugar de Assento (Esporões)
---	-------	-----------------------------

Farei referência pela igreja, a que o lugar de Assento é vizinho e depois bisbilhotarei pelos campos, usando o meu faro marca radar. Onde estará agora a casta diva? Lá se vê a capela, e pergunto a quatro moçoilas onde é o lugar de Assento, «que é por ali», respondem, «então sigam lá à frente que é para eu as ver melhor» digo, a fingir de domador de potras vadias.

<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	25,26	Lugar de Assento (Esporões)
---	-------	-----------------------------

A que vai do meu lado, à esquerda da azinhaga, é a que mais vezes se volta e encaro-a com o meu olhar mágico de duzentas megatoneladas e um riso de dizer (e o pior era o bafo, a mosto...) «anda cá, rapariga, estou cheio de tesão por ti, pois não vês?». Vamos neste jogo modesto até ao Lugar de Assento e eu já arranjei pretexto para andar por ali, com o meu traje um tanto invulgar: blusão de nylon preto, calças rotas no rabo, sapatos rotíssimos nas solas e sujos de poeira por cima, uma coisa entre o tedibói e o vagabundo, com a pêndula a dar neste quando melhor se reparasse que blusão, calças e sapatos, novos ou rotos, velhos ou rebrilhantes, não iam com o meu corpo por medida senão por força de hábito e contrariados.

<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	25,26	Igreja de Esporões
---	-------	--------------------

Vamos neste jogo modesto até ao lugar de Assento e eu já arranjei pretexto para andar por ali com o meu traje um tanto invulgar [...] O pretexto é: que me disseram que a capela ou igreja é muito, muito antiga e tem muito que ver; faço-me de Proença ou Torga, a coscuvilhar raridades perdidas na Província, preocupado com velharias e ossos, quando o que quero são caras e bocas e olhos e risos. E mãos e pernas. Tudo, etc., de mulheres.

<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	26,27	Igreja de Esporões
<p>Dou com a capela aberta: está lá um batizado. O padre tem cara de cabra doente. Puta que o pariu mais ao pai da criança (que, depois, vim a sabê-lo, está em Angola-é-Nossa. Boa ocasião de conhecer melhor a mãe do neófito, para compensá-la do patriotismo do marido. As raparigas sentaram-se numa pedra e faço o mesmo, mesmo ao pé delas. Então entro em palestra, que toma logo um caminho picante: se a igreja é muito antiga, se elas são solteiras, se moram por ali, se há na casa da loirita um quarto a mais ou uma cama (ela abespinha-se: «isso num chei!») e mais isto e mais aquilo.</p>		
<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	29,30	Igreja de Esporões
<p>Vou-me para a capela, na minha nova pele de arqueólogo amador, neo-Proença. Surge o sacristão, que olhou para a blusa nova e não reparou as calças esfriampadas, rotas e cosidas no cu. Ótimo. Falo já para o futuro (dele): que quero tirar umas fotos àquela igreja tão antiga (muito, muito, diz-me o tipo a impingir-me a mercadoria), vejo uns baixos-relevos muito antigos (?) e muito toscos também, entro na capela, bisbilhoto tudo. O baptizo já acabou, e estão agora todos cá fora a conversar. Falo ao tipo na minha reportagem, em fotos - ele aí atrapalhou-me porque está um tipo precisamente cá fora a tirar fotografias ao bebé ranhoso e ao padre cara-de-cabra-doente, mas digo que a minha máquina é melhor, é minha. (Não tenho máquina nenhuma).</p>		
<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	30-32	Pensão Oliveira
<p>E vou-me. Marcho pra Braga, já está a fazer-se tarde e faz frio. Gasto a última coroa para a caixinha da rapariguinha que me guardou a bagagem. Visto o casaco e vou ao ataque da Pensão Oliveira, onde há que fazer meter na pinha do hospedeiro que sou um velho e fiel cliente da casa. Havia nesta pensão duas velhotas Antigo Regime, uma sala de cortinados com um piano e duas saloias de Braga que tinham (uma delas) bigodaça loira. Tá tudo mudado: bar americano, tasco infame, forno de assar frangos. «As velhas morreram, para dar lugar à gente, antão?!», diz-</p>		

me a filha do dono.		
<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	37	Theatro Circo
<p>Saio para a rua e vou à cata dos dois libertinos ricos. Passeio pelas ruas de Braga, sigo ora uma miúda ora outra, deito olhares de megatoneladas, fumo. O cinema ainda não acabou. Vigio de longe o jogo amoroso duma saloia a palrar na rua com um marçanito, muito gesticulosa, muito espalha-brasas, e com o corpo todo pendurado para cima dele que com a mão esquerda na algibeira vai entretendo o caralho com as promessas que a vista lhe está a demonstrar. Até aqui, tudo muito bragal. Mas está-me a apetecer agora abjecccção; saí da porta do cinema chateado com a demora dos rapazinhos, até porque não sabia se teriam ido ao Teatro Circo se ao Geraldo, aonde também havia sessão. E aconteceu então o inesperado: tudo aliás muito naturalmente encadeado. Faço o meu primeiro engate de magala, na rua.</p>		
<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	37	Cinema São Geraldo
<p>Saio para a rua e vou à cata dos dois libertinos ricos. Passeio pelas ruas de Braga, sigo ora uma miúda ora outra, deito olhares de megatoneladas, fumo. O cinema ainda não acabou. Vigio de longe o jogo amoroso duma saloia a palrar na rua com um marçanito, muito gesticulosa, muito espalha-brasas, e com o corpo todo pendurado para cima dele que com a mão esquerda na algibeira vai entretendo o caralho com as promessas que a vista lhe está a demonstrar. Até aqui, tudo muito bragal. Mas está-me a apetecer agora abjecccção; saí da porta do cinema chateado com a demora dos rapazinhos, até porque não sabia se teriam ido ao Teatro Circo se ao Geraldo, aonde também havia sessão. E aconteceu então o inesperado: tudo aliás muito naturalmente encadeado. Faço o meu primeiro engate de magala, na rua. Não me digam tragédias: é facilimo. É a coisa mais natural do Mundo! Venho diante do café das Arcadas e de repente noto a meu lado um magala, de passo a par do meu. Olho-o uma vez e ele olha-me; olho-o segunda vez e ele volta a encarar comigo. Silêncio. Puxo do tabaco e ofereço-lhe: ele pára, pega no cigarro, dou-lhe lume, acende o meu, seguimos lado a lado.</p>		
<i>O libertino passeia por Braga,</i>	38	Arcada

<i>a idolátrica, o seu esplendor</i>		
<p>Saio para a rua e vou à cata dos dois libertinos ricos. Passeio pelas ruas de Braga, sigo ora uma miúda ora outra, deito olhares de megatoneladas, fumo. O cinema ainda não acabou. Vigio de longe o jogo amoroso duma saloia a falar na rua com um marçanito, muito gesticulosa, muito espalha-brasas, e com o corpo todo pendurado para cima dele que com a mão esquerda na algibeira vai entretendo o caralho com as promessas que a vista lhe está a demonstrar. Até aqui, tudo muito bragal. Mas está-me a apetecer agora abjeccção; saí da porta do cinema chateado com a demora dos rapazinhos, até porque não sabia se teriam ido ao Teatro Circo se ao Geraldo, aonde também havia sessão. E aconteceu então o inesperado: tudo aliás muito naturalmente encadeado. Faço o meu primeiro engate de magala, na rua. Não me digam tragédias: é facilimo. É a coisa mais natural do Mundo! Venho diante do café das Arcadas e de repente noto a meu lado um magala, de passo a par do meu. Olho-o uma vez e ele olha-me; olho-o segunda vez e ele volta a encarar comigo. Silêncio. Puxo do tabaco e ofereço-lhe: ele pára, pega no cigarro, dou-lhe lume, acende o meu, seguimos lado a lado.</p>		
<i>O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor</i>	45,46	Pensão Oliveira
<p>Descemos um carreiro em bico à direita da estrada. Escuridão. É o lugar ideal para mijar, cagar ou brochar discretamente. Calculo que ele está a provocar-me com o caralho fora das calças, quer festa, mas eu estou muito senhor de mim. É pena não ter dinheiro, aqui era um bom sítio. O senhor tem, há bocado disse que tinha - diz o franjolas a mijar à minha frente (e nem para a picha lhe olhei). Não tenho, já te disse que não tenho um tostão. Ao menos, podia-me dar esse maço que tem aí...Toma. E dou-lho, puxando um cigarro: -Tiro este para mim. Andamos, paramos. Estudamo-nos? Se quiseres aparecer, estou na Pensão Oliveira. Onde é que é isso ? Ali ao pé da Polícia de Trânsito, no Campo da Vinha, mesmo defronte. Ao pé do posto da Polícia? Sim. Então ficamos assim: amanhã das nove às nove e meia estou lá, perto do posto da Polícia. -Tá bem. Dou-lhe um aperto de mão. Como te chamas? António. E eu Luiz. Até amanhã, então. Até amanhã.</p>		
<i>O libertino passeia por Braga,</i>	45,46	Praça Conde de Agrolongo

<i>a idolátrica, o seu esplendor</i>		(Campo da Vinha)
<p>Descemos um carreiro em bico à direita da estrada. Escuridão. É o lugar ideal para mijar, cagar ou brochar discretamente. Calculo que ele está a provocar-me com o caralho fora das calças, quer festa, mas eu estou muito senhor de mim. É pena não ter dinheiro, aqui era um bom sítio. O senhor tem, há bocado disse que tinha - diz o franjolas a mijar à minha frente (e nem para a picha lhe olhei). Não tenho, já te disse que não tenho um tostão. Ao menos, podia-me dar esse maço que tem aí...Toma. E dou-lho, puxando um cigarro: -Tiro este para mim. Andamos, paramos. Estudamo-nos? Se quiseres aparecer, estou na Pensão Oliveira. Onde é que é isso ? Ali ao pé da Polícia de Trânsito, no Campo da Vinha, mesmo defronte. Ao pé do posto da Polícia? Sim. Então ficamos assim: amanhã das nove às nove e meia estou lá, perto do posto da Polícia. -Tá bem. Dou-lhe um aperto de mão. Como te chamas? António. E eu Luiz. Até amanhã, então. Até amanhã.</p>		
<i>A great attraction</i>	7,8	Santuário de Nossa Senhora do Sameiro
<p>Os jornais clericais têm recentemente publicado extensas narrações dos milagres feitos pela imagem de Nossa Senhora do Sameiro. Os aludidos milagres versam principalmente sobre casos patológicos acusados pelos fiéis. A Senhora do Sameiro tem a especialidade terapêutica. As maravilhas que se lhe atribuem são as mesmas que têm feito a reputação da homeopatia. O consultório do Sameiro, em Braga, e o do Rebelo da Silva, em Lisboa, são presentemente os dois mais célebres e mais acreditados focos da medicina espiritualista, aplicada às enfermidades crónicas e provadamente incuráveis pelos sistemas científicos. Os devotos da imagem do Sameiro, em vez de se dirigirem àquele santuário incorporados por enfermidades, têm preferido fazê-lo em grupos divididos pelas profissões. Há pouco tempo celebrou-se com grande pompa a romagem dos carneiros. Fecharam-se para esse efeito os talhos e o matadouro público. Braga ficou sem carne para comer durante vinte e quatro horas, e, enquanto os magarefes caminhavam para o altar da Virgem na mesma atitude recolhida e grave com que para eles - magarefes - caminham as reses nos dias ordinários, os bois em sueto tripudiavam nos pastos, felizes pela moratória concedida pelas barrigas dos cónegos à cobrança dos bifés.</p>		

<i>A great attraction</i>	11,12	Santuário de Nossa Senhora do Sameiro
<p>Estavam prometidos de Coimbra setenta estudantes à Senhora do Sameiro. O comboio que conduzia os romeiros foi esperado na estação de Braga por grande número de fiéis, acompanhados dos respetivos foguetes e de uma filarmónica. Chegado o trem ,à <i>gare</i>, e abertas as portinholas dos vagões de segunda classe, reconheceu-se que todos os estudantes pertenciam à classe eclesiástica e desfrutavam tonsuras de uma antiguidade superior a quarenta anos de exercício epilatório. Desvanecida a surpresa do primeiro encontro, descidos das carruagens e postos no chão, mais ou menos pelo seu pé, os setenta velhos representantes da briosa mocidade de Coimbra, os cônegos de Braga lhes fizeram vénia na sala de espera da estação e lhes ofereceram um ligeiro refresco de rapé.</p>		
<i>A great attraction</i>	11,12	Cinema São Geraldo
<p>Estavam prometidos de Coimbra setenta estudantes à Senhora do Sameiro. O comboio que conduzia os romeiros foi esperado na estação de Braga por grande número de fiéis, acompanhados dos respetivos foguetes e de uma filarmónica. Chegado o trem ,à <i>gare</i>, e abertas as portinholas dos vagões de segunda classe, reconheceu-se que todos os estudantes pertenciam à classe eclesiástica e desfrutavam tonsuras de uma antiguidade superior a quarenta anos de exercício epilatório. Desvanecida a surpresa do primeiro encontro, descidos das carruagens e postos no chão, mais ou menos pelo seu pé, os setenta velhos representantes da briosa mocidade de Coimbra, os cônegos de Braga lhes fizeram vénia na sala de espera da estação e lhes ofereceram um ligeiro refresco de rapé.</p>		
<i>A great attraction</i>	11,12	Antiga Estação Ferroviária de Braga
<p>Estavam prometidos de Coimbra setenta estudantes à Senhora do Sameiro. O comboio que conduzia os romeiros foi esperado na estação de Braga por grande número de fiéis, acompanhados dos respetivos foguetes e de uma filarmónica. Chegado o trem, à <i>gare</i>, e abertas as portinholas dos vagões de segunda classe, reconheceu-se que todos os estudantes pertenciam à classe eclesiástica e desfrutavam tonsuras de uma antiguidade superior a quarenta</p>		

anos de exercício epilatório. Desvanecida a surpresa do primeiro encontro, descidos das carruagens e postos no chão, mais ou menos pelo seu pé, os setenta velhos representantes da briosa mocidade de Coimbra, os cônegos de Braga lhes fizeram vénia na sala de espera da estação e lhes ofereceram um ligeiro refresco de rapé.

<i>A great attraction</i>	14	Santuário de Nossa Senhora do Sameiro
---------------------------	----	---------------------------------------

Estamos, pois, pelo que se vê, em Braga, em plena mitologia. A estátua da castidade, posta triunfantemente sobre um andor pelos romeiros do monte do Sameiro, é uma alegoria gentilica de carácter encantadoramente pagão. Os espirituosos gregos que, sob formas artísticas imortais, divinizavam as virtudes e os vícios dos da humanidade, representando a vida moral da nossa espécie, com as suas fecundas energias e com as suas doces fraquezas, por meio das figuras nuas da força majestosa e da beleza alucinadora, não fizeram mais do que criar o exemplo e a norma do novo culto, que hoje vemos tão auspiciosamente inaugurado em Braga pelos velhos padres católicos, representantes da mocidade académica em romagem à Nossa Senhora do Sameiro.

<i>A great attraction</i>	17, 18	Santuário de Nossa Senhora do Sameiro
---------------------------	--------	---------------------------------------

Para nós, pobres diabos pervertidos, e para todo o sempre contaminados pelo vício funesto do pedilúvio e do sabão de Marselha, a estátua da castidade, não obstante todos os inconvenientes adstritos à prática da virtude que ela representa, figura-se-nos infinitamente ais agradável que a do bem-aventurado Labre. Será, porém, precisamente da nossa opinião Sua Eminência o Cardeal-Patriarca ou Sua Excelência o Arcebispo de Braga? Temo bem que não. Porque, no fim de contas, a verdade é que a Igreja não pode autorizar, em honra da Senhora do Sameiro, uma verdadeira procissão de vestais, como a que os sacerdotes fizeram em Braga. Teócrito gostaria disso; Larraga, não. Felizmente, para a honra dos dogmas e dos cânones, o andor não chegou ao seu destino. A pequena distância da estação de caminhos de ferro, segundo consta dos jornais que tenho presentes, os padres portadores da imagem gentilica tropeçaram e deram em terra com o símbolo dissidente da verdadeira doutrina teológica. A estátua quebrou-se; e o andor

desconjuntado teve de ir para as hospedeiras em pedaços, reunidos com os chapéus de sol. Debaixo dos braços dos eclesiásticos.

A great attraction

17, 18

Antiga Estação Ferroviária de Braga

Para nós, pobres diabos pervertidos, e para todo o sempre contaminados pelo vício funesto do pedilúvio e do sabão de Marselha, a estátua da castidade, não obstante todos os inconvenientes adstritos à prática da virtude que ela representa, figura-se-nos infinitamente mais agradável que a do bem-aventurado Labre. Será, porém, precisamente da nossa opinião Sua Eminência o Cardeal-Patriarca ou Sua Excelência o Arcebispo de Braga? Temo bem que não. Porque, no fim de contas, a verdade é que a Igreja não pode autorizar, em honra da Senhora do Sameiro, uma verdadeira procissão de vestais, como a que os sacerdotes fizeram em Braga. Teócrito gostaria disso; Larraga, não. Felizmente, para a honra dos dogmas e dos cânones, o andor não chegou ao seu destino. A pequena distância da estação de caminhos de ferro, segundo consta dos jornais que tenho presentes, os padres portadores da imagem gentílica tropeçaram e deram em terra com o símbolo dissidente da verdadeira doutrina teológica. A estátua quebrou-se; e o andor desconjuntado teve de ir para as hospedeiras em pedaços, reunidos com os chapéus de sol. Debaixo dos braços dos eclesiásticos.

A great attraction

18..20

Rua da Boavista (Rua da Cónega)

O Dedo de Deus, ao qual os homens em sua sabedoria adjudicam o trabalho de pôr a direito tudo quanto os mesmos homens entortam na distribuição social da justiça, tem às vezes distrações censuráveis no exercício do seu cargo; mas portou-se bem desta vez. Ultimamente esse Dedo deixou afundar nas costas da Bretanha um navio carregado de escapulários, de bentinhos, de rosários e de águas milagrosas, enquanto por outro lado permitia chegar, são e salvo, a Dieppe, um navio ímpio, o iate do nosso confrade no jornalismo, senhor Gordon Bennet, que pagou por quinhentos contos de réis, e no qual ele viaja por seu prazer enferme, à custa dos rendimentos do New York Herald, com cinquenta homens de tripulação, no meio de um luxo que excede tudo quanto se nos conta das despesas de Heliogábalos, para fim de nos inspirar o

desprezo dos bens terrenos. Atravessando-se nos membros locomotores do clero e permitindo o trambolhão dos padres, o Dedo a que me refiro mostrou os incrédulos que não dorme. E assim foi que o andor da castidade não chegou a penetrar na Rua das Cónegas, em cujas habitantes, postas à janela com os coneginhos e com as coneguinhas da sua prole, se não sabe bem o efeito que faria a estranha imagem que os padres lhes levavam em triunfo.

Braga crescera muito

8

Arco da Porta Nova

Braga crescera muito, primos, entornando para fora dos seus velhos limites. Mas a cidade que eu tinha na memória era mais real do que aquele casario moderno e sem alma. A cidade autêntica, a suja, a verdadeira, devia estar, é claro, para dentro do Arco da Porta Nova e dos panos da muralha. Aí chegado, afligiu-me de imediato a ausência de elétricos. Onde estavam os elétricos, esses ronceiros caixotes, primitivamente amarelos e depois vermelhos, que dantes saracoteavam pelas calhas com um tilintar imperioso? O próprio Arco da Porta Nova - que eu, em pequeno, imaginava a dar entrada ou saída a legiões romanas arrogantes e tremeluzentes - parecia-me bisonho como a cara do senhor Mirales, nada triunfal. As ruas, via-as mais estreitas e desoladas; os prédios, mais baixos e tristonhos. A velhíssima Sé, outrora de massa prodigiosa, definhara a meus olhos até proporções mesquinhas e era indubitável que as suas pedras haviam perdido muita solenidade. No geral, primos, achei a cidade demasiado modificada para o meu gosto. O que via falseava a tela da minha memória. Carregava o sobrolho a cada instante. Quanta transformação!

Braga crescera muito

8

Sé de Braga

Braga crescera muito, primos, entornando para fora dos seus velhos limites. Mas a cidade que eu tinha na memória era mais real do que aquele casario moderno e sem alma. A cidade autêntica, a suja, a verdadeira, devia estar, é claro, para dentro do Arco da Porta Nova e dos panos da muralha. Aí chegado, afligiu-me de imediato a ausência de elétricos. Onde estavam os elétricos, esses ronceiros caixotes, primitivamente amarelos e depois vermelhos, que dantes saracoteavam pelas calhas com um tilintar imperioso? O próprio Arco da Porta Nova - que eu, em pequeno, imaginava a dar entrada ou saída a legiões romanas arrogantes e tremeluzentes - parecia-me bisonho como a cara do senhor Mirales, nada triunfal. As ruas, via-as mais estreitas

e desoladas; os prédios, mais baixos e tristonhos. A velhíssima Sé, outrora de massa prodigiosa, definhara a meus olhos até proporções mesquinhas e era indubitável que as suas pedras haviam perdido muita solenidade. No geral, primos, achei a cidade demasiado modificada para o meu gosto. O que via falseava a tela da minha memória. Carregava o sobrolho a cada instante. Quanta transformação!

Braga crescera muito

9

Praça Conde de Agrolongo
(Campo da Vinha)

Mijara muita vez com o meu avô, quando rapaz, num patusco ainda que malcheiroso urinol amouriscado, existente no Campo da Vinha. Renunciei a ir em romagem mijar lá outra vez, primos, no temor de vê-lo substituído por um elegante chafariz. O mesmo temor, agudizado, desencorajou-me de dar uma espreitada àquilo que fora um recanto cheio de arbustos bravios onde fruira cândidas delícias de amor, pois nessa selvazinha de tão gratas recordações podia deparar-se-me agora um jardim domesticado rodeando a estátua carrancuda duma individualidade qualquer.

Braga crescera muito

11,12

Café Astória

Mas onde raio se haviam metido os homens e as mulheres do meu tempo?... «Onde estão esses traidores?», perguntava eu ao senhor Mirales, com se ele pudesse responder-me. Enfiei um olhar desamparado pelo Café Astória. Nenhum rosto dos autênticos. Onde estava o Chico narigudo e facetado, especialista em anedotas brejeiras, e quem autorizara aquele criaturo de barbas a herdar-lhe a bandeja? Que fregueses eram aqueles que conversavam às mesas? Onde paravam os fregueses autênticos, os que tinham fisionomia, luz interior? Até os cães e os gatos me pareciam menos personalizados e refletivos que os de outrora, conforme observei ao senhor Mirales. Debalde inspecionava à direita e à esquerda; debalde olhava para trás e para a frente; debalde erguia olhares de órfão às janelas e às varandas; debalde sondava furtivamente as lojas: - estava tudo ocupado pelo intruso sem expressão, sem fisionomia, sem luz interior. Aquilo, primos, fazia doer mais do que a fome ou frio.

Braga crescera muito

12,13

Rua do Souto

Eu precisava desesperadamente das saudações dos amigos, ou, à falta deles, dos olhares

rancorosos dos inimigos. Pois nem os inimigos eu via. Quem me dera ver um! Arranjara tantos... Credores azedados, então, eram aos enxames - o que me obrigara, em novo, a evitar certas ruas. Por acaso, eu e o senhor Mirales passeávamos agora a pé por uma dessas ruas - a Rua do Souto, onde trabalhara o pior dos meus inimigos, um tipo chamado Mesquita. Inimigo, porquê? Por causa, primos, duma camisa e de dois pares de cuecas que ele me vendera fiado e que eu nunca conseguira pagar. Que coisa feia esse Mesquita dizia de mim! Rosnava que havia de fazer-me o enterro. Ao cruzarmo-nos na rua ou a roçarmos ombros no café, esfaqueava-me de esguelha com olhares medonhos. Era um rancor genuíno, puro, sem mistura.

Braga crescera muito

16,17

Rua das Violinhas

verdade, primos: que seria feito da Fernanda Brazona? Sempre teria casado com um doutor? Que raparigaça!... Hospedara-me em casa dela nos anos mais ruins e solitários da minha difícil juventude. Essa casa ficava na Rua das Violinhas - uma viela medieval, lá para as bandas da Sé, tão estreita, tão estreita. Primos, que se tornava deveras custoso a duas pessoas o seguirem a par uma da outra, a não ser que se tratasse de pessoas extraordinariamente magras.

Braga crescera muito

27-29

Rua das Violinhas

Mirales, vê aquela viela estreitinha? Morei ali há vinte e tal anos. Gostava de fazer uma visita rápida. Importa-se de esperar aqui um pouco. Vá, vizinho, vá. Fui. A Rua das Violinhas continuava como há vinte e tal anos, talvez como há quatrocentos e tal anos. Roupas penduradas de janela a janela ensombravam-na como sempre. Vi um cão a manquitar e tinha a certeza de que havia também por ali um ou outro gato zarolho. Olhei as pedras onde se esborrachara o estudante Mateus. Como outrora, a porta que me interessava estava aberta, era só empurrar. Subi escadas podres e sombrias, respirando o mau cheiro de antigamente. Bati a uma porta. Bati outra vez, com mais força. Fez-se ouvir um rumor crescente de chinelas arrastadas e uma respiração gemebunda. Aí, minha Nossa Senhora do Sameiro! - exclamou a velha gaspeadeira, unindo as mãos secas, mumificadas. E voltando-se: - Fernanda! Anda cá, minha filha! Anda ver quem chegou! A Fernanda Brazona surgiu prontamente no corredor. Que desilusão, primos! Onde estava o corpo entontecedor de há vinte e tal anos atrás?

Pensei que Braga estaria

25, 26

Arcada

<i>perdida</i>		
<p>Num certo dia de Agosto em que vi saracotear-se na Arcada dois casais estrangeiros – campistas de automóvel – de calções de praia e coloridos gorros de berloques, pensei que Braga estaria perdida. Afinal, enganei-me, o seu caráter vem de tão longe que a cidade resiste ao que o turismo tem forçosamente de indiscreto. E isto é de algum modo diploma. Não há olhares que firam nem modas que gastem. Entre as duas «Brasileiras» lado a lado, continua o mesmo diálogo provinciano do tempo da guerra e já ultrapassado, aliados contra germanófilos. Vive-se debruçado sobre a política, seja a dos corredores do Terreiro do Paço seja a de Paris ou Londres.</p>		
<i>Lua deitada no feno</i>	7, 8	Rua dos Chãos
<p>Descia com o meu avô a Rua dos Chãos. Estaríamos em Outubro, tempo de aulas, o vento arrepelava as folhas do Outono e as nuvens grisalhas sobre o Picoto. Meio da Manhã. Meu avô viera da Póvoa de Lanhoso cuidar de um dente, fora buscá-lo à camioneta, ali íamos agora em direção à Arcada. Gostaria que os meus colegas nos vissem, tão rapaz crescido me sentia ao lado daquele velho em cujas falas havia o ritmo da distância, o memorial da pertinácia. Ele ajeitara o chapéu, parado um instante junto à Farmácia Lima, e relatava-me certa jornada entre Celorico de Basto e os Moinhos Novos, a família inteira mudando de ares para que a sua arte de serralheiro fosse melhor conhecida e recompensada. Queres comer uma broazita comigo?, olhei o Vianna ali perto, poderia ser que os meus colegas..., mas não, nenhum deles deixara ainda as cercanias do Liceu, contrapuz gasosa e caracol ou bola de berlim. Ah, aprendeste os hábitos da cidade!, sorriu e, cansado, aceitou sentar-se a uma das mesas da esplanada. Era a primeira vez. Seria a última.</p>		
<i>Lua deitada no feno</i>	7, 8	Arcada
<p>Descia com o meu avô a Rua dos Chãos. Estaríamos em Outubro, tempo de aulas, o vento arrepelava as folhas do Outono e as nuvens grisalhas sobre o Picoto. Meio da Manhã. Meu avô viera da Póvoa de Lanhoso cuidar de um dente, fora buscá-lo à camioneta, ali íamos agora em direção à Arcada. Gostaria que os meus colegas nos vissem, tão rapaz crescido me sentia ao lado daquele velho em cujas falas havia o ritmo da distância, o memorial da pertinácia. Ele</p>		

ajeitara o chapéu, parado um instante junto à Farmácia Lima, e relatava-me certa jornada entre Celorico de Basto e os Moinhos Novos, a família inteira mudando de ares para que a sua arte de serralheiro fosse melhor conhecida e recompensada. Queres comer uma broazita comigo?, olhei o Vianna ali perto, poderia ser que os meus colegas..., mas não, nenhum deles deixara ainda as cercanias do Liceu, contrapuz gasosa e caracol ou bola de berlim. Ah, aprendeste os hábitos da cidade!, sorriu e, cansado, aceitou sentar-se a uma das mesas da esplanada. Era a primeira vez. Seria a última.

Lua deitada no feno

7, 8

Farmácia Lima

Descia com o meu avô a Rua dos Chãos. Estaríamos em Outubro, tempo de aulas, o vento arrepelava as folhas do Outono e as nuvens grisalhas sobre o Picoto. Meio da Manhã. Meu avô viera da Póvoa de Lanhoso cuidar de um dente, fora buscá-lo à camioneta, ali íamos agora em direção à Arcada. Gostaria que os meus colegas nos vissem, tão rapaz crescido me sentia ao lado daquele velho em cujas falas havia o ritmo da distância, o memorial da pertinácia. Ele ajeitara o chapéu, parado um instante junto à Farmácia Lima, e relatava-me certa jornada entre Celorico de Basto e os Moinhos Novos, a família inteira mudando de ares para que a sua arte de serralheiro fosse melhor conhecida e recompensada. Queres comer uma broazita comigo?, olhei o Vianna ali perto, poderia ser que os meus colegas..., mas não, nenhum deles deixara ainda as cercanias do Liceu, contrapuz gasosa e caracol ou bola de berlim. Ah, aprendeste os hábitos da cidade!, sorriu e, cansado, aceitou sentar-se a uma das mesas da esplanada. Era a primeira vez. Seria a última.

Lua deitada no feno

8

Café Vianna

Descia com o meu avô a Rua dos Chãos. Estaríamos em Outubro, tempo de aulas, o vento arrepelava as folhas do Outono e as nuvens grisalhas sobre o Picoto. Meio da Manhã. Meu avô viera da Póvoa de Lanhoso cuidar de um dente, fora buscá-lo à camioneta, ali íamos agora em direção à Arcada. Gostaria que os meus colegas nos vissem, tão rapaz crescido me sentia ao lado daquele velho em cujas falas havia o ritmo da distância, o memorial da pertinácia. Ele ajeitara o chapéu, parado um instante junto à Farmácia Lima, e relatava-me certa jornada entre Celorico de Basto e os Moinhos Novos, a família inteira mudando de ares para que a sua arte de

serralheiro fosse melhor conhecida e recompensada. Queres comer uma broazita comigo?, olhei o Vianna ali perto, poderia ser que os meus colegas..., mas não, nenhum deles deixara ainda as cercanias do Liceu, contrapus gasosa e caracol ou bola de berlim. Ah, aprendeste os hábitos da cidade!, sorriu e, cansado, aceitou sentar-se a uma das mesas da esplanada. Era a primeira vez. Seria a última.

Lua deitada no feno

9, 10

Avenida Central

O cidadão Alfredo Puga, língua afiada e uma graça sem contumélias. Rabujava atrás de mim quando regresssei ao lugar, quis duas lérias com o meu avó, entretanto sonolento, seguiu no encalço de uma vendedeira de tremoços que metia pela Avenida Central. A linha do elétrico, o telhado dos Congregados. O repique dos sinos. As tílias do Coreto. À esquerda, o plinto do sinaleiro. Não me dói o estupor do abcesso, sabes? Limpou o suor da testa, desapertou o botão do colarinho. Fez sinal ao «tirone da bandeja», Quanto é, por favor?, reuniu as moedas e pagou, maneando a cabeça, Que ladroagem, senhores, um dinheirão por uma ninharia destas. Tão bom que nos vissem.

Lua deitada no feno

9, 10

Basilica dos Congregados

O cidadão Alfredo Puga, língua afiada e uma graça sem contumélias. Rabujava atrás de mim quando regresssei ao lugar, quis duas lérias com o meu avó, entretanto sonolento, seguiu no encalço de uma vendedeira de tremoços que metia pela Avenida Central. A linha do elétrico, o telhado dos Congregados. O repique dos sinos. As tílias do Coreto. À esquerda, o plinto do sinaleiro. Não me dói o estupor do abcesso, sabes? Limpou o suor da testa, desapertou o botão do colarinho. Fez sinal ao «tirone da bandeja», Quanto é, por favor?, reuniu as moedas e pagou, maneando a cabeça, Que ladroagem, senhores, um dinheirão por uma ninharia destas. Tão bom que nos vissem.

Lua deitada no feno

10-12

Bom Jesus do Monte

O tio Nuno à frente, no táxi, nós no assento traseiro, partíramos de Lisboa pouco após a atracagem do navio, tão diferente o que se me deparava, tão diferente, habitações, estradas, hortas, montes, que terra a que me destino ao cabo de duas semanas de mar e um percurso

que não acaba?, Leiria, o Castelo como um milhafre imóvel, Batalha, Coimbra, a torre da Universidade ao alto, e , nas imediações de Águeda, a chuva, morinha de estarrecer, onde as bâtegas de África que tudo levam num rufo de bulícioso e jubilação?, a mão dorida do enjoo e da doença, para sempre lacerada pelo luto de meu pai, a chuva, tristeza vertical, maior ao atravessarmos Oliveira de Azeméis e São João da Madeira, tufos de pessoas nas paragens dos autocarros e, desde a tarde, árvores cuja identidade ignorara, então são estes os eucaliptos, os cedros, os ciprestes?, os pinheiros de Júlio Dinis?, há algures o texto em que o conto como as coisas foram, As Pupilas do Senhor Reitor e um frigorífico, São estes os pinheiros?, e o motorista a pigarrear, Estes, pois!, e há-os de muita espécie, menino!, quilómetros mais quilómetros através de uma canção sombria, a ponte sobre o Douro, a neblina que se adensava, os cães pelas bermas, os carros de milho, as tabernas e, pelo anoitecer, a silhueta de Braga, Bom Jesus, Sameiro, nomes que cedo aprendera, a malha urbana numa concha de harmonia e irreabilidade.

<i>Lua deitada no feno</i>	9, 10	Coreto da Avenida Central
----------------------------	-------	---------------------------

O cidadão Alfredo Puga, língua afiada e uma graça sem contumélias. Rabujava atrás de mim quando regresssei ao lugar, quis duas lérias com o meu avó, entretanto sonolento, seguiu no encaço de uma vendedeira de tremoços que metia pela Avenida Central. A linha do elétrico, o telhado dos Congregados. O repique dos sinos. As tílias do coreto. À esquerda, o plinto do sinaleiro. Não me dói o estupor do abcesso, sabes? Limpou o suor da testa, desapertou o botão do colarinho. Fez sinal ao «tirone da bandeja», Quanto é, por favor?, reuniu as moedas e pagou, maneando a cabeça, Que ladroagem, senhores, um dinheirão por uma ninharia destas. Tão bom que nos vissem.

<i>Lua deitada no feno</i>	10-12	Santuário de Nossa Senhora do Sameiro
----------------------------	-------	---------------------------------------

O tio Nuno à frente, no táxi, nós no assento traseiro, partíramos de Lisboa pouco após a atracagem do navio, tão diferente o que se me deparava, tão diferente, habitações, estradas, hortas, montes, que terra a que me destino ao cabo de duas semanas de mar e um percurso que não acaba?, Leiria, o Castelo como um milhafre imóvel, Batalha, Coimbra, a torre da Universidade ao alto, e , nas imediações de Águeda, a chuva, morrinha de estarrecer, onde as

bátegas de África que tudo levam num rufo de bulícioso e jubilação?, a mão dorida do enjoo e da doença, para sempre lacerada pelo luto de meu pai, a chuva, tristeza vertical, maior ao atravessarmos Oliveira de Azeméis e São João da Madeira, tufos de pessoas nas paragens dos autocarros e, desde a tarde, árvores cuja identidade ignorara, então são estes os eucaliptos, os cedros, os ciprestes?, os pinheiros de Júlio Dinis?, há algures o texto em que o conto como as coisas foram, As Pupilas do Senhor Reitor e um frigorífico, São estes os pinheiros?, e o motorista a pigarrear, Estes, pois!, e há-os de muita espécie, menino!, quilómetros mais quilómetros através de uma canção sombria, a ponte sobre o Douro, a neblina que se adensava, os cães pelas bermas, os carros de milho, as tabernas e, pelo anoitecer, a silhueta de Braga, Bom Jesus, Sameiro, nomes que cedo aprendera, a malha urbana numa concha de harmonia e irreabilidade.

<i>Lua deitada no feno</i>	12, 13	Praça Conde de Agrolongo (Campo da Vinha)
----------------------------	--------	--

Na lua de Março de mil novecentos e quinze, quando a Lininha nasceu andava eu a montar as sacadas de uns prédios ali em baixo, pegados à ponte, obras dos cem diabos, inverno igual não saberei se Deus mandou ao mundo, foi preciso aguardar por uma nesga de céu aberto para pincelar de verde aquela ferragem miúda, imaginas o que seria?, as latas de tinta comprava-as numa loja do Campo da Vinha, a propósito, vamos dar um giro por aí. Abriu o colete, bateu com dois dedos nas têmporas, resmungou contra os graúdos da Câmara que mandaram retirar os gradeamentos do Jardim Público, Um desaforo! Ergueu-se a custo, contemplou o chafariz e disse à lua que se anunciava, àquela hora deitada no feno ou acendendo brisas pelas Arábias, Molhada quanto baste. Para que o São Martinho nos traga o oiro na haste.

<i>Lua deitada no feno</i>	13, 14	Igreja dos Terceiros
----------------------------	--------	----------------------

Caminhávamos devagar. Um cigano, próximo da Igreja dos Terceiros, tentou vender-nos fazenda para dois ou três fatos. Príncipe de Gales, não enrugue. E amarrotava o tecido. Um corte e pêras, qualidade assim nem no Bazar Cruz!.

<i>Lua deitada no feno</i>	13, 14	Bazar Cruz
----------------------------	--------	------------

Caminhávamos devagar. Um cigano, próximo da Igreja dos Terceiros, tentou vender-nos fazenda para dois ou três fatos. Príncipe de Gales, não enrugue. E amarrotava o tecido. Um corte e pêras,

qualidade assim nem no Bazar Cruz!.

Lua deitada no feno

14, 15

Praça Conde de Agrolongo
(Campo da Vinha)

E, no Campo da Vinha em maré de feira, as tendas, os expositores, pássaros e bilhas de leite, plantas e farinhas para o gado ou farelo para a prisão de ventre, Não faltam médicos meus clientes, santinha!, azeite e granel, enchendo garrafões e almotolias, peixe vindo de Varzim nas mesmas carrinhas que corriam as aldeias com uma sirene estrídula, Vivinha, pescada na Póvoa!, o rio humano, mobílias, canastras de frutas e legumes, cestas de regueifa, os tenórios da banha da cobra, Não custa duzentos nem noventa, trinta ou sequer vinte, por dez escudos somente, dez, não perca este valioso conjunto de lençóis e toalhas que mudarão por completo o seu quarto, minha senhora, caro cavalheiro!, os amantes de antiguidades, o escritor público num banco fronteiro ao Posto da Guarda, os magalas, as fragantes raparigas. Os pobres, os mendigos.

Lua deitada no feno

16, 17

Igreja do Pópulo

E os bovinos. Bosta e moscas, poeira, campónios de cajado, jaleco, modos rudes, notas enroladas numa das mãos, meu irmão descobrira uma parelha de burros à beira-Tejo mal abandonávamos o cais, burros ariscos, na aragem o cheiro a salsugem e melões, alface, canícula, a mãe e o tio abraçados em lágrimas, nunca um asno de lei nos bafejara a infância sob o signo do Cruzeiro do Sul, Luanda, etérea na lembrança, e, à entrada de Braga, no encontro primordial, alvoroçou a tribo ao divisar uma carroça de bois, também eles novidade e assombro, bois morosos como o táxi, empardecendo à luz do ocaso, defecando gravilha, rosários de azeitonas, bois como os que meu avó se quedara a apreciar, comentando farrapos de conversa, truques de mercador, hesitações e ajustes, Sabes o que te digo?, moinantes à moda antiga, sem tirar nem pôr, só trifulhice!, tentou-se por sandes de carne assada numa das barracas, afagou a cara levemente inchada, e, reflectindo, achou preferível um sítio para amesendar. Poisou-me no ombro a palma trémula, franziu o sobrolho, deteve-se em silêncio a fitar o Pópulo, Vá, rezamos umas ave-marias antes da manja, zumbido de insectos, mulheres de sombrinha e saias a roçar o chão, altifalantes difundindo o espectáculo de variedades em cartaz

no Teatro Circo.		
<i>Lua deitada no feno</i>	16, 17	Theatro Circo
<p>E os bovinos. Bosta e moscas, poeira, campónios de cajado, jaleco, modos rudes, notas enroladas numa das mãos, meu irmão descobrira uma parelha de burros à beira-Tejo mal abandonávamos o cais, burros ariscos, na aragem o cheiro a salsugem e melões, alface, canícula, a mãe e o tio abraçados em lágrimas, nunca um asno de lei nos bafejara a infância sob o signo do Cruzeiro do Sul, Luanda, etérea na lembrança, e, à entrada de Braga, no encontro primordial, alvoroçou a tribo ao divisar uma carroça de bois, também eles novidade e assombro, bois morosos como o táxi, empardecendo à luz do ocaso, defecando gravilha, rosários de azeitonas, bois como os que meu avó se quedara a apreciar, comentando farrapos de conversa, truques de mercador, hesitações e ajustes, Sabes o que te digo?, moinantes à moda antiga, sem tirar nem pôr, só trafulhice!, tentou-se por sandes de carne assada numa das barracas, afagou a cara levemente inchada, e, reflectindo, achou preferível um sítio para amesendar. Poisou-me no ombro a palma trémula, franziu o sobrolho, deteve-se em silêncio a fitar o Pópulo, Vá, rezamos umas ave-marias antes da manja, zumbido de insectos, mulheres de sombrinha e saias a roçar o chão, altifalantes difundindo o espectáculo de variedades em cartaz no Teatro Circo.</p>		
<i>Lua deitada no feno</i>	17, 18	Arcada
<p>Gostava que nos vissem de volta à Arcada, ele a meditar naquela lua de Ribeira de Pena num Verão de outrora, tão de rosas e febre não tornaria a aparecer, ou, se calhar, nos assuntos de oficina, já sob orientação do tio Zé António, recordava-o a afeiçoar o ferro que a forja amaciara, a esmerilar e a soldar, os semeadores e sachadores dispostos a um canto, na saída para o quintal, Miúdos, tratem de pintar as alfaias!, homem de labuta e poupança, léguas sem conta, estórias e cismas por partilhar, palavras medidas, ele a empreender na morte, eu a presenciar o cortejo de padres e seminaristas rasando o edifício do Turismo.</p>		
<i>Lua deitada no feno</i>	18, 19	Rua de S.Marcos
<p>O avô fazia tenção de encomendar bolos secos de Benamor. Daí o desvio, apesar da fadiga. Escolhera uma casa de pasto na Rua de S.Marcos, onde o tráfego se arrastava e zinia, lá nos</p>		

batemos com bacalhau cozido e um tinto da pipa em pichorra de barro, refeição de sonhos, direi, deliciosa, saboreada, dos estudos e namoradas lhe dei notícia, de penhascos e lonjuras me falou, ásperas estações da idade, pão do demo, honradez do rosto. Permaneceremos nesse retábulo, hoje o sei. E nos minutos que permaneceram, novamente no Campo da Vinha à sombra de um plátano, a partida da carreira. Rumo a Garfe. Com passagem obrigatória pelo centro da Póvoa, vila do seu viver.

Lua deitada no feno

17, 18

Praça Conde de Agrolongo
(Campo da Vinha)

O avô fazia tenção de encomendar bolos secos de Benamor. Daí o desvio, apesar da fadiga. Escolhera uma casa de pasto na Rua de S.Marcos, onde o tráfego se arrastava e zinia, lá nos batemos com bacalhau cozido e um tinto da pipa em pichorra de barro, refeição de sonhos, direi, deliciosa, saboreada, dos estudos e namoradas lhe dei notícia, de penhascos e lonjuras me falou, ásperas estações da idade, pão do demo, honradez do rosto. Permaneceremos nesse retábulo, hoje o sei. E nos minutos que permaneceram, novamente no Campo da Vinha à sombra de um plátano, a partida da carreira. Rumo a Garfe. Com passagem obrigatória pelo centro da Póvoa, vila do seu viver.

Lua deitada no feno

19-21

Parque de São João da Ponte

Com que olhos veria este álbum um daqueles garotos que, no Parque da Ponte, se imobilizaram, há sessenta e seis anos, diante de uma objetiva, quem sabe se pela meia tarde de domingo? Era talvez Verão: basta observá-los de calções, pés descalços na terra, sombras por perto, roupa a secar, os revérberos do rio sob o arco musgoso e a passagem para peões. Olhos de saudade, certamente. A voragem do tempo veio apagando vivências e ilusões, companhias, atmosferas, pequenos sinais do mundo a construir. Que resta hoje do que foram, dos sítios e cheiros da infância, dessa balada nem sempre taciturna dos dias em véspera do futuro? E, no entanto, são hoje outras as imagens da cidade, tão diversa já, mesmo quando persiste a sua raiz remota e o que nela pronuncia uma identidade. Esse miúdo vem de uma época em que as mães atravessavam a Praça da Município com cestas à cabeça ou junto à anca, usavam sombrinhas nas quadras de festa ou de despreocupação, iam ao Mercado do Ferro e paravam a conversar

após as compras. Uma época em que Jacintho se escrevia com h de ontem e tudo trazia o galgar mercantil das colmeias afeiçoadas a um registo de placidez, pequenas asas, marosas germinações. Os pais usavam chapéu, às vezes boina, surgem amiúde de colarinho apertado, sem gravata. Austeros, claro. Ou assim parecem nos flagrantes que aqui se nos propõem: ei-los, sozinhos ou em grupo, no Avto-Palace, nas imediações do Hospital ou ao fundo da Avenida da Liberdade, que se chamava então Rua da Água, nome com ressonâncias de ave, orvalho, renovo, ainda que apenas represente um modo de organização de vida.

Lua deitada no feno

19-21

Praça do Município

Com que olhos veria este álbum um daqueles garotos que, no Parque da Ponte, se imobilizaram, há sessenta e seis anos, diante de uma objetiva, quem sabe se pela meia tarde de domingo? Era talvez Verão: basta observá-los de calções, pés descalços na terra, sombras por perto, roupa a secar, os revérberos do rio sob o arco musgoso e a passagem para peões. Olhos de saudade, certamente. A voragem do tempo veio apagando vivências e ilusões, companhias, atmosferas, pequenos sinais do mundo a construir. Que resta hoje do que foram, dos sítios e cheiros da infância, dessa balada nem sempre taciturna dos dias em véspera do futuro? E, no entanto, são hoje outras as imagens da cidade, tão diversa já, mesmo quando persiste a sua raiz remota e o que nela pronuncia uma identidade. Esse miúdo vem de uma época em que as mães atravessavam a Praça do Município com cestas à cabeça ou junto à anca, usavam sombrinhas nas quadras de festa ou de despreocupação, iam ao Mercado do Ferro e paravam a conversar após as compras. Uma época em que Jacintho se escrevia com h de ontem e tudo trazia o galgar mercantil das colmeias afeiçoadas a um registo de placidez, pequenas asas, marosas germinações. Os pais usavam chapéu, às vezes boina, surgem amiúde de colarinho apertado, sem gravata. Austeros, claro. Ou assim parecem nos flagrantes que aqui se nos propõem: ei-los, sozinhos ou em grupo, no Avto-Palace, nas imediações do Hospital ou ao fundo da Avenida da Liberdade, que se chamava então Rua da Água, nome com ressonâncias de ave, orvalho, renovo, ainda que apenas represente um modo de organização de vida.

Lua deitada no feno

19-21

Avto-Palace

Com que olhos veria este álbum um daqueles garotos que, no Parque da Ponte, se imobilizaram,

há sessenta e seis anos, diante de uma objetiva, quem sabe se pela meia tarde de domingo? Era talvez Verão: basta observá-los de calções, pés descalços na terra, sombras por perto, roupa a secar, os revérberos do rio sob o arco musgoso e a passagem para peões. Olhos de saudade, certamente. A voragem do tempo veio apagando vivências e ilusões, companhias, atmosferas, pequenos sinais do mundo a construir. Que resta hoje do que foram, dos sítios e cheiros da infância, dessa balada nem sempre taciturna dos dias em véspera do futuro? E, no entanto, são hoje outras as imagens da cidade, tão diversa já, mesmo quando persiste a sua raiz remota e o que nela pronuncia uma identidade. Esse miúdo vem de uma época em que as mães atravessavam a Praça da Município com cestas à cabeça ou junto à anca, usavam sombrinhas nas quadras de festa ou de despreocupação, iam ao Mercado do Ferro e paravam a conversar após as compras. Uma época em que Jacintho se escrevia com h de ontem e tudo trazia o galgar mercantil das colmeias afeiçoadas a um registo de placidez, pequenas asas, marosas germinações. Os pais usavam chapéu, às vezes boina, surgem amiúde de colarinho apertado, sem gravata. Austeros, claro. Ou assim parecem nos flagrantes que aqui se nos propõem: ei-los, sozinhos ou em grupo, no Avto-Palace, nas imediações do Hospital ou ao fundo da Avenida da Liberdade, que se chamava então Rua da Água, nome com ressonâncias de ave, orvalho, renovo, ainda que apenas represente um modo de organização de vida.

Lua deitada no feno

19-21

Avenida da Liberdade

Com que olhos veria este álbum um daqueles garotos que, no Parque da Ponte, se imobilizaram, há sessenta e seis anos, diante de uma objetiva, quem sabe se pela meia tarde de domingo? Era talvez Verão: basta observá-los de calções, pés descalços na terra, sombras por perto, roupa a secar, os revérberos do rio sob o arco musgoso e a passagem para peões. Olhos de saudade, certamente. A voragem do tempo veio apagando vivências e ilusões, companhias, atmosferas, pequenos sinais do mundo a construir. Que resta hoje do que foram, dos sítios e cheiros da infância, dessa balada nem sempre taciturna dos dias em véspera do futuro? E, no entanto, são hoje outras as imagens da cidade, tão diversa já, mesmo quando persiste a sua raiz remota e o que nela pronuncia uma identidade. Esse miúdo vem de uma época em que as mães atravessavam a Praça da Município com cestas à cabeça ou junto à anca, usavam sombrinhas nas quadras de festa ou de despreocupação, iam ao Mercado do Ferro e paravam a conversar

após as compras. Uma época em que Jacintho se escrevia com h de ontem e tudo trazia o galgar mercantil das colmeias afeiçoadas a um registo de placidez, pequenas asas, marosas germinações. Os pais usavam chapéu, às vezes boina, surgem amiúde de colarinho apertado, sem gravata. Austeros, claro. Ou assim parecem nos flagrantes que aqui se nos propõem: ei-los, sozinhos ou em grupo, no Avto-Palace, nas imediações do Hospital ou ao fundo da Avenida da Liberdade, que se chamava então Rua da Água, nome com ressonâncias de ave, orvalho, renovo, ainda que apenas represente um modo de organização de vida.

Lua deitada no feno

19-21

Rua da Água

Com que olhos veria este álbum um daqueles garotos que, no Parque da Ponte, se imobilizaram, há sessenta e seis anos, diante de uma objetiva, quem sabe se pela meia tarde de domingo? Era talvez Verão: basta observá-los de calções, pés descalços na terra, sombras por perto, roupa a secar, os revérberos do rio sob o arco musgoso e a passagem para peões. Olhos de saudade, certamente. A voragem do tempo veio apagando vivências e ilusões, companhias, atmosferas, pequenos sinais do mundo a construir. Que resta hoje do que foram, dos sítios e cheiros da infância, dessa balada nem sempre taciturna dos dias em véspera do futuro? E, no entanto, são hoje outras as imagens da cidade, tão diversa já, mesmo quando persiste a sua raiz remota e o que nela pronuncia uma identidade. Esse miúdo vem de uma época em que as mães atravessavam a Praça da Município com cestas à cabeça ou junto à anca, usavam sombrinhas nas quadras de festa ou de despreocupação, iam ao Mercado do Ferro e paravam a conversar após as compras. Uma época em que Jacintho se escrevia com h de ontem e tudo trazia o galgar mercantil das colmeias afeiçoadas a um registo de placidez, pequenas asas, marosas germinações. Os pais usavam chapéu, às vezes boina, surgem amiúde de colarinho apertado, sem gravata. Austeros, claro. Ou assim parecem nos flagrantes que aqui se nos propõem: ei-los, sozinhos ou em grupo, no Avto-Palace, nas imediações do Hospital ou ao fundo da Avenida da Liberdade, que se chamava então Rua da Água, nome com ressonâncias de ave, orvalho, renovo, ainda que apenas represente um modo de organização de vida.

Lua deitada no feno

21, 22

Igreja dos Remédios

As aves, essas, debandaram à aproximação dos fotógrafos: nem uma, nem sequer volejando em

torno do Cruzeiro, nem sequer remordendo o perfil mansardas, o telhado da Igreja dos Remédios. Ao alto, quase só bandeiras e pendões, postes, cruzes, ícones, nuvens, copas de tílias (quero que sejam tílias) e, provavelmente, as vozes concentradas na parada militar em qualquer circunstância jubilosa - o triunfo da República, por ventura. Mas onde está o povo? Onde o aroma das flores, a levitação da esperança?

Lua deitada no feno

23, 24

Capela de S. João

Diferentes vão as horas, as pessoas, os retratos. Que reportagens de acaso amanhã dirão o que ansiamos e sofremos, a incompletude e o êxito, os múltiplos instantes do nosso breve instante, a rosa recomeçada nos dedos do vento? Reentra na fotografia como um refúgio de perenidade. Faz calor naquele terreiro próximo da Capela de S. João, no minuto em que o filme se impregna de assombro e silêncio. É bom voltar aos lugares do sol. É bom voltar.

Lua deitada no feno

26

Rua dos Chãos

Vejam: um comunista de catorze, quinze anos, com fama de insubordinado, dedo no nariz e íris nas árvores além da janela, ansioso pelo toque da sineta para ir levar versos à namorada. Versos como areias de oiro na palma da mão, canto de ervas num gesto de Arlequim. O Dr. Carrington parara a ouvir-me, algures na Rua dos Chãos, abaixo da Farmácia Roma. Nunca tão intenso de bonomia, o casaco de trespasse apertado, as lentes dos óculos cheias de sombras. A sua voz é agora, aqui a tenho, afinal o passado não existe: «Não sei, rapaz, se algum dia virás a ser comunista. Sei que, quando o fores, se vieres a sê-lo, não afirmarás que os és.» Valerá a pena relevar a força predicativa desta observação? Descemos em direção à Avenida Central, o Outono cobria as áreas de folhas apodrecendo, e dirigimo-nos à Senhora-a-Branca, onde eu já então morava, numa casa hoje abatida. Aí, junto às laranjeiras, perguntou: «Conheces os livros de Aquilino Ribeiro?» Emprestar-me-ia, pouco depois, «Abóboras no Telhado».

Lua deitada no feno

26

Farmácia Roma

Vejam: um comunista de catorze, quinze anos, com fama de insubordinado, dedo no nariz e íris nas árvores além da janela, ansioso pelo toque da sineta para ir levar versos à namorada. Versos como areias de oiro na palma da mão, canto de ervas num gesto de Arlequim. O Dr. Carrington parara a ouvir-me, algures na Rua dos Chãos, abaixo da Farmácia Roma. Nunca tão intenso de

bonomia, o casaco de trespasse apertado, as lentes dos óculos cheias de sombras. A sua voz é agora, aqui a tenho, afinal o passado não existe: «Não sei, rapaz, se algum dia virás a ser comunista. Sei que, quando o fores, se vieres a sê-lo, não afirmarás que os és.» Valerá a pena relevar a força predicativa desta observação? Descemos em direção à Avenida Central, o Outono cobria as áleas de folhas apodrecendo, e dirigimo-nos à Senhora-a-Branca, onde eu já então morava, numa casa hoje abatida. Aí, junto às laranjeiras, perguntou: «Conheces os livros de Aquilino Ribeiro?» Emprestar-me-ia, pouco depois, «Abóboras no Telhado».

Lua deitada no feno

27

Avenida Central

Vejam: um comunista de catorze, quinze anos, com fama de insubordinado, dedo no nariz e íris nas árvores além da janela, ansioso pelo toque da sineta para ir levar versos à namorada. Versos como areias de ouro na palma da mão, canto de ervas num gesto de Arlequim. O Dr. Carrington parara a ouvir-me, algures na Rua dos Chãos, abaixo da Farmácia Roma. Nunca tão intenso de bonomia, o casaco de trespasse apertado, as lentes dos óculos cheias de sombras. A sua voz é agora, aqui a tenho, afinal o passado não existe: «Não sei, rapaz, se algum dia virás a ser comunista. Sei que, quando o fores, se vieres a sê-lo, não afirmarás que os és.» Valerá a pena relevar a força predicativa desta observação? Descemos em direção à Avenida Central, o Outono cobria as áleas de folhas apodrecendo, e dirigimo-nos à Senhora-a-Branca, onde eu já então morava, numa casa hoje abatida. Aí, junto às laranjeiras, perguntou: «Conheces os livros de Aquilino Ribeiro?» Emprestar-me-ia, pouco depois, «Abóboras no Telhado».

Lua deitada no feno

27

Lago Senhora-a-Branca

Vejam: um comunista de catorze, quinze anos, com fama de insubordinado, dedo no nariz e íris nas árvores além da janela, ansioso pelo toque da sineta para ir levar versos à namorada. Versos como areias de ouro na palma da mão, canto de ervas num gesto de Arlequim. O Dr. Carrington parara a ouvir-me, algures na Rua dos Chãos, abaixo da Farmácia Roma. Nunca tão intenso de bonomia, o casaco de trespasse apertado, as lentes dos óculos cheias de sombras. A sua voz é agora, aqui a tenho, afinal o passado não existe: «Não sei, rapaz, se algum dia virás a ser comunista. Sei que, quando o fores, se vieres a sê-lo, não afirmarás que os és.» Valerá a pena relevar a força predicativa desta observação? Descemos em direção à Avenida Central, o Outono

cobria as áleas de folhas apodrecendo, e dirigimo-nos à Senhora-a-Branca, onde eu já então morava, numa casa hoje abatida. Aí, junto às laranjeiras, perguntou: «Conheces os livros de Aquilino Ribeiro?» Emprestar-me-ia, pouco depois, «Abóboras no Telhado».

Lua deitada no feno

28, 29

Rua Nova de Santa Cruz

Querem que vos narre a estória de um falhanço? Diante da minha inépcia na barrasca dos números, comprovada em sucessivas notas de triste agoiro, dispôs-se Mestre, marejado de potros ingénuos, a ensinar-me o jeito de navegar. Num salão da moradia que habitava na Rua Nova de Santa Cruz, rodeados de estantes e penumbra, lá ia tentando o impossível: álgebras, geometrias, equações e teoremas, tal como as físicas e as químicas, não eram linguagem que um aprendiz de poeta prezasse. Resistia com quantos sonetos de Camões, Antero e Florbela aprendera de cor. Faltava-me Gedeão, o «arco em ogiva, vitral», a «retorta de alquimista», «as bases e os sais», a lágrima preta. Numa terra de gelos e esquimós situava a música do valor de y ou H₂O. Em suma, definharia se prosseguisse naquele deserto sem lugar para a miragem. Verificados os perigos em que indefeso me achava, decretou-se o óbito da iniciativa, o meu futuro à revelia da matemática, e tudo acabou à volta de um café no Cinelândia, em vésperas de um filme de Fernandel. Observo-o, observem-no: marcha bamboleada, cabelo castanho-claro a embranquecer, miudagem por perto, um sorriso para cada uma das estações do espírito. E o nomadismo do pensamento na expressão, um olhar recolector, uma leveza de asas à flor das rugas. Nos corredores do Sá de Miranda, nos périplos de Braga dos elétricos e sinaleiros, colmeia inscrita a sépia num fulgor parado. Masca a própria saliva. Usa suspensórios e gravata, leva uma pasta carregada de papéis, brochuras, inutilidades. É deferente para quem o saúda e vai no sentido habitual. Não nos disse adeus. Porque o faria? Só a vida o merece, só a vida afeiçoa. Revê-lo-emos amanhã. Ou será que, à semelhança do passado, o amanhã não existe?

Lua deitada no feno

28, 29

Café Cinelândia

Querem que vos narre a estória de um falhanço? Diante da minha inépcia na barrasca dos números, comprovada em sucessivas notas de triste agoiro, dispôs-se Mestre, marejado de potros ingénuos, a ensinar-me o jeito de navegar. Num salão da moradia que habitava na Rua Nova de Santa Cruz, rodeados de estantes e penumbra, lá ia tentando o impossível: álgebras,

geometrias, equações e teoremas, tal como as físicas e as químicas, não eram linguagem que um aprendiz de poeta prezasse. Resistia com quantos sonetos de Camões, Antero e Florbela aprendera de cor. Faltava-me Gedeão, o «arco em ogiva, vitral», a «retorta de alquimista», «as bases e os sais», a lágrima preta. Numa terra de gelos e esquimós situava a música do valor de y ou H₂O. Em suma, definharia se prosseguisse naquele deserto sem lugar para a miragem. Verificados os perigos em que indefeso me achava, decretou-se o óbito da iniciativa, o meu futuro à revelia da matemática, e tudo acabou à volta de um café no Cinelândia, em vésperas de um filme de Fernandel. Observo-o, observem-no: marcha bamboleada, cabelo castanho-claro a embranquecer, miudagem por perto, um sorriso para cada uma das estações do espírito. E o nomadismo do pensamento na expressão, um olhar recolector, uma leveza de asas à flor das rugas. Nos corredores do Sá de Miranda, nos périplos de Braga dos elétricos e sinaleiros, colmeia inscrita a sépia num fulgor parado. Masca a própria saliva. Usa suspensórios e gravata, leva uma pasta carregada de papéis, brochuras, inutilidades. É deferente para quem o saúda e vai no sentido habitual. Não nos disse adeus. Porque o faria? Só a vida o merece, só a vida afeiçoa. Revê-lo-emos amanhã. Ou será que, à semelhança do passado, o amanhã não existe?

Lua deitada no feno

29, 30

Liceu Nacional de Sá de Miranda

Querem que vos narre a estória de um falhanço? Diante da minha inépcia na barraca dos números, comprovada em sucessivas notas de triste agoiro, dispôs-se Mestre, marejado de potros ingénuos, a ensinar-me o jeito de navegar. Num salão da moradia que habitava na Rua Nova de Santa Cruz, rodeados de estantes e penumbra, lá ia tentando o impossível: álgebras, geometrias, equações e teoremas, tal como as físicas e as químicas, não eram linguagem que um aprendiz de poeta prezasse. Resistia com quantos sonetos de Camões, Antero e Florbela aprendera de cor. Faltava-me Gedeão, o «arco em ogiva, vitral», a «retorta de alquimista», «as bases e os sais», a lágrima preta. Numa terra de gelos e esquimós situava a música do valor de y ou H₂O. Em suma, definharia se prosseguisse naquele deserto sem lugar para a miragem. Verificados os perigos em que indefeso me achava, decretou-se o óbito da iniciativa, o meu futuro à revelia da matemática, e tudo acabou à volta de um café no Cinelândia, em vésperas de um filme de Fernandel. Observo-o, observem-no: marcha bamboleada, cabelo castanho-claro a

embranquecer, miudagem por perto, um sorriso para cada uma das estações do espírito. E o nomadismo do pensamento na expressão, um olhar recolector, uma leveza de asas à flor das rugas. Nos corredores do Sá de Miranda, nos périplos de Braga dos elétricos e sinaleiros, colmeia inscrita a sépia num fulgor parado. Masca a própria saliva. Usa suspensórios e gravata, leva uma pasta carregada de papéis, brochuras, inutilidades. É deferente para quem o saúda e vai no sentido habitual. Não nos disse adeus. Porque o faria? Só a vida o merece, só a vida afeiçoa. Revê-lo-emos amanhã. Ou será que, à semelhança do passado, o amanhã não existe?

<i>Lua deitada no feno</i>	35, 36	Biblioteca Pública de Braga
----------------------------	--------	-----------------------------

Acabadas as aulas, os passos levavam-me com regularidade à Biblioteca. Atravessava as ruas tristonhas da cidade, aqui e ali parando à conversa, tecendo fantasias a cruzar-se com vaguear anónimo das pessoas, engendrando lances que rasgassem os véus baços da moral e da política dominantes. Metia pelo jardim, de frente as arcarias medievais, quase levitando na sua mudez serena, contornava o paredão à direita, acedia à leitura pela entrada que contempla a praça, o chafariz, a fachada da Câmara. E seguiam-se os momentos aplicados em torno de títulos e autores desvendados sem critério, num sincretismo que se foi delindo devagar.

<i>Lua deitada no feno</i>	35, 36	Câmara Municipal de Braga
----------------------------	--------	---------------------------

Acabadas as aulas, os passos levavam-me com regularidade à Biblioteca. Atravessava as ruas tristonhas da cidade, aqui e ali parando à conversa, tecendo fantasias a cruzar-se com vaguear anónimo das pessoas, engendrando lances que rasgassem os véus baços da moral e da política dominantes. Metia pelo jardim, de frente as arcarias medievais, quase levitando na sua mudez serena, contornava o paredão à direita, acedia à leitura pela entrada que contempla a praça, o chafariz, a fachada da Câmara. E seguiam-se os momentos aplicados em torno de títulos e autores desvendados sem critério, num sincretismo que se foi delindo devagar.

<i>As aventuras de quatro homens que foram a Braga</i>	31, 32	Avenida Central
--	--------	-----------------

Mandaram-nos debaixo dum renque de arcos, no Campo de Sant'ana, onde a mão civilizadora, em 1836, salvo erro, colocou o primeiro e único botequim bracarense. Lembra-me, faz hoje cinco anos, ver ali no batente daquela porta um molho de palha painça pendurado. Neste

tempo, o botequim não era exclusivo do animal bípede; o viajero podia almoçar e mais o azemel na mesma locanda; o armário da cavaca e de pão-podre fornecia o grão e a palha para os dois fregueses económicos. Hoje, não. A botequineira, instrumento involuntário do epigrama aos seus conterrâneos, deixou de acumular os dois géneros de consumo, e desta vez não vendia palha, pelo menos com cartaz à porta. Em compensação, as suas estantes de legítimo pinho amarelo medraram em aguardente de medronhos, licor de canela, e laranjas azedas.

*As aventuras de quatro
homens que foram a Braga*

38, 39

Rua da Corredoura

Quanto dariam vossas excelências, leitores, por verem os colegiais de Tui passearem, com qualquer de nós, na Rua da Corredoura? A circunstância de serem de Tui, e a de passearem na rua da Corredoura, é um facto que, se não palpita, pelo menos escoucinha de interesse! Abençoadas tintas e abençoadas lentes que, por um pataco, nos raptam os olhos com maravilhas que a mais fogosa imaginação não traçaria! Que bem empregado pataco, se eu pudesse ver o expositor, d'après nature, com uma albarda no dorso, e um colegial de Tui bifurcado nela!

*As aventuras de quatro
homens que foram a Braga*

43-45

Avenida Central

Vamosaoquerevê actualidade, e significa alguma coisa nos tempos que correm. Aí vai textualmente a cópia do cartaz: *Peira, Dentista e Cirurgião. Põe toda a sorte de dentes artificiais. Limpa os dentes. Extrai-os com a maior Destreza, e raízes. Firma os que estão abalados cortando-os arralando-os e pondo-os em boa direção. Tira-lhes a dor, chumba-os. Tira o mau cheiro da boca. Tira verrugas, cravos e calos. Tira a bicha solitária. Residente á onze anos na cidade de Braga e ao presente na Hospedaria do snr. Fanqueira no Campo de Sant'ana n.º...* Eis aqui outro Herodes da bicha solitária! Convidei os meus amigos a procurá-lo em casa do sr. Fanqueira. Eu queria desmentir com este doutor em dentes o outro doutor lá de cima, e provar que Mr. Peira, vindo naturalmente de Paris para Braga, disputa a Gondifelos a eficácia da mezinha. Os meus amigos não anuíram. Algum dente que ainda me resta, como sentinela perdida em arraial onde se deu grande batalha, queria eu entregá-lo a Mr. Peira, para que ele

mo *firmasse, cortando*; processo novo decerto, mas fácil para quem extrai um dente com a *maior destreza, e raízes*; o que eu não sei é se ele também extrai raízes *com a maior destreza, e dentes*. Recomendo, porém, Mr. Peira, não só a quem tiver verrugas, cravos e calos, mas também à autoridade administrativa e aos vigias da câmara, se lá os há. Um cartaz destes deve considerar-se entulho, e o cirurgião que tira *cravos* é melhor para os trazer que para os tirar.

As aventuras de quatro homens que foram a Braga

53, 54

Rua das Violinhas

Conheço eu um tendeiro do Porto que vende pernil de presunto, campeche, queijo nacional, figos de comadre, e vassouras. Este tal entrou por aquela rua estreita de Braga, espicaçando o fouveiro e acordando os ecos da velha catedral. Chega à estalagem, veste cuecas e camisa lavadas, faz a barba, sai, fazendo estalar o chicote, acende um charuto no primeiro grupo onde se fuma, faz o elogio do seu cavalo, trota, recua, ladeia, galga, galopa, estaca, empina-se, apeia, estira e sacode a perna garbosamente cambaia, levanta a poeira sobre os joanetes, pergunta pelas mulheres de Braga, recolhe-se a comer um frango com ervilhas, gaba à estalajadeira o binho verde, é cumprimentado, é levado a um salão, recebe impávido uma excelência, mazurca com a menina da casa, recolhe-se, dá quatro palmadas na anca da besta à qual deve a consideração de reflexo, e escreve ao vizinho: - «Cá estibe na assembleia dum figalço, isto aqui é bô! etc. Assim aconteceu com o tendeiro, e acontece em Braga com todos os tendeiros.

As aventuras de quatro homens que foram a Braga

56

Maximinos

O inconveniente do progresso, que se leva a pontapés, é este. A excelência de carnaval, que se enxovalha em Braga, é um aguilhão que pica a vontade de recebê-la para cá de Maximinos, e para lá da Senhora-à-branca, onde expira o diploma do título. Dessa ânsia, desse desejo ardente resultam grandes males sociais. O tendeiro será barão; mas antes de o ser, esquadrinhára todos os processos asquerosos, encherá a circulação de moeda falsa, enviará com ela o próprio Senhor dos Passos ao Brasil, venderá brancos aos que preferem este veniaga à dos negros...

As aventuras de quatro homens que foram a Braga

56

Lago Senhora-a-Branca

O inconveniente do progresso, que se leva a pontapés, é este. A excelência de carnaval, que se enxovalha em Braga, é um aguilhão que pica a vontade de recebê-la para cá de Maximinos, e para lá da Senhora-à-branca, onde expira o diploma do título. Dessa ânsia, desse desejo ardente resultam grandes males sociais. O tendeiro será barão; mas antes de o ser, esquadrinhára todos os processos asquerosos, encherá a circulação de moeda falsa, enviará com ela o próprio Senhor dos Passos ao Brasil, venderá brancos aos que preferem este veniaga à dos negros...

As aventuras de quatro homens que foram a Braga

50, 51

Bom Jesus do Monte

Braga é uma terra original, típica, sui generis. Tem salões e mulheres que conhecem todos os segredos, a estratégia toda, a fisiologia subtilíssima dos amores do salão. Tem leões e leas. Tem crentes, cépticos, cínicos em ambos os sexos. Tem Renaulds e Lovelaces. Tem cavalheiros da triste figura, e Aldonsas Lourenzoz...nunca encantadas, Tem Lucrécias e Fúlvias. Tem Clarisses de virtuosa isenção, e outras que, como a outra dos provérbios bíblicos, tergens os suum, dizem: nom sum operata malum.[...] Lá, uma intriga de sala é um estudo em que medram os Balzacs, Quem estuda as paixões aristocráticas de Paris, nos romances de Spiegel, cuida que Spiegel veio visitar o Senhor do Monte, e visitou em Braga os saraus do meu excelentíssimo amigo K., do meu excelentíssimo amigo Z., e do meu excelentíssimo amigo W.

As aventuras de quatro homens que foram a Braga

60, 61

Bom Jesus do Monte

Oh! A suavíssima estrada por onde subimos para o Senhor do Monte! Aquilo é que é o desconjuntarem-se as molas do carro, o partirem-se os cavalos pela espinha, o desarticularem-se os fémures à gente! Cada barrocal, cada corcovo, em que se deslocava uma entranha da sua inserção primitiva! Íamos ali todos enovelados como embrulho de anelídeos, mas anelídeos ossudos, e agudamente ossudos. A cada balanço, seguia-se a desordem, a anarquia dos joelhos, a deslocação e o pavoroso «sauve qui peut!».

As aventuras de quatro homens que foram a Braga

64

Bom Jesus do Monte

Galvanizados pelas fortes comoções, os nossos triunfantes cavalos cobraram espíritos, tossiram

impacientes, e, graças ao estrépito do chicote, treparam, gemebundos, com o carro vazio até ao cimo da calçada precipitosa. Daí ao Senhor do Monte é incalculável o líquido caudal que nós, quatro espojas humanas apertadas pelo calor, destilamos.

<i>As aventuras de quatro homens que foram a Braga</i>	79, 80	Câmara Municipal de Braga
--	--------	---------------------------

Quando os nosso olhos mortais acharem este foco de infeção, sentimos espasmo no esófago, e estivemos a lançar naquele chão maldito o café forte de Braga. Fôramos ali como a um manancial de inspirações saudosas, e encontrámos um Aganipe de... donde beberam, talvez, os poetas que decoraram as paredes daquela sentina. Nunca os beiços se te descolem dessa fonte, taverneiro ignóbil! Já que não aproveitas as grossas nascentes, que te jorram à porta, para lavares o teu bragal, ainda eu te veja, sicário, reduzido, não a pó, que é esse o comum destino da humanidade, mas... Para eles são vozes no deserto estas apóstrofes; mas, se elas chegarem aos ouvidos e ao ilustríssimo nariz da câmara municipal de Braga, a ela incumbe de vigiar o quarto ou cloaca nº 2 da imunda tasca, e remover dali aquelas colchas, fumigar aquele quarto, e desalojar o sórdido taverneiro que ali está envergonhando a terra, provando que ele é mais imoral do que foram todos juntos os judeus das capelas vizinhas.

<i>As aventuras de quatro homens que foram a Braga</i>	87, 88	Bom Jesus do Monte
--	--------	--------------------

Vivam muitos anos, e tenham muitos meninos, que eu vou comer o meu caldo negro de Esparta que corresponde ao bacalhau de Braga. Foi um devorar homérico! Tudo o que está dito na Gastronomia, poema de Berchoux, é inferior àquilo! Por um auspicioso sistema de compensação, conheci que a vitalidade dos meus amigos refugia do coração para outra víscera dos subúrbios. Provou-se o elastério do estômago, e levou-se à evidência que as brisas e água fresca não eram suficiente alimento para nós. Nunca Shakespeare ousaria dizer que Hamlet vivia de ar e esperanças, se o pobre moço, em vez de andar à bordoada com o padrasto, viesse até ao Bom Jesus de Braga impregnar-se da molécula saborosa do bacalhau. Inaugurada a realeza do estômago, como prova do máximo adiantamento, é difícil morrer de pena que não seja a de uma indigestão.

<i>As aventuras de quatro homens que foram a Braga</i>	89	Avenida Central
<p>Desde a entrada até ao Campo de Sant'ana fomos recebidos com assobios e guinchos e mugidos de garotos, aprendizes de chapeleiro, que vinham às portas das oficinas ganir. Os nossos antigos descobridores quando saltavam em praia de bárbaros eram assim recebidos. O mais é que os patrões das oficinas pareciam folgar naquele alarido da canalha. Que terra! Aquilo poderá ser gente? O que lhe vale é o terço depois que uivam. Para que quererá Deus lá em cima semelhante alarves?</p>		
<i>O Braguês</i>	9, 10	Bom Jesus do Monte
<p>Aos domingos, algumas famílias, raras, iam passear até ao Bom Jesus do Monte, em trem fretado. Na concha do carro levavam a borracha do verde, e, num açafate, entalado entre douradas roscas de pão de trigo, o pacato jantarzinho, que piedosamente comiam debaixo do Cedro, ou à sombra de uma capela, ou, entre sobreiros, na Mãe-d'Água. Outras, arredias, escondiam-se em passeios modestos, a pé, pelos Granjinhos, pelas Hortas, por São João da Ponte, Galos, Maximinos, Falcões; - ou até Ferreiros, pela estrada do Porto. Muitas, ainda mais reservadas, mais bisonhas, ficavam-se pacatamente em suas casas; e, depois do jantar, que regulava entre a uma e as duas horas (jantar que, em certos domingos, era obrigado a frigideira ou a sopa seca feita no pasteleiro), recebiam pessoas amigas, que iam passar um bocadinho da tarde: e aí, em volta de cálices de vinho abafado e de pires com suplicios e forminhas de São Vicente, «desenferrujavam a língua...»</p>		
<i>O Braguês</i>	9, 10	Rua dos Granjinhos
<p>Aos domingos, algumas famílias, raras, iam passear até ao Bom Jesus do Monte, em trem fretado. Na concha do carro levavam a borracha do verde, e, num açafate, entalado entre douradas roscas de pão de trigo, o pacato jantarzinho, que piedosamente comiam debaixo do Cedro, ou à sombra de uma capela, ou, entre sobreiros, na Mãe-d'Água. Outras, arredias, escondiam-se em passeios modestos, a pé, pelos Granjinhos, pelas Hortas, por São João da Ponte, Galos, Maximinos, Falcões; - ou até Ferreiros, pela estrada do Porto. Muitas, ainda mais reservadas, mais bisonhas, ficavam-se pacatamente em suas casas; e, depois do jantar, que</p>		

regulava entre a uma e as duas horas (jantar que, em certos domingos, era obrigado a frigideira ou a sopa seca feita no pasteleiro), recebiam pessoas amigas, que iam passar um bocadinho da tarde: e aí, em volta de cálices de vinho abafado e de pires com suplicios e forminhas de São Vicente, «desenferrujavam a língua...»

O Braguês

9, 10

Campo das Hortas

Aos domingos, algumas famílias, raras, iam passear até ao Bom Jesus do Monte, em trem fretado. Na concha do carro levavam a borracha do verde, e, num açafate, entalado entre douradas roscas de pão de trigo, o pacato jantarzinho, que piedosamente comiam debaixo do Cedro, ou à sombra de uma capela, ou, entre sobreiros, na Mãe-d'Água. Outras, arredias, escondiam-se em passeios modestos, a pé, pelos Granjinhos, pelas Hortas, por São João da Ponte, Galos, Maximinos, Falcões; - ou até Ferreiros, pela estrada do Porto. Muitas, ainda mais reservadas, mais bisonhas, ficavam-se pacatamente em suas casas; e, depois do jantar, que regulava entre a uma e as duas horas (jantar que, em certos domingos, era obrigado a frigideira ou a sopa seca feita no pasteleiro), recebiam pessoas amigas, que iam passar um bocadinho da tarde: e aí, em volta de cálices de vinho abafado e de pires com suplicios e forminhas de São Vicente, «desenferrujavam a língua...»

O Braguês

9, 10

Parque de São João da Ponte

Aos domingos, algumas famílias, raras, iam passear até ao Bom Jesus do Monte, em trem fretado. Na concha do carro levavam a borracha do verde, e, num açafate, entalado entre douradas roscas de pão de trigo, o pacato jantarzinho, que piedosamente comiam debaixo do Cedro, ou à sombra de uma capela, ou, entre sobreiros, na Mãe-d'Água. Outras, arredias, escondiam-se em passeios modestos, a pé, pelos Granjinhos, pelas Hortas, por São João da Ponte, Galos, Maximinos, Falcões; - ou até Ferreiros, pela estrada do Porto. Muitas, ainda mais reservadas, mais bisonhas, ficavam-se pacatamente em suas casas; e, depois do jantar, que regulava entre a uma e as duas horas (jantar que, em certos domingos, era obrigado a frigideira ou a sopa seca feita no pasteleiro), recebiam pessoas amigas, que iam passar um bocadinho da tarde: e aí, em volta de cálices de vinho abafado e de pires com suplicios e forminhas de São Vicente, «desenferrujavam a língua...»

<i>O Braguês</i>	9, 10	Rua dos Galos
<p>Aos domingos, algumas famílias, raras, iam passear até ao Bom Jesus do Monte, em trem fretado. Na concha do carro levavam a borracha do verde, e, num açafate, entalado entre douradas roscas de pão de trigo, o pacato jantarzinho, que piedosamente comiam debaixo do Cedro, ou à sombra de uma capela, ou, entre sobreiros, na Mãe-d'Água. Outras, arredias, escondiam-se em passeios modestos, a pé, pelos Granjinhos, pelas Hortas, por São João da Ponte, Galos, Maximinos, Falcões; - ou até Ferreiros, pela estrada do Porto. Muitas, ainda mais reservadas, mais bisonhas, ficavam-se pacatamente em suas casas; e, depois do jantar, que regulava entre a uma e as duas horas (jantar que, em certos domingos, era obrigado a frigideira ou a sopa seca feita no pasteleiro), recebiam pessoas amigas, que iam passar um bocadinho da tarde: e aí, em volta de cálices de vinho abafado e de pires com suplicios e forminhas de São Vicente, «desenferrujavam a língua...»</p>		
<i>O Braguês</i>	9, 10	Maximinos
<p>Aos domingos, algumas famílias, raras, iam passear até ao Bom Jesus do Monte, em trem fretado. Na concha do carro levavam a borracha do verde, e, num açafate, entalado entre douradas roscas de pão de trigo, o pacato jantarzinho, que piedosamente comiam debaixo do Cedro, ou à sombra de uma capela, ou, entre sobreiros, na Mãe-d'Água. Outras, arredias, escondiam-se em passeios modestos, a pé, pelos Granjinhos, pelas Hortas, por São João da Ponte, Galos, Maximinos, Falcões; - ou até Ferreiros, pela estrada do Porto. Muitas, ainda mais reservadas, mais bisonhas, ficavam-se pacatamente em suas casas; e, depois do jantar, que regulava entre a uma e as duas horas (jantar que, em certos domingos, era obrigado a frigideira ou a sopa seca feita no pasteleiro), recebiam pessoas amigas, que iam passar um bocadinho da tarde: e aí, em volta de cálices de vinho abafado e de pires com suplicios e forminhas de São Vicente, «desenferrujavam a língua...»</p>		
<i>O Braguês</i>	9, 10	Rua dos Falcões
<p>Aos domingos, algumas famílias, raras, iam passear até ao Bom Jesus do Monte, em trem fretado. Na concha do carro levavam a borracha do verde, e, num açafate, entalado entre douradas roscas de pão de trigo, o pacato jantarzinho, que piedosamente comiam debaixo do</p>		

Cedro, ou à sombra de uma capela, ou, entre sobreiros, na Mãe-d'Água. Outras, arredias, escondiam-se em passeios modestos, a pé, pelos Granjinhos, pelas Hortas, por São João da Ponte, Galos, Maximinos, Falcões; - ou até Ferreiros, pela estrada do Porto. Muitas, ainda mais reservadas, mais bisonhas, ficavam-se pacatamente em suas casas; e, depois do jantar, que regulava entre a uma e as duas horas (jantar que, em certos domingos, era obrigado a frigideira ou a sopa seca feita no pasteleiro), recebiam pessoas amigas, que iam passar um bocadinho da tarde: e aí, em volta de cálices de vinho abafado e de pires com suplícios e forminhas de São Vicente, «desenferrujavam a língua...»

O Braguês

11

Sé de Braga

Em várias classes, faziam-se grupos idênticos; e mais por aqui, mais por ali, quase todos caíam na partidinha da merenda, bem picada de má língua e bem regada com vinhinho adamado e aconchegado da «Companhia», que confortava o estômago e a alma. Não havia outro meio de encher as insípidas tardes do insípido domingo braguês. Empregados públicos, militares, coreiros da Sé, que, segundo o estilo da terra, tinham jantado cedo, eram certos, pela volta das cinco, a petiscar nos retiros da Ponte e de Maximinos, ou mais simplesmente, a bebericar o seu vinho do Porto e a mordiscar sequilhos em qualquer recanto envergonhado de botequim, de confeitaria ou de mercearia - ao fundo, por detrás da armação, sentados em mochos, a uma pequena mesa entalada entre barricas de manteiga, caixotes de passas, latas de bolacha, sacas com arroz.

O Braguês

11

Parque de São João da Ponte

Em várias classes, faziam-se grupos idênticos; e mais por aqui, mais por ali, quase todos caíam na partidinha da merenda, bem picada de má língua e bem regada com vinhinho adamado e aconchegado da «Companhia», que confortava o estômago e a alma. Não havia outro meio de encher as insípidas tardes do insípido domingo braguês. Empregados públicos, militares, coreiros da Sé, que, segundo o estilo da terra, tinham jantado cedo, eram certos, pela volta das cinco, a petiscar nos retiros da Ponte e de Maximinos, ou mais simplesmente, a bebericar o seu vinho do Porto e a mordiscar sequilhos em qualquer recanto envergonhado de botequim, de confeitaria ou de mercearia - ao fundo, por detrás da armação, sentados em mochos, a uma

pequena mesa entalada entre barricas de manteiga, caixotes de passas, latas de bolacha, sacas com arroz.		
<i>O Braguês</i>	11	Maximinos
Em várias classes, faziam-se grupos idênticos; e mais por aqui, mais por ali, quase todos caíam na partidinha da merenda, bem picada de má língua e bem regada com vinhinho adamado e aconchegado da «Companhia», que confortava o estômago e a alma. Não havia outro meio de encher as insípidas tardes do insípido domingo braguês. Empregados públicos, militares, coreiros da Sé, que, segundo o estilo da terra, tinham jantado cedo, eram certos, pela volta das cinco, a petiscar nos retiros da Ponte e de Maximinos, ou mais simplesmente, a beberricar o seu vinho do Porto e a mordiscar sequilhos em qualquer recanto envergonhado de botequim, de confeitaria ou de mercearia - ao fundo, por detrás da armação, sentados em mochos, a uma pequena mesa entalada entre barricas de manteiga, caixotes de passas, latas de bolacha, sacas com arroz.		
<i>O Braguês</i>	13, 14	Rua do Souto
Afora os pequenos centros oficiais de bisbilhotice local - na Rua do Souto, Porta Nova, Chãos, e Fonte da Cárcova, - paradeiro certo eram os alpendres do Campo de Santana, baixos e negros; e aí, como nas ruas esconsas da cidade, o Braguês pautava seus passos meditabundos e roçava, sempre com o olhar desconfiado, a luzir de viés na cabeça rebuçada na alta gola do seu amplo capote azul. O Braguês (mercador ou clérigo, boticário ou paramenteiro, sirgheiro ou tropa) era um homem calado, desconfiado, ronhento, inculto e presunçoso. Escutava muito, sondava sempre, fazia perguntas sorrateiras e pesquisas de raposa, mas nunca abria a boca para se pronunciar. Só depois de assaz informado a respeito de um assunto e de ouvir várias opiniões; só depois de ter baloiçado no seu tibio cérebro os prós e os contras de seus juízos, e de ter amadurecido as conclusões a que chegara, com os prudentes conselhos do seu travesseiro consultado; só depois, e só então, e ainda muito rogado, é que a sua boca se abria, numa frase sovina, demorada, sentenciosa e... oca!		
<i>O Braguês</i>	13, 14	Arco da Porta Nova
Afora os pequenos centros oficiais de bisbilhotice local - na Rua do Souto, Porta Nova, Chãos, e		

Fonte da Cárcova, - paradeiro certo eram os alpendres do Campo de Santana, baixos e negros; e aí, como nas ruas esconsas da cidade, o Braguês pautava seus passos meditabundos e roçava, sempre com o olhar desconfiado, a luzir de viés na cabeça rebuçada na alta gola do seu amplo capote azul. O Braguês (mercador ou clérigo, boticário ou paramenteiro, sirgheiro ou tropa) era um homem calado, desconfiado, ronhento, inculto e presunçoso. Escutava muito, sondava sempre, fazia perguntas sorrateiras e pesquisas de raposa, mas nunca abria a boca para se pronunciar. Só depois de assaz informado a respeito de um assunto e de ouvir várias opiniões; só depois de ter baloiçado no seu tibio cérebro os prós e os contras de seus juízos, e de ter amadurecido as conclusões a que chegara, com os prudentes conselhos do seu travesseiro consultado; só depois, e só então, e ainda muito rogado, é que a sua boca se abria, numa frase sovina, demorada, sentenciosa e... oca!

O Braguês

13, 14

Rua dos Chãos

Afora os pequenos centros oficiais de bisbilhotice local - na Rua do Souto, Porta Nova, Chãos, e Fonte da Cárcova, - paradeiro certo eram os alpendres do Campo de Santana, baixos e negros; e aí, como nas ruas esconsas da cidade, o Braguês pautava seus passos meditabundos e roçava, sempre com o olhar desconfiado, a luzir de viés na cabeça rebuçada na alta gola do seu amplo capote azul. O Braguês (mercador ou clérigo, boticário ou paramenteiro, sirgheiro ou tropa) era um homem calado, desconfiado, ronhento, inculto e presunçoso. Escutava muito, sondava sempre, fazia perguntas sorrateiras e pesquisas de raposa, mas nunca abria a boca para se pronunciar. Só depois de assaz informado a respeito de um assunto e de ouvir várias opiniões; só depois de ter baloiçado no seu tibio cérebro os prós e os contras de seus juízos, e de ter amadurecido as conclusões a que chegara, com os prudentes conselhos do seu travesseiro consultado; só depois, e só então, e ainda muito rogado, é que a sua boca se abria, numa frase sovina, demorada, sentenciosa e... oca!

O Braguês

13, 14

Rua dos Capelistas

Afora os pequenos centros oficiais de bisbilhotice local - na Rua do Souto, Porta Nova, Chãos, e Fonte da Cárcova, - paradeiro certo eram os alpendres do Campo de Santana, baixos e negros; e aí, como nas ruas esconsas da cidade, o Braguês pautava seus passos meditabundos e roçava,

sempre com o olhar desconfiado, a luzir de viés na cabeça rebuçada na alta gola do seu amplo capote azul. O Braguês (mercador ou clérigo, boticário ou paramenteiro, sirgheiro ou tropa) era um homem calado, desconfiado, ronhento, inculto e presunçoso. Escutava muito, sondava sempre, fazia perguntas sorrateiras e pesquisas de raposa, mas nunca abria a boca para se pronunciar. Só depois de assaz informado a respeito de um assunto e de ouvir várias opiniões; só depois de ter baloiçado no seu tibio cérebro os prós e os contras de seus juízos, e de ter amadurecido as conclusões a que chegara, com os prudentes conselhos do seu travesseiro consultado; só depois, e só então, e ainda muito rogado, é que a sua boca se abria, numa frase sovina, demorada, sentenciosa e... oca!

<i>O Braguês</i>	13, 14	Avenida Central
------------------	--------	-----------------

Afora os pequenos centros oficiais de bisbilhotice local - na Rua do Souto, Porta Nova, Chãos, e Fonte da Cárcova, - paradeiro certo eram os alpendres do Campo de Santana, baixos e negros; e aí, como nas ruas esconsas da cidade, o Braguês pautava seus passos meditabundos e roçava, sempre com o olhar desconfiado, a luzir de viés na cabeça rebuçada na alta gola do seu amplo capote azul. O Braguês (mercador ou clérigo, boticário ou paramenteiro, sirgheiro ou tropa) era um homem calado, desconfiado, ronhento, inculto e presunçoso. Escutava muito, sondava sempre, fazia perguntas sorrateiras e pesquisas de raposa, mas nunca abria a boca para se pronunciar. Só depois de assaz informado a respeito de um assunto e de ouvir várias opiniões; só depois de ter baloiçado no seu tibio cérebro os prós e os contras de seus juízos, e de ter amadurecido as conclusões a que chegara, com os prudentes conselhos do seu travesseiro consultado; só depois, e só então, e ainda muito rogado, é que a sua boca se abria, numa frase sovina, demorada, sentenciosa e... oca!

<i>O Braguês</i>	15	Rua do Souto
------------------	----	--------------

A cavaqueira de três caturras, na loja de qualquer mercado da Rua do Souto ou cirieiro da Rua Nova, era mais gesticulada que falada. Como se não faziam perguntas e só se ditavam sentenças, quatro ou cinco destas davam para um serão, porque cada uma delas levava horas a apalpar, a ponderar, a meditar - e não se viam senão graves meneios de cabeça, uns afirmativos, negativos outros, indecisos o maior número.

<i>O Braguês</i>	15	Rua Dom Diogo de Sousa
<p>A cavaqueira de três caturras, na loja de qualquer mercado da Rua do Souto ou cirieiro da Rua Nova, era mais gesticulada que falada. Como se não faziam perguntas e só se ditavam sentenças, quatro ou cinco destas davam para um serão, porque cada uma delas levava horas a apalpar, a ponderar, a meditar - e não se viam senão graves meneios de cabeça, uns afirmativos, negativos outros, indecisos o maior número.</p>		
<i>O Braguês</i>	17	Igreja de Santa Cruz
<p>Na sombra do mal iluminado estabelecimento ninguém interrompia estas graves figuras grotescas. No seu oratório, na armação da loja, um pequenino Santo António, entre jarrinhas com flores de pano, o menino ao colo, - sorria; na rua, havia silêncio das horas mortas: somente, de onde a onde, batendo no lajedo da calçada, e, pela noite dentro, na igreja de Santa Cruz, as lentas badaladas de um sino triste, a tocar «às almas!».</p>		
<i>O Braguês</i>	18, 19	Rua da Sé
<p>Um prestamista da Rua da Sé lustrava com a manga a seda arrepiada do seu chapéu alto, rindo umas risadinhas sóbrias, incolores; - disfarçava e não respondia. Certo conceituado padre-mestre tirava, das profundas algibeiras das suas disformes calças, pesada caixa de rapé, que demoradamente abria, pitadeando-se com estrépido e regalo; - disfarçava e não respondia. Todas estas delongas defendiam o Braguês (cujo o maior prurido é o de não querer que o comam por tolo) do compromisso das suas falas arriscadas, ganhando assim tempo para compor as tais precárias respostas em fórmulas escassas.</p>		
<i>A Procissão dos Fogaréus</i>	22, 23	Rua da Água
<p>O comércio fechava meias portas e não tirava os taipais. Calava-se, nas casas em construção, o chiar das roldanas e a melopeia dos pedreiros a içarem cantarias; e também se não ouvia nas ruas a gaita do bota-gatos, as campainhas dos machos liteiros, o solavanco dos carros de bois, o bater sonoro dos tanoeiros e o tintinar dos martelos de aço na bigorna dos ferradores das Rua das Águas e dos Chãos. Nalguns lares não se acendia o lume; e nos corredores dessas casas piedosas tudo era cheiro a flores e a cera, e um formigar de mulheres a dispor jarras, a enfeitar oratórios, acendendo velas bentas, indo e vindo em passadas moles, o corpo caído para</p>		

a frente, o lenço do luto nos bandós colados à testa, nas faces chupadas o jejum dos quarenta dias quaresmais, os olhos pestanejando de cansaço, e no fio dos beiços sem cor e bichanar miúdo de centenas de Padre-Nossos e de Ave-Marias, ciciados automaticamente.

A Procissão dos Fogaréus

22, 23

Rua dos Chãos

O comércio fechava meias portas e não tirava os taipais. Calava-se, nas casas em construção, o chiar das roldanas e a melopeia dos pedreiros a içarem cantarias; e também se não ouvia nas ruas a gaita do bota-gatos, as campainhas dos machos liteiros, o solavanco dos carros de bois, o bater sonoro dos tanoeiros e o tintinar dos martelos de aço na bigorna dos ferradores das Rua das Águas e dos Chãos. Nalguns lares não se acendia o lume; e nos corredores dessas casas piedosas tudo era cheiro a flores e a cera, e um formigar de mulheres a dispor jarras, a enfeitar oratórios, acendendo velas bentas, indo e vindo em passadas moles, o corpo caído para a frente, o lenço do luto nos bandós colados à testa, nas faces chupadas o jejum dos quarenta dias quaresmais, os olhos pestanejando de cansaço, e no fio dos beiços sem cor e bichanar miúdo de centenas de Padre-Nossos e de Ave-Marias, ciciados automaticamente.

A Procissão dos Fogaréus

24

Sé de Braga

O Senhor estava morto! Ao princípio da tarde, os sinerios batiam matracas nas torres, chamando padres ao coro; e pouco depois, homens vestidos de preto, mulheres recolhidas em mantilhas e senhoras com sevilhanas nos penteados altos, saíam de suas casas para visitar igrejas - sete - e em cada uma delas deixar a reza pesada de uma «estação»; terminavam na Sé, assistindo ao ofício das Trevas, acoradas, como carvões de Góia, nos degraus sombrios dos desnudos altares laterais da velha catedral. Anoitecia, e, recolhendo cada um a suas casas, as ruas ficavam desertas e na cidade às escuras o ar duro de contrição esmagava as almas - O Senhor estava morto!

A Procissão dos Fogaréus

25

Igreja da Misericórdia

Noite cerrada, saía da igreja da Misericórdia a procissão de Endoenças, que significava a visitação da Irmandade às sete igrejas, aproveitando-se o cortejo para penitência de cristãos que publicamente quisessem mostrar o seu arrependimento, nesse dia de dor, comemorativo do derramado sangue de Cristo. Pouco a pouco, apagadas todas as luzes no interior das casas, as

varandas e as janelas de rótulas iam-se enchendo de figuras escoadas a medo na tinta nocturna. Mas já ao longe se ouvia um estranho vozear de multidão e se viam incertos fogachos de lumeiras, a agitarem-se, sinistros, na treva espessa: era a ronda dos fogaréus - temido bando popular, precedendo a procissão, que, imagem da canalha farisaica na traidora noite de Iscariotes, tinha a essa hora, de severas contas, o inaudito direito de acusar uma cidade inteira, pronunciando em voz alta os crimes de cada um, não só os divulgados, mas ainda os ocultos à maioria das pessoas - de lhes pôr a vida ao sol! Era a devassa pública organizada em instituição local!

Entre em Braga algo desconfiado

12, 16

Sé de Braga

Basta a Sé para que não seja possível esquecer jamais, sob o ponto de vista estético, essa terra que a natureza cumulou de atributos raros. Vamos lá ver o que a retentiva ainda me faculta sobre os mimos da sede arquiépiscopal. Algumas portas de madeira negra, ébano, pau preto ou madeira Brasil, com aplicações de metal, e vulto ou rendilhas, e o desenho de um gosto e complicação árabes. No altar da capela do Santíssimo, o frontal, que se descobre abaixando uma espécie de tampa, representa, esculpida, a Igreja marchando contra os heresiarcas (glosa do sacristão) e madeira colorida. A liberdade da composição, as figuras, o movimento, a cor, tudo concorre para lhe dar vida. É obra da decadência, observou o mesmo sacristão meu cicerone, cujos curiosos comentários correm parênteses com as riquezas do templo. Interessantíssimo, no seu aspecto de jóia ampliada, o túmulo doirado de um filho de D. João I, que está à direita da entrada principal. O dossel, também de bronze, ferve em arabescos de estilo oriental. A pia baptismal, no gosto pisano. Uma obra capital, pela perfeição da escultura, e que não sei se outra haverá no país que a sobreleve: o retábulo do altar-mor. Dois coros: O baixo, que, na sua composição, revela as melhores intenções flamejantes, mas não aquecerá ninguém; e o alto, sem estilo, nem fé, nem senso comum, luxuoso disparate que nunca mais se olvida, rematando nas pinturas do tecto, que lhe completam lindamente a tonalidade. Nessa gruta de conto fantástico guarda-se a mais preciosa das jóias, de que é o digno escrínio: um facistol de bronze, recocó descabelado. A entrada principal da Sé faz-se por um vestibulo ou «lóggia» de três arcos, fechados por grades de ferro batido que rematam numa loucura de

enfeites e que certamente são, no género, a obra mais rara e surpreendente que existe em Portugal. Lembram as que se encontram no claustro da catedral de Barcelona e são, porventura, de alguns mesmos artistas que ali trabalharam.[...] Sobre os arcos, em nichos góticos, apareciam umas toscas figuras, primitivamente coloridas, e agora levemente rosadas, nota deliciosa, intraduzível, a remoçar aquele conjunto elegante e decrépito. Mas existirá ainda essa grade prodigiosa? Ela estava já tão ferrugenta e mal cuidada!

Entre em Braga algo desconfiado

16, 17

Sé de Braga

Por todo o país os sacristães e cicerones aludem, com rancor, às depredações vandálicas praticadas nos monumentos religiosos pelos franceses, durante as invasões napoleónicas. E então no que toca a rapinagem de objetos preciosos causa dó ouvi-los. É curioso, porém, observar em que progressão constante esses roubos sobem de importância na direção do Norte. Em Alcobaça lançaram a unha às melhores alfaias; na Batalha andou por vinte e cinco arrobas de metal precioso que arrebanharam; em Coimbra... Mas agora Braga é que importa. Assegurou-me o sacristão, ao mostrar o tesouro da Sé, que passaram trinta carros, cheinhos de ouro e prata, os que os mesmos insaciáveis pilhos dali levaram. Permitti-me observar-lhe que, por ser dia do Coração de Jesus, talvez o seu justo ressentimento o inclinasse ao exagero. Jurou-me que não... No entanto, o tesouro da Sé é ainda muito rico e aconselho a quem passar por Braga que o não deixe de visitar.

Entre em Braga algo desconfiado

18, 19

Bom Jesus do Monte

Fui de «americano» ao Bom-Jesus em dia em que os carros descarrilavam a cada instante. Um cavalheiro de aparência respeitável observou-me que isto sucedia raras vezes; outro companheiro, padre, impaciente (ia dizer missa) jurou que sempre que tomava o «americano» acontecia a mesma coisa; um «popular» irascível afirmou que descarrilava da mesma maneira, na semana, nos domingos e dias-santos de guarda, e puseram-se os três de acordo para dizer mal do governo...

Entre em Braga algo

19, 20

Bom Jesus do Monte

<i>desconfiado</i>		
<p>O Bom-Jesus é um sítio paradisíaco, superior, na disposição da paisagem, na abundância e variedade da vegetação, no canto das aves e das fontes, aos mais famosos santuários da Itália (incluindo Madona di S. Lucca, em Bolonha) que se encarrapitam em cerros agudos e têm as suas vias sacras ladeadas de capelas onde se representa, com figuras mais ou menos grotescas, a paixão de Cristo. Duas amplíssimas escadarias monumentais, de magnífico efeito, levam ao adro da igreja, no qual se ergue uma estátua equestre de cavaleiro romano: Longuinhos. Não é, decerto, uma obra-prima; bem longe disso; porém, casa-se à arquitectura e ao ambiente do recinto: preenche cabalmente a sua função ornamental, decorativa. Nas linhas gerais (ó sacrilégio) lembra o Colleone de Verróchio... em caricatura atenuada.</p>		
<i>Entre em Braga algo</i> <i>desconfiado</i>	20	Bom Jesus do Monte
<p>Duas amplíssimas escadarias monumentais, de magnífico efeito, levam ao adro da igreja, no qual se ergue uma estátua equestre de cavaleiro romano: Longuinhos. Não é, decerto, uma obra-prima; bem longe disso; porém, casa-se à arquitectura e ao ambiente do recinto: preenche cabalmente a sua função ornamental, decorativa. Nas linhas gerais (ó sacrilégio) lembra o Colleone de Verróchio... em caricatura atenuada. Mas muito melhor do que Longuinhos era uma velhinha, já dobrada para o chão, como compasso que se fecha, o chaile amplo e rojeiro, e as duas mãos no cabo de um imenso guarda-sol, com o qual batia grandes pancadas no lajedo, ritmando o passo miúdo e titubeante, entrando e saindo da igreja não sei quantas vezes, tomando ares de prelado de farsa com seu báculo de entrudo...</p>		
<i>Entre em Braga algo</i> <i>desconfiado</i>	24, 25	Bom Jesus do Monte
<p>Na madrugada seguinte voltei ao Bom-Jesus, a pé, para assistir ao nascer do sol. Subi a «Via Sacra» já na meia obscuridade do crepúsculo matutino. Ao chegar ao cimo do monte, após a ascensão penosa, abria-se diante de mim uma imensa campina, um mar de claridade, cujo fundo parecia entrever-se nítida e minuciosamente. Mera ilusão: efeito exclusivo do nevoeiro, que se acamara sobre a terra, a um terço de altura do monte. O sol apareceu subitamente, sem</p>		

resplendor nem cromatismos: uma grande brasa que se acabava de consumir. Vinha do poente um rebanho de nuvens pequenas que pareciam deslizar por detrás do vidro do céu, realizando o que eu sempre julgara pura fantasia nos quadros de Guardi.		
<i>Afluência extraordinária a Braga</i>	8, 9	Avenida Central
Afluência extraordinária a Braga depois da feitura da estrada. Se se fizessem as outras que comunicam com o Alto Minho, Braga deve prosperar extraordinariamente: visíveis sinais de progresso material, multiplicidade de novas edificações, melhoramento das ruas. Projecto de jardim no Campo de Santa Ana (descrição do campo) - projecto de teatro. Resistência das velhas ideias na cidade clerical. Maioria do partido absolutista. Nuvem de clérigos: fúria das festas de igreja em que se consomem avultados cabedais. Os juizes arruinam-se. As cruces de pedra no topo do Campo de Santa Ana diante das quais parou a obra da estrada que vem da rua chamada Régua, e que conduz à estrada do Monte.		
<i>Afluência extraordinária a Braga</i>	10	Rua da Régua
5 de Agosto. - Visita a uma fábrica de chapéus - rua inteira de fabricantes, a da Régua. Imperfeição do método: homens seminus ajeitando o feltro à forma: singular instrumento para despedaçar lã, semelhante inteiramente a um arco de rebeca sendo de corda de tripa a parte correspondente à que fere as cordas. Vésperas da Festa do Sacramento em S. Vitor, ou Vitouro. Iluminação: o zé-pereira: estrondo selvagem que já correu a cidade de manhã cedo. - O fogo de vistas, bom o do ar, ridículo e preso. Rivalidade entre S. Vitor e S. Lázaro. Vantagens de S. Vitor para bater o seu adversário, o vir depois no calendário.		
<i>Afluência extraordinária a Braga</i>	12, 13	Bom Jesus do Monte
Domingo 6 de Agosto. - Partida para o Bom Jesus do Monte. Insignificância das capelas dos Passos. Fealdade dos Judeus, trajos heteróclitos desde o homem de armas do séc. XV até aos trajos civis do séc. XVIII: outros de imaginação. Barbárie das esculturas, verdadeiros manequins. Triunfo da teoria da imitação rigorosa nas artes dá a caricatura. O senhor com a cruz às costas		

(rodeado de figuras artisticamente detestáveis) e no momento de vergar sob o peso dela é artístico e expressivo; sobretudo o rosto é de uma solene verdade. As figuras do escadario em pedra não parecem absolutamente más, bem como um S. Pedro arrependido de negar a Cristo num passo à esquerda do escadório. A igreja elegante e de um gosto simples. Bosque de carvalhos que lembra o Buçaco. Os dois carvalhos onde aparece a enxertia espontânea de dois troncos um no outro, espécie de dois irmãos siameses, um à direita do arco da entrada, outro no quarto lanço - belo sitio, o da Mina ao alto por cima do santuário: o vale de Braga, Tibães ao noroeste, e a bacia do Cávado ao norte internando-se para o concelho de Amares ao nascente: além-montanhas: ao noroeste as serras dentadas e alvacentas do Gerês: o panorama ao norte visto com face no chão e por entre as pernas: singular espetáculo.

<i>Afluência extraordinária a Braga</i>	14, 15	Avenida Central
---	--------	-----------------

Jantar excelente. Volta. Trambolhão na carruagem. Procissão à tarde do Sacramento (espécie de Corpo de Deus) de S. Vitor. Afluência de povo: vista magnífica do Campo de Santa Ana. Ordem da procissão. Primeiro: o boi coberto com um manto e com uma tábua fixa nas pontas armada de brocados: origem incerta do boi bento. Os padres explicam-no como um símbolo dos sacrifícios da lei velha contrastando com o Sacramento que vai na procissão e que é sacrifício da lei nova. Explicação indecente. O símbolo contrastando com a realidade ou é que os padres vêem apenas um símbolo de Eucaristia? Segundo: o *Carro das Ervas*, carro de bois enramado e com as armas portuguesas pendentes de canas. Terceiro: a figura da religião com cauda roçagante e sua caudatária entre quatro mariolas vestidos de cavaleiros meio romanos meio do séc. XV e com grandes barbas. Quarto: o pendão do Sacramento com uma custódia borbada seguida de várias irmandades com os respetivos pendões. Notei que nem a aristocracia nem a classe média iam nestas irmandades: eram homens do povo mal disfarçados nos seus trajos domingueiros. A devoção exagerada e convencional de Braga tem já sintomas de decomposição. Quinto: os *vinte e quatro anciãos*. São vinte e quatro indivíduos de opas brancas com faixas de cores, coroas na cabeça e barbas postiças desmesuradas e cabeleiras quase todas pretas como azeviche, e raras grisalhas. Vão em duas fileiras. Quando a procissão pára, parte dos tais anciãos de cabeleiras pretas e gadelhudas, e que levam turíbulos, ajoelham virados pra o pálio e

incensam o Sacramento cantando um hino: é a única coisa poética do drama processional.		
Afluência extraordinária a Braga	15, 16	Sé de Braga
<p>Sé - A Sé de Braga - três naves transfiguradas e caiadas. Órgãos magníficos. Talha excelente das cadeiras do coro mas inferior às dos coros de Arouca e Lervão. A sacristia. Cálix antiquíssimo: lenda em árabe no estojo. O baixo-relevo numa ágata de mais de palmo. Vestimentas ricamente bordadas. Sepultura do arcebispo D.Gonçalo Pereira (?) na respetiva capela encostada a uma torre. Tradição de que ordenou em seu testamento que se algum dia os Castelhanos se apoderassem de Portugal lhe deitassem em cima a torre. Não lhe fizeram a vontade em 1580. Cadáver mirrado do arcebispo D.Lourenço. Espetáculo repugnante. A boca aberta onde se vêem ainda alguns dentes. As pontas dos dedos em parte destruídos. Inscrição romana ao lado da porta lateral, inscrição a Ísis nas costas da capela-mor, e aí mesmo uma memória do falecimento de D.Dinis.</p>		
Afluência extraordinária a Braga	17	Serra da Falperra
<p>Sexta-feira 11 de Agosto. - Partida às cinco horas para Guimarães. O abade da Barca. A serra da Falperra; ideia exagerada dela - é um monte modesto comparado com as serras gigantes da Beira, e o tracto despovoado de insignificante extensão: aspecto ingrato: os xistos nus de vegetação e quebrados à superfície tornam-na uma espécie de acervo de cacos velhos. Falta de senso estético nos salteadores que a frequentavam. O salteador é uma cousa poética e terrivelmente sublime; o seu meio são os penhascos, as portelas, gargantas e vales tristes, as florestas sombrias. Vê-se que o verdadeiro salteador estava já há muitos anos desmoralizado.</p>		
Afluência extraordinária a Braga	18-20	Serra da Falperra
<p>«A Falperra! A Falperra!» Cismava eu, porque divisávamos umas alturas por entre os ulmeiros do campo de S.João encaminhando nos para a ponte Deste, ao sair de Braga caminho de Guimarães. As encostas que se iam elevando em frente de nós eram para mim um desses sítios dos quais o viajante não se aproxima sem que lhe bata mais rápido o coração. [...] A Falperra é,</p>		

como as gargantas penhascosas do Alfaval, ao descer pelas quebradas orientais da serra de Ossa para as margens pitorescas do Odgebe, ou como os antigos pinhais da Azambuja, de que só restam memórias, um lugar de romagem para os pios crentes das lendas de salteadores. Acercando-me da Falperra da realidade, a minha Falperra ideal alevantava-se-me no espírito como gigante disforme; como um Nemrod de granito, caçador infatigável de viandantes, rociando de contínuo os duros membros com o sangue das vítimas, acalentando-se com os gemidos dos moribundos, amando ouvir nos recessos das suas cavernas o tinir do ouro e os debates veementes sobre o repartir das presas. Era uma Falperra sombria, carrancuda, grandiosa a que eu possuía, e que dentro de pouco ia aferir pela real. E por isso cismava ao transpor a ponde do Deste, e o coração me pulava com desusada energia.

<i>Afluência extraordinária a Braga</i>	26, 27	Serra da Falperra
---	--------	-------------------

A Falperra é um solecismo de artigo de fundo e uma mentira de orçamento; é a negação do constet sibi de Horácio; é o Otelo de barrete branco junto à chaminé da Vitela de Ouro na Rua de S. João em Braga; é Frederico o Grande a puxar o boi bento na procissão do Corpus de S. Vitouro; é um boletim de Nicolau, o papa-czar; é o governo representativo com a centralização administrativa: é tudo quanto há mais falso, mais absurdo, mais estupidamente impossível. Quando se tem o tremendo nome de Falperra tem-se deveres graves que cumprir. Que és tu, Falperra da realidade, com os outeirinhos mal distintos como a efigie de moeda safada, com o teu manto de xistos quebrados, com a tua abstenção absoluta de agulhas graníticas, de fojos escuros, de precipícios aprumados, de matos sombrios, de algares tortuosos; que és tu, senão a proloção através dos séculos do monte de cacos velhos que se acumula à porta de uma olaria?

<i>Afluência extraordinária a Braga</i>	28	Serra da Falperra
---	----	-------------------

A Falperra das tradições, dos terrores dantescos não existe, e essa indecente Falperra, acervo de coisas ineptas como actual lei dos forais, equipararam-na à pacífica e humilde rua de povoado; dobraram-lhe a cerviz sob os pés de poucos soldados. E foi justiça: justiça plena. Oh montanhas da Beira, oh serranias do Alto Vouga e do Alto Mondego, se a tanto se atrevem, que vão plantar

tendas de guerra no topo das vossas fragas; que patrulhem por cima dos vossos píncaros e à borda das vossas valeiras; que façam de vós, se podem, a prosa chata e vilã das ruas de qualquer cidade! O que é certo é que, passado o primeiro ímpeto de despeito por ter achado em lugar da Falperra a sua caricatura, o espírito vai-se involuntariamente embrenhando em cogitações severas e tristes.

Lua deitada no feno

17, 18

Posto do Turismo

Gostava que nos vissem de volta à Arcada, ele a meditar naquela lua de Ribeira de Pena num Verão de outrora, tão de rosas e febre não tornaria a aparecer, ou, se calhar, nos assuntos de oficina, já sob orientação do tio Zé António, recordava-o a afeiçoar o ferro que a forja amaciara, a esmerilar e a soldar, os semeadores e sachadores dispostos a um canto, na saída para o quintal, Miúdos, tratem de pintar as alfaias!, homem de labuta e poupança, léguas sem conta, estórias e cismas por partilhar, palavras medidas, ele a empreender na morte, eu a presenciar o cortejo de padres e seminaristas rasando o edifício do Turismo.

Quando o Claustro é Sem Ninguém

23- 25

Largo Senhora-a-Branca

As pedras da Sé. Tentei um dia cantar a Senhora que dá de mamar ao Menino. Muito humana aquela Senhora, à sombra da catedral, de seio descoberto que o menino suga, como uma mãe verdadeira, mãe pobre parando no caminho a aleitar o filho. Jamais tive especial devoção à Virgem. Sempre ela me pareceu alheia à minha condição de mulher, à minha fatal descendência de Eva. Ela, a que nasceu diferente, a toda pura, a que nunca experimentou da guerra crua entre o espírito e a matéria. Mas à Senhora do Leite da Sé de Braga, como lhe quero! Braga tem assim nomes lindos de santos a dar poesia aos velhos lugares. É a Senhora do leite, a Senhora-a-Branca, a Senhora da Boa-Memória. Volta da Sé, os pobres. São Nicolau vale àquela gente nas dores de ouvidos e eles crêem que no altar, para lá da pedra, se ouve o mar. Santa Luzia com dois pares de olhos - a fé está nos da bandeja. Santa Catarina para os males da cabeça. Os Santos Pretos. A Senhora-da-Boa-Memória: o altar pejado de cérebros de cera.

Quando o Claustro é Sem Ninguém

23-25

Rua de Nossa Senhora do Leite

As pedras da Sé. Tentei um dia cantar a Senhora que dá de mamar ao Menino. Muito humana aquela Senhora, à sombra da catedral, de seio descoberto que o menino suga, como uma mãe verdadeira, mãe pobre parando no caminho a aleitar o filho. Jamais tive especial devoção à Virgem. Sempre ela me pareceu alheia à minha condição de mulher, à minha fatal descendência de Eva. Ela, a que nasceu diferente, a toda pura, a que nunca experimentou da guerra crua entre o espírito e a matéria. Mas à Senhora do Leite da Sé de Braga, como lhe quero! Braga tem assim nomes lindos de santos a dar poesia aos velhos lugares. É a Senhora do leite, a Senhora-a-Branca, a Senhora da Boa-Memória. volta da Sé, os pobres. São Nicolau vale àquela gente nas dores de ouvidos e eles crêem que no altar, para lá da pedra, se ouve o mar. Santa Luzia com dois pares de olhos - a fé está nos da bandeja. Santa Catarina para os males da cabeça. Os Santos Pretos. A Senhora-da-Boa-Memória: o altar pejado de cérebros de cera.